



COTRIJUÍ

A REELEIÇÃO DE ILGENFRITZ, CASAGRANDE E SPEROTTO



Euclides Casagrande, Ruben Ilgenfritz da Silva e Celso Sperotto

A chapa única, liderada por Ruben Ilgenfritz da Silva teve o apoio de 91,76 por cento dos votantes

6, 7 e 8

PLANTIO DIRETO



Dia de Campo apresentou várias opções em Augusto Pestana

Um sistema em consolidação

Recorde de público no 4º Encontro Nacional de Plantio Direto e a grande resposta dada pelo produtor ao trabalho de fomento com plantadeiras, promovido pela Cotrijuí, apontam a consolidação do sistema conservacionista

14 a 16

TRIGO

Novas regras para a cultura

Novo plano fixa em 17 por cento o imposto de importação e prioriza a qualidade na comercialização

9

UNIÃO CENTENÁRIA

Primeira Apsat de Ijuí mostra a força da organização

11



Um grande número de produtores reunidos na lavoura já é um sinal de que alguma mudança está ou pelo menos deve acontecer. Esse sistema foi permanente no 4º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha, realizado em Cruz Alta, entre final de fevereiro e início de março. Um sem número de técnicos, pesquisadores e também produtores experientes de todo o país e da América Latina estiveram explicando as vantagens e os benefícios obtidos pelo sistema de plantio direto, comprovados, ao mesmo tempo, na área experimental montada para o evento.

Poucos dias depois, entre 25 e 31 de março, a Cotrijuí, que

tem trabalhado pelo avanço do plantio direto através do Programa Regional de Microbacias Hidrográficas, se encarregou não só de divulgar, mas de levar alternativas concretas para o desenvolvimento do sistema conservacionista. De novo o produtor deu uma grande resposta de participação, inserindo-se em um trabalho que inicia com a apresentação de diversos modelos de semeadeiras, mas passa decisivamente pelo fomento financeiro que deve levar mais um instrumento de tecnologia para a lavoura. Um panorama do 4º Encontro Nacional do Plantio Direto e o trabalho de fomento da Cotrijuí para o sistema estão nas páginas centrais e 16.



DO LEITOR

Incertezas de um novo plano

Paulo Roberto da Silva

Inicialmente convém recolocar que, toda a tentativa que tenha como objetivo: 1) O combate à inflação; e, 2) A melhoria do poder aquisitivo, principalmente da camada mais populosa do país, terá sempre e incondicionalmente a torcida e apoio do setor agrícola. Porém, os sete ou oito exemplos anteriores, desde 1986, não atingiram tais objetivos e não oportunizaram resultados positivos ao tão combatido complexo agropecuário. Será que uma velha história irá se repetir? Já não teremos assistido o final desse filme?

No dia 28 de fevereiro o governo anunciava, com a Medida Provisória nº 434, novo programa de estabilização econômica, com a instituição da Unidade Real de Valor - URV.

Há uma semana de sua implantação - este artigo foi redigido no dia 10 de março -, o fato não permite ainda uma análise definitiva. Mas, por outro lado, não nos impede de explicitar algumas de nossas tantas interrogações e incertezas sobre o sucesso, ou não, deste novo plano.

A URV é um novo indexador igual a tantos outros que surgiram nos planos anteriores: ORTN, BTN, Plano Cruzado, etc... A URV terá valor diário a ser fixado pelo Banco Central com a diferença de que será transformado em uma nova moeda, o Real, num prazo máximo de 360 dias. Alguns futurólogos já estão prevendo que entre 12 e 15 de abril, quando a URV alcançar a cifra de CR\$ 1.000,00, será transformada em Real, tendo como paridade o dólar norte-americano.

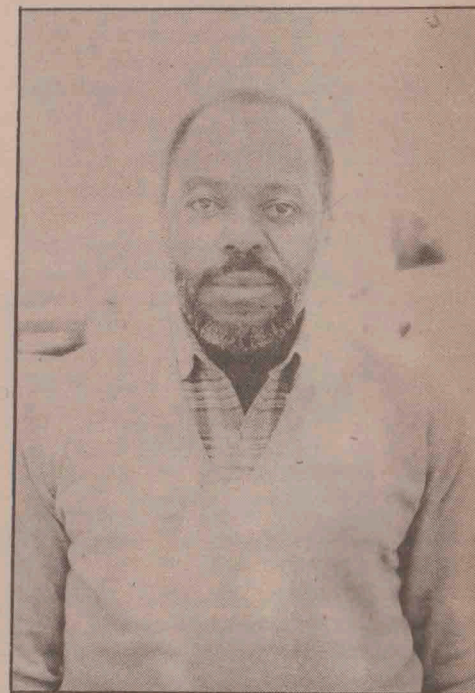
A URV, como ficou estabelecido, indexou, nesta primeira fase, apenas os salários, deixando os preços em geral ao sabor do mercado. E nesse mercado, conforme todos sabemos, gravitam voracidade e ganância dos governantes - tarifação de energia elétrica bem acima da inflação, com 56 por cento de reajuste, oligopólios e cartéis remarcando de forma vergonhosa, seus produtos.

Ainda nesta primeira fase a URV não vai indexar os preços mínimos de produtos primários nem os contratos agrícolas. Nestes casos, o indexador continuará sendo a TR, corrigindo os contratos diariamente, enquanto os preços o serão somente a cada 15 dias.

O que se pode, e deve, questionar, é como vai ser a URV em relação ao câmbio? O que se pode presumir desde já é que ela deverá pressionar a taxa cambial provocando uma maior defasagem, onerando as exportações e facilitando as importações, a exemplo do que ocorre na Argentina, com o Plano Cavallo, que tem se revelado tenaz e mesmo cruel para a agricultura.

Por que não indexar tudo à URV, proporcionando a chamada isonomia? Na primeira semana do plano a agricultura perdeu crédito de EGF. Isso demonstra que o agricultor continua jogando no escuro. Por fim, é preciso enfatizar que a agricultura e seus agentes de produção não têm a alternativa que possuem outros setores produtivos. Ela não pode suspender atividades e seu processo gerador em pleno desenvolvimento das safras, já que nosso calendário é contingenciado pela natureza.

Por todos esses fatores, o que nos resta é conferir de cima o "gerenciamento dia a dia" do novo Plano e propor as medidas corretivas para que o setor agrícola não venha a ser mais uma vez, considerado o vilão da história, em benefício das classes que sempre se locupletaram com os planos econômicos que nos foram impostos em anos passados. Agora é deixar o tempo passar e ver o que vai acontecer.



"A URV é um novo indexador igual a tantos outros que surgiram nos planos anteriores..."

Paulo Roberto Silva, é engenheiro agrônomo e assessor da Fecotriga

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400 Telex: 0552199 - Fax: 332-5161 CGC ICM 065/0007700 Inscr. INCRA nº 248/73 CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90.480-000 - Fone: (051) 361-2555, Fax (051) 341-4466 - Telex 511102 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Seção da Barra - Distrito Industrial - CEP 96.204-000 - Fone (0532) 34-1500 - Telex 531120 - Fax (0532) 34.1500

Dom Pedrito - BR 293 - Km 237 - CEP 96450-000 - Fone (0532) 43-10-02 - Telex 532362 CRTS - Fax (0532) 43-14-85

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional

Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90480-000 - Fone (051) 361-2555 - Fax (051) 341-4466

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.

Ijuí - Rua das Chácaras, 1513 - Cx. Postal 111 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3765 - Fax (055) 332-5161

- Cotridata - Processamento de Dados Ltda.

Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400 - Telex: 0552199 - Fax (055) 332-5161

- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.

Avenida Porto Alegre, 668 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO - Fax (055) 332-3949

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente

Ruben Ilgenfritz da Silva

1º Vice-presidente

Euclides Casagrande

2º Vice-presidente

Celso Bolívar Sperotto

Conselho de Administração (Efetivos)

Juarez Padilha, Claudivan Rohenkohl, Valdir Domingos Zardin, Luís Ottonelli, Jorge Alberto Sperotto, Hédio Antônio Weber, Braulio Martins Rocha, Ruben Marcos Fiad Bressan, Anselmo Garcia da Rocha e José Antônio Peterle

Suplentes:

Jorge Conceição, Romélio Marcks, Nilto Irineo Gottens, Dair Fischer, Jaques Della Flora, Nirson Fritzen, Luiz Fernando Low, Ezio Barzotto, Enor Carmiel e Ricardinho Luiz Pileco

Conselho Fiscal (Efetivos)

Rudy Arno Bonmann, Carlos D. Poletto e Oswino Bartsch

Suplentes:

João Santos da Luz, José Jorge Rieth de Oliveira e Paulo Dalmaso

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira	584.800 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Total	895.800 t

COTRIJORNAL

Associado da ABERJE

Órgão de circulação ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

REDAÇÃO

Dária C.L. de Brum Lucchese, editora; Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre

REVISOR

Sérgio Corrêa

- Impressão na Zero Hora - Porto Alegre

COTRIJUÍ

A visita dos franceses

Diretor geral do Ministério da Agricultura da França veio conhecer o trabalho da Cotrijuí e Unijuí na área agrícola. Outros dois franceses, da Cana, vieram avaliar a produção de soja

Conhecer o trabalho da Cotrijuí na área agrícola. Esta finalidade da rápida passagem por Ijuí do diretor geral do Espaço Rural Floresta, do Ministério da Agricultura e Pesca, André Grammont e de sua assessora Elizabeth Guyader. Os representantes do ministério francês vieram ao Brasil atendendo a convite do Ministério das Relações Exteriores. Na Cotrijuí, André Grammont e Elizabeth Guyader foram recebidos pelo superintendente Telmo Frantz.

O interesse em conhecer a Universidade de Ijuí e a Cotrijuí surgiu por ocasião de uma visita do superintendente Telmo Frantz ao Ministério da Agricultura da França, quando, em audiência com André Grammont, falou do trabalho que a Unijuí e a cooperativa vêm realizando nesta área. "Na ocasião, relembra Telmo Frantz, André Grammont mostrou-se entusiasmado com o Programa da Década da Cotrijuí. Considerando a abordagem que vem sendo dada pela Cotrijuí e Universidade a problemática agrícola", "especialmente no que diz respeito a pequena propriedade", André Grammont acenou com a possibilidade de apoio a projetos existentes.

Pela vinculação entre cooperativa, universidade e Sebrae, os representantes do Ministério da Agricultura da França mostraram interesse pelo Projeto Piloto de Qualificação do sistema de Produção dos Pe-

Revista Exame: os homens que fazem chover

Sob o título "Os homens que fazem chover", a revista Exame, que circulou no mês de março, destacou como tema de capa um grupo de cinco grandes empresas nacionais e seus executivos principais, considerados mestres do "turnaround", aqueles que conseguiram dar a volta por cima.

Três empresas são sediadas em São Paulo e duas no Rio Grande do Sul. As gaúchas são a Cotrijuí e a Iochpe-Maxion. As paulistas são a NCR, subsidiária do grupo norte-americano AT & T, a Rossi Residencial e a Plascar, maior fabricante de autopeças de plástico injetado do país.

Os executivos VIP são: Ruben Ilgenfritz da Silva, Cooperativa Regional Tríticola Serrana Ltda., engenheiro agrônomo, 55 anos, formado pela Universida-

de Federal do Rio Grande do Sul; Lélío Salles Ramos (Iochpe-Maxion), paulista, engenheiro; José Paim de Andrade Júnior (Residencial Ossi), executivo, paulista; Antônio Calos Rocha (NCR), engenheiro químico e Didior Maurice Klots (Plascar), francês, executivo, 46 anos.

Conforme ressaltou a revista, as empresas focadas no diagnóstico tinham sérios problemas de ordem conjuntural nos respectivos conjuntos, fossem de natureza de infraestrutura, aporte financeiro, de pessoal, de relacionamento de mercado - técnico, político ou de "marketing". Em curto prazo conseguiram dar respostas eficazes aos próprios problemas, demonstrando como um negócio pode ser redirecionado quando ao timão de um bom executivo.

Agência do BB tem novo gerente

A agência do Banco do Brasil de Ijuí tem novo gerente. Arnaldo Ballus tomou posse no início do mês em substituição a Dorildo Berger, que assumiu funções junto à agência do Banco do Brasil em Passo Fundo. Procedente de Marau, onde se encontrava desde 1991, Arnaldo Ballus começou como gerente em Estrela, em 1975. Mais tarde passou pelas agências de Colorado, no Paraná, Tenente Portela, Herval Seco, Itiúba, na Bahia, Quaraí e Marau.

Logo após a sua posse, depois de tomar conhecimento da estrutura interna da agência de Ijuí, Arnaldo Ballus procedeu uma série de visitas a órgãos de comunicação e empresas. Na Cotrijuí, foi recebido pela diretoria eleita e contratada.



Arnaldo Ballus

Elizabeth Guyader, André Grammont, foto acima -, Christophe Callu Merite e Olivier Kriegk: recebidos, na Cotrijuí, pelo superintendente Telmo Frantz



quenos Produtores de Leite do Município de Ijuí. "Essa visita representou o ponto de partida para desdobramentos futuros mais concretos", diz Telmo Frantz. O projeto será enviado ao Ministério da Agricultura e Pesca da França, para que o governo francês decida o tipo de apoio a ser dado. Segundo Frantz, cabe agora a Cotrijuí e a Unijuí dar prosseguimento a idéia para que ela realmente se concretize.

REPRESENTANTES DA CANA

Ainda no mês de março, dia 21 de abril, a Cotrijuí recebeu a visita de mais dois franceses ligados a Cooperative Agricole de la Noëlle d'Anceis, a Cana. Olivier Kriegk, diretor geral da Divisão de ração Animal e Christophe Callu Merite, responsável pela área de comercialização. Acompanhados pelo analista de mercados e professor da Unijuí, Argemiro Luís Brum, Christophe Callu Merite e Olivier Kriegk foram recebidos pelo diretor superintendente Telmo Frantz e pelo responsável pela Fábrica de Rações, João Kloth.

A Cana é uma cooperativa especializada em ração animal e tem a soja como a matéria prima principal. A Cotrijuí vem tendo ações de cooperação com a Cana desde 1977. No Brasil, os representantes da cooperativa francesa visitaram cooperativas e produtores de soja no Mato Grosso do Sul, no Paraná e no Rio Grande do Sul e os portos de Paranaguá e Rio Grande, estudando o mercado de matéria prima e as condições de atendimento que são dadas aos compradores.

LEITE

Preço ainda não será convertido em URV

A utilização da Unidade Real de Valor - URV - no pagamento do leite aos produtores só deverá ser adotada quando a nova moeda - o Real - entrar em vigor. A decisão foi tomada pela indústria em reunião realizada com os produtores. A conversão do preço do leite para URV já havia sido solicitada pela Comissão Regional de Produtores de Leite da Cotrijuí, em reunião realizada com a direção da CCGL, na Afucotri de Ijuí, no dia 10 de março. Entre atender a solicitação dos produtores e transformar o preço em URV, a indústria em reunião que teve a participação da Fetag, preferiu ser cautelosa a jogar a decisão, que já havia sido ventilada, para mais adiante. A justificativa usada é a de que a conversão afetaria também o consumidor, que passaria então, a ter o preço do leite corrigido diariamente. De acordo com a indústria, isso poderia fazer com que os preços de outros componentes dos custos também disparassem.

O reajuste do leite, para a primeira quinzena de abril foi de 21,1 por cento. O produtor receberá, portanto, CR\$ 186,50 por litro de leite cota consumo.

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Associação reelege diretoria

Pedro Lena - ao centro - ladeado por Orlando Becker e Jair da Rosa. A diretoria eleita para mais dois anos de trabalho à frente da AIP



A Associação dos Inseminadores Pioneira elegeu, em assembléia geral ordinária realizada no dia 25 de fevereiro na sede da Afucotri de Ijuí, sua nova diretoria para mais um período de dois anos. Para presidente foi reeleito Pedro Luciano Lena; para tesoureiro, foi eleito o produtor Orlando Becker e para secretário, Jair da Rosa, todos de Ijuí. O Conselho Fiscal, também eleito na mesma ocasião, ficou constituído pelos titulares Alzemir Crespan, de Vista Gaúcha, Arno Deckert, de Vila Mauá, Ijuí e Osvaldir Andrighetto, de Santo Augusto. Para a suplência foram escolhidos Sérgio Didoné, de Tenente Portela, Marcos Bigolin e Moegens Nielsen, ambos de Ijuí.

Na presença de associados de Ijuí, Tenente Portela, Santo Augusto e Vista Gaúcha, Pedro Lena traçou algumas metas para os próximos dois anos e fez um avaliação do trabalho realizado em 1993, quando a AIP deu continuidade ao trabalho de interiorização da inseminação artificial. Essa interiorização ocorreu via treinamento de produtores e colocação de botijões de sêmen em comodato. Falou dos convênios que hoje já atingem 12 prefeituras da região - Barra do Guarita, Derrubadas, Vista Gaúcha, Tenente Portela, Miraguaí, Santo Augusto, São Valério, Ajuricaba, Ijuí, Coronel Barros, Augusto Pestana e Jóia - "todas elas subsidiando a inseminação artificial aos produtores", explicou.

Atualmente encontram-se vinculadas a Associação, 28 postos de inseminação artificial, espalhados por vários municípios da área de atuação da Cotrijuí na região. A inseminação artificial registrou, no ano passado, um crescimento de 36,3 por cento. Pedro Lena destacou ainda o trabalho de avaliação linear nos rebanhos que vem sendo feitos nas Unidades da Cotrijuí dos municípios de Augusto Pestana, Ajuricaba, Santo Augusto e Tenente Portela "e que tem com finalidade melhorar o padrão zootécnico dos animais". Em 1993 foram avaliados, por três empresas de inseminação artificial, 1.252 vacas.

Avanços do Programa da Década

São muitos os resultados obtidos pelo Programa da Década, o principal vetor de discussão nas reuniões de safra 93/94, onde também foi destacado a maior participação de todos os envolvidos no sistema produtivo

Com praticamente três anos de ação, o Programa da Década foi um dos principais vetores de discussão durante as reuniões de safra 93/94 realizadas em todas as unidades da Cotrijuí, de 22 de fevereiro a 10 de março. Contando com a grande participação do associado - só em Ijuí mais de 400 produtores estiveram presentes na Afucotri e em Augusto Pestana ao redor de 600 produtores - as reuniões trouxeram esclarecimentos sobre política interna da cooperativa, resultados do exercício do ano anterior, assistência técnica e fomento agropecuário, normas de recebimento e comercialização entre outros assuntos colocados pela direção eleita e contratada.

Avaliando os rumos da Cooperativa através de um trabalho de redefinição de prioridades e estabelecimento de novas diretrizes iniciado há três anos, o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva enfatizou que o propósito fundamental de tornar o produto um meio de viabilizar o produtor é um processo que apresentou muitos resultados, mas que exige ainda muita participação da comunidade. "Precisamos superar entraves próprios, buscar recursos, mas necessariamente precisamos entender que a realidade não muda pela ação única de uma ou outra entidade", disse, chamando atenção para a responsabilidade de todos os beneficiados com a mudança do sistema produtivo regional.

Na mesma linha de avaliação, o superintendente Telmo Frantz lembrou que, embora não seja única frente de trabalho, o processo de parceria com as prefeituras da região é fundamental para a sustentação do programa de desenvolvimento regio-



Reunião em Ajuricaba
Como nas outras unidades, grande participação



Otaliz de Vargas Montardo
Dados sobre conservação do solo em microbacias

nal, a partir do qual o objetivo econômico do produtor acaba se transformando em uma proposta a ser respaldada a nível estadual, federal e até internacional.

Como balanço desse trabalho, Telmo Frantz apontou a injeção de um maior volume de recursos orçamentários para a

agricultura neste ano, como resultado da mobilização desencadeada pelo Programa da Década. A mesma mobilização que tem servido para impulsionar a criação de conselhos de desenvolvimento agropecuário e assegurar a participação efetiva das entidades do setor na elaboração de projetos e

programas para o meio rural. E mais ainda para colocar em funcionamento os fundos de financiamento que representam um mecanismo essencial dentro de uma tendência de municipalização da agropecuária.

RECUPERAÇÃO DO SOLO -

Pelo lado mais operacional, o Programa da Década no que diz respeito a sua parte específica de conservação do solo em microbacias hidrográficas já tem contabilizado 46 projetos em todos os 19 municípios da área de atuação da cooperativa, informou o diretor da Divisão Agrotécnica, Otaliz de Vargas Montardo. Assinalou a importância desse trabalho que teve como primeiro passo a recuperação e ocupação racional do solo e deve se consolidar pelo avanço do sistema de plantio direto que ocupa hoje 16 por cento da área da região.

O diretor agrotécnico destacou também o crescimento do processo de associativismo responsável pela existência de 102 grupos de ensiladeiras e de dez Apsats em operação e mais nove em construção. Afora isso, a própria suinocultura está sendo incrementada pelo Plano de Expansão Suinícola, com aprovação de 148 projetos somente na área de atuação da cooperativa. Em relação as metas para este ano, Otaliz apontou a reestruturação da assistência técnica em que deve ser dado muita ênfase para o gerenciamento da propriedade, já que "cada vez mais a sua eficiência depende da capacidade do produtor em gerenciar todos os seus recursos disponíveis".

Agropecuária tem mais verba em 94

Resultado direto da mobilização regional, a destinação orçamentária para a agricultura nas prefeituras da área de atuação da Cotrijuí, cresceu significativamente em relação a 93. 10,8 milhões de dólares deverão ser aplicados neste ano em programas de conservação do solo em microbacias, além de outros do interesse direto do setor.

Destacando a decisão coletiva de priorizar a agricultura, o superintendente da Cotrijuí, Telmo Frantz, diz que esse atendimento inclusive acrescentando mais dois milhões de dólares em relação ao ano passado, facilita o andamento dos projetos da cooperativa. "A agricultura está sendo vista como um fator gerador de riquezas pelos poderes públicos", salienta o superintendente.

O município de Vista Gaúcha ainda continua sendo o primeiro exemplo nessa avaliação colocada pelo superintendente da Cotrijuí, embora de uma forma generalizada todos os municípios tenham ampliado os seus orçamentos. Na verdade, o que Vista Gaúcha tem feito é colher os resultados de uma política iniciada com a criação do Funderur, e que hoje eleva a dotação orçamentária programada em 25 por cento para 35 por cento.

Valdir Sangaleti, coordenador de agropecuária em Vista Gaúcha, dá uma idéia precisa sobre a importância do Funderur, informando que em 93, 42 por cento dos projetos de financiamento ao produtor foram cobertos pelo Fundo, sendo o restante atendido pela dotação orçamentária. Nesse ano, juntando as duas fontes, o município já tem programado um

número maior de projetos de financiamento que incluem instalações na bacia leiteira, repasse próprio de sementes pela prefeitura - uma forma de assegurar qualidade e época de plantio recomendada - repasse de 19 mil e 500 quilos de semente de aveia e quatro mil quilos de ervilhaca, fertilizantes e corretivos para uma área aproximada de 400 hectares, além dos chamados pequenos projetos como reformas de estábulo, construção de estercueiras e silos trincheira.

Além disso, um outro programa coberto pelo Fundo alcança a doação de secadores de leito fixo. Sangaleti diz, entretanto, que a grande maioria dos projetos de construção são realizados pela prefeitura. "É uma forma de assegurar a integridade da obra e dar maior poder de negociação à prefeitura", explica o técnico lembrando que Vista Gaúcha tem estrangulamentos, mas que o Fundo tem amenizado o problema.

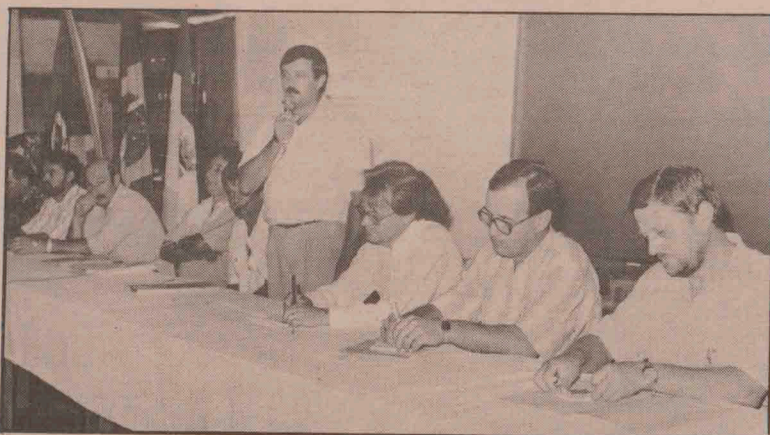
Inhacorá também busca alternativas para incrementar a correção e conservação do solo. Daltro Zambonato, chefe do departamento de agricultura do município, assina a que neste ano o programa de correção do solo, realizado por enquanto pelo repasse de calcário, deve atingir mais de 80 propriedades. Provavelmente duas mil toneladas - o dobro do ano anterior - serão colocados na lavoura e com um prazo de três anos para o pagamento - um a mais do que em 93 - e com custo menor: 170 quilos de soja por tonelada de calcário contra os anteriores 177 quilos.

RECURSOS ORÇAMENTÁRIOS PREVISTOS PARA A AGRICULTURA PELOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DA COTRIJUI 1994 (Valores de janeiro)

Município	CR\$	IS\$	% orçam.
Vista Gaúcha	20.000.000,00	653.594	25,00
Barra do Guarita	171.000.000,00	558.823	18,00
São Valério	300.000.000,00	980.000	15,00
Miraguaí	98.800.000,00	322.875	13,00
Dois Irmãos	208.000.000,00	679.738	13,00
Erval Seco	203.800.000,00	666.013	10,19
Tenente Portela	400.000.000,00	1.307.189	10,00
Derrubadas	100.000.000,00	326.797	10,00
Redentora	230.000.000,00	751.633	10,00
Braga	207.401.600,00	677.781	7,88
Chiapetta	172.900.000,00	565.032	7,67
Augusto Pestana	200.000.000,00	656.209	7,18
Ajuricaba	105.000.000,00	343.137	7,00
Coronel Barros	105.906.900,00	346.098	6,66
Inhacorá	88.450.000,00	289.052	6,50
Jóia	72.639.900,00	237.385	6,00
Coronel Bicaco	154.000.000,00	503.267	5,50
Santo Augusto	155.500.000,00	508.169	2,62
Ijuí	140.244.000,00	458.313	1,04
TOTAL		10.831.105	

Compromisso com o solo

2º Encontro Municipal de Microbacias Hidrográficas de Chiapetta reafirma o compromisso com a conservação do solo através de uma discussão variada de questões ligadas a organização do meio rural



Prefeito João Stamm na abertura do ...



... encontro que reuniu mais de 400 pessoas

gente com certificado de propriedade em cartório, com área cercada, mas tão pobre em solo, "como um sem-terra".

Como tem feito em outras passagens pela região, o ex-prefeito de Marau, José João Santin, voltou a reafirmar a importância do poder público para efetivação de um programa de microbacias hidrográficas, coordenado pelo Conselho de Agropecuária, conforme sua própria experiência. Marau foi um dos primeiros municípios gaúchos a descobrir os dividendos trazidos com a recuperação do solo e organização do meio rural. Iniciado em 1985, o programa de microbacias de Marau elevou a produtividade agropecuária e também os níveis de qualidade de vida, disse Santin, lembrando que hoje somente duas comunidades não possuem telefonia rural. Citou também a visita de represen-

tes de 104 países que foram conferir a experiência do seu município.

CONSCIENTIZAÇÃO - O prefeito de Mamborê, Armando Alves de Souza repetiu o destaque dado por José Santin. "Mas tem que haver uma conscientização profunda de todos os envolvidos no processo produtivo", disse o prefeito que administra hoje uma arrecadação em ICMS onde 60 por cento é oriunda da agropecuária.

A virada do município paranaense começou em 1983, com a instalação de uma das quatro microbacias pilotos organizadas pelo Programa de Manejo Integrado de Solo e Água, contou o coordenador da Emater de Campo Mourão, Belmiro Ruiz Marques. Com apoio do Iapar e da Prefeitura "conseguiu-se grandes avanços no que diz respeito a organização do produtor, da mudança de menta-

citricultura e piscicultura, para o que a administração tem garantido todo o apoio necessário.

Ruben Ilgenfritz da Silva reiterou a importância de dotações orçamentárias condizentes para o setor que mais responde em arrecadação nos municípios essencialmente agrícolas, e que esse investimento é fundamental para realmente cuidar do solo.

Preocupações da Fepan

O trabalho em microbacias hidrográficas deve dar atenção a poluição ambiental no que diz respeito a destinação das embalagens de agrotóxicos, afirmou o engenheiro agrônomo Gustavo de Oliveira Pereira, representante da Fundação Estadual de Proteção ao Ambiente Natural, no 2º Encontro de Microbacias em Chiapetta.

É preciso que haja um envolvimento comunitário através de campanhas educativas que mostrem o manejo adequado destas embalagens, disse o agrônomo apontando algumas alternativas que são discutidas pela entidade como o retorno das embalagens, ou sistemas de tanques de concreto ou ainda o melhoramento dos depósitos nas propriedades.

Estas alternativas são citadas no momento em que municípios como Ijuí tem buscado saídas para a destinação do lixo tóxico como a construção de um estacionamento de embalagens e posteriormente uma usina de reciclagem. Propostas neste sentido, vem sendo levantadas pela Cotrijuí, Aipan, Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Emater e Unijuí. O grupo deve se reunir com a Andef por estes dias para dar andamento no projeto de reciclagem do lixo, no qual as maiores dificuldades residem na transformação do material plástico.

lidade", salientou o agrônomo.

Mas se o chamado Pmisa foi o pontapé

inicial para que Mamborê conte hoje com 100 por cento da sua área agricultável terraceada, 100 por cento de estradas readequadas na região de microbacias e 60 por cento dela cultivada em plantio direto, o Paraná Rural foi a injeção financeira para expandir o trabalho. Lançado em 1988 pelo governo estadual com apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o Paraná Rural atende 30 por cento da área do Estado através de três pontos básicos: adubação verde, cobertura do solo e plantio direto; práticas mecânicas de terraceamento e readequação de estradas e medidas de controle ambiental.

Com uma execução prevista para sete anos, o Programa já ultrapassou a meta inicial, relata o agrônomo, dizendo que o Estado possui hoje dois milhões e 200 mil hectares organizados em microbacias espalhadas em 600 municípios. Nesses, produtores e prefeituras contam com subsídios diretos com 50 por cento do valor do terraceamento ou pagamento a fundo perdido para a obra total de readequação de estradas. Estes e outros incentivos fazem com que municípios com Mamborê sejam conhecidos pelas médias de produtividade de 50 sacos por hectare na soja e de 120 sacos de milho por hectare.

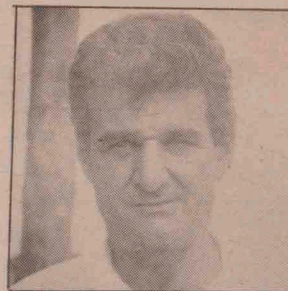
Plantio direto em microbacia

Aumento da produtividade com elevação da qualidade de vida. Esses são dois objetivos fundamentais do trabalho em microbacias hidrográficas reafirmou o supervisor da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein. Ele mostrou a estrutura geográfica de uma microbacia e apontou todas as tarefas técnicas a serem realizadas, desde o fechamento de vossorocas até a readequação de estradas e também os aspectos sociais a serem desenvolvidos através do associativismo.

Um dos dados mais importantes apresentados por Rivaldo foi quanto as perdas de solo e de água em diferentes sistemas de plantio. A pesquisa realizada pelo CTC em 1990, largou o plantio direto na frente com melhor resultado na retenção de solo e de água na lavoura de milho e soja. Enquanto uma área com solo descoberto perdeu 75 toneladas de solo por hectare ao ano, uma outra com trigo e soja em plantio convencional perdeu 11,8 toneladas de solo no mesmo período. Com as mesmas culturas, mas em plantio direto, área perdeu somente 4,6 toneladas por hectare ao ano.

MAIS PALHA - "A palha reduz a força da água, diminui a força do incho e reduz a temperatura do solo", afirmou o pesquisador da Fundacep, José Ruedell, defendendo o plantio direto como uma forma de recuperar a estrutura do solo, oportunizando maiores produtividades e controlando as principais doenças da soja através da rotação de culturas.

Para comprovar a sua defesa, Ruedell mostrou vários trabalhos de pesquisa se detendo em rendimentos obtidos pela Fundacep há oito anos. Neste experimento, o milho, que se tornou o chamado combustível da propriedade, conseguiu, com o plantio direto, um rendimento superior em relação ao plantio convencional. Se não entendermos esses resultados para a lavoura, não adianta falarmos em supersafra, questionou, lembrando que 70 milhões de toneladas de grão representam apenas um terço da produção de milho nos Estados Unidos.



Armando Alves de Souza
Prefeito de Mamborê

O primeiro encontro em Barra do Guarita

Com a participação de mais de cinquenta pessoas, entre produtores, técnicos e estudantes, o município de Barra do Guarita realizou o seu 1º Seminário Municipal de Microbacias Hidrográficas. O evento ocorrido no dia 17 de março aconteceu no salão comunitário da localidade de Capoeira Grande contando com a presença do prefeito Alceu Borges dos Santos, do vice-prefeito Stanislaw Jaguszevski, do presidente da Cotrijuí Ruben Ilgenfritz da Silva, do gerente da unidade de Tenente Portela, Luiz Fernando Konzen, vereadores e demais autoridades. Como palestrantes participaram o supervisor da área de solos da Cotrijuí Rivaldo Dhein que falou sobre a evolução do programa regional de microbacias hidrográficas e o engenheiro agrônomo Neuti Frozza da Emater de Santo Augusto que abordou os aspectos sócio-econômicos da microbacia.

Em seu pronunciamento o prefeito Alceu Borges dos Santos destacou o comprometimento da administração pelo desenvolvimento da agropecuária, dizendo que o município é consciente da sua estrutura econômica. "Não temos ilusões com a indústria", afirma, enfatizando a destinação de 18 por cento do orçamento para o setor primário.

COTRIJUÍ

O apoio do associado

A reeleição representou o apoio do associado para um trabalho que tem como prioridade o solo, a profissionalização do agricultor e a agroindustrialização de seus produtos

"Não é apenas o Conselho de Administração da Cotrijuí que está sendo reeleito. É toda uma proposta colocada em construção no início de 1992 que está recebendo o aval e o apoio do quadro social". A afirmação é do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, reeleito com 91,76 por cento dos votos válidos, durante seu discurso de posse. Aos conselheiros que estavam encerrando seus mandatos na Cotrijuí, o agradecimento pelo trabalho e o reconhecimento pela coragem que tiveram ao tomar algumas decisões difíceis, "mas fundamentais para a vida da nossa cooperativa", ressaltou, citando como exemplo a paralisação de algumas atividades. "O mandato terminou, mas o trabalho continua", observou ainda, num convite para que todos continuem dando a sua parcela de contribuição.

Ao fazer uma espécie de prestação de contas da administração nestes últimos três anos, Ilgenfritz destacou a mudança de objetivos promovidos na empresa, "quando o produtor passou a valer mais do que o produto", e o restabelecimento de prioridades, especialmente no que diz respeito a terra. "A nossa relação com a terra começou a mudar assim que entendemos que é dela que vivemos", constatou, destacando a coragem do quadro social em definir prioridades para a sua propriedade. Disse que o quadro social não apenas soube estabelecer diretrizes, como também entender que a Cotrijuí não tem que ser a maior cooperativa, mas sim um meio de realizar o produtor.

CRESCIMENTO - Entende a substituição da postura reivindicatória, "muito comum nos anos 80", pela postura de proposições, como um sinal de amadurecimento. "Esse foi o nosso grande crescimento", salientou, aproveitando a oportunidade para, mais uma vez, defender a necessidade de uma proposta nova de crédito que seja capaz de contemplar a propriedade como um todo. "O crédito não pode ser uma fonte de dependência".

PARCERIAS - A necessidade de estabelecer uma melhor relação com a terra levou a Cotrijuí a buscar parcerias com as prefeituras, os sindicatos rurais e os escritórios da Emater dos municípios onde está inserida. "Temos três anos de muito trabalho pela frente, onde uma das prioridades é consolidar ainda mais estas parcerias que já apresentam correspondência tanto a nível estadual como federal". Destacou as relações iniciadas e plenamente fortalecidas com segmentos da sociedade urbana, como associações comerciais, sindicatos, empresários, entre outros. "Pouco a pouco os municípios passaram a entender o que representa para a sua economia o setor primário. Mais de 70 por cento das receitas dos municípios vêm da agricultura e da pecuária".

Foram três anos, segundo Ilgenfritz, que serviram para que tanto a Cotrijuí como o seu quadro social pudessem organizar a sua vida. Essa organização passou por uma reforma estatutária, "onde pudemos estabelecer o que queremos daqui para frente" e pela construção de um plano de metas a ser cumprido até o ano 2.001. O Programa da Década, como é conhecido, foi elaborado em 1992 e tem como priori-

dade a conservação e recuperação do solo, o desenvolvimento de agroindústrias - suínos, aves, milho, erva-mate e trigo - e a profissionalização do produtor. Pela sua importância, o Programa da Década deixou de ser um plano apenas da Cotrijuí para transformar-se num plano das comunidades onde a cooperativa atua. Por essa razão, Ilgenfritz defende a necessidade do fortalecimento das relações já existentes, "a serem construídas com muito trabalho e eficiência". Dessas relações e muito trabalho, depende o sucesso do Programa.

Ilgenfritz, Casagrande e Sperotto foram reeleitos com 91,76 por cento dos votos válidos



Euclides Casagrande, Ruben Ilgenfritz da Silva e Celso Sperotto
Reeleitos para mais três anos à frente da Cotrijuí

O resultado da eleição

Ruben Ilgenfritz da Silva, Euclides Casagrande e Celso Sperotto, foram reeleitos com 91,76 por cento dos votos para mais um mandato de três anos à frente da Cotrijuí. Além de Ilgenfritz, reeleito presidente, Casagrande, 1º vice-presidente e Sperotto, eleito 2º vice-presidente, os associados escolheram o novo Conselho de Administração, formado por 10 membros efetivos e 10 suplentes e o novo Conselho Fiscal, constituído por três efetivos e três suplentes.

A eleição ocorreu durante o dia 15 de março, logo após a abertura da Assembleia Geral ordinária para apreciação, discussão e votação do Relatório da Diretoria, do balanço do exercício anterior, demonstrativo de sobras e perdas, parecer do Conselho Fiscal e outros assuntos em pauta. O encerramento da votação, com urnas fixas e itinerantes em todos os municípios, ocorreu às 5 horas e, às 18 horas foi feita a apuração dos votos. A posse dos eleitos ocorreu no dia 16, às 11 horas, na sede da Afucotri de Ijuí, quando então, foi encerrada a Assembleia.

De um total de 10.353 associados aptos a votar, 4.053, representando 39,15 por cento, compareceram às urnas no dia 15 de março. Dos associados votantes, 91,76 por cento votaram favorável a chapa única encabeçada por Ruben Ilgenfritz da Silva. Foram registrados 205 votos em branco e 129 votos nulos.

CRESCIMENTO - A participação do associado, nesta última eleição, cresceu em 7,5 por cento em relação a eleição de 1991. Naquele ano, dos 11.950 associados com direito a voto, 3.860 compareceram às urnas, representando 32,30 por cento dos aptos. A chapa, que também era encabeçada por Ilgenfritz, Casagrande e Sperotto, recebeu, na ocasião, 88,42 por cento dos votos válidos.

O crescimento da participação, registrado nesta última eleição ocorreu em praticamente todas as Unida-

des. Em Ijuí, 39,84 por cento dos associados votaram, contra 30,90 por cento registrado em 1991. Em Tenente Portela, o percentual de participação foi de 36,71 por cento, enquanto que em 1991, foi de 33,95 por cento. As demais Unidades registraram, comparativamente, as seguintes participações: Santo Augusto 49,77

por cento em 1994 e 49,60 por cento em 1991; Jóia 25,12 por cento em 1994 e 20,09 por cento em 1991; Coronel Bicaco 52,53 por cento nesta última eleição e 42,57 por cento em 1991; Chiapetta 44,47 por cento neste ano e 38,11 por cento em 1991; Ajuricaba 37,97 por cento em 1994 e 28,83 por cento em 1991; Augusto Pestana, 43,25 por cento contra 37,10 por cento registrado na eleição de 1991; Dois Irmãos, 47 por cento contra 21,16 por cento da eleição de 1991 e Dom Pedrito, com 12,52 por cento nesta última eleição contra os 12,35 por cento da eleição de 1991.

O percentual de aceitação da chapa



A votação

39,15 por cento dos associados aptos a votar participaram desta eleição

eleita ultrapassou a casa dos 80 por cento em todas as Unidades da Cotrijuí. Em Jóia a nominata liderada por Ilgenfritz, Casagrande e Sperotto teve a aprovação de 98,77 por cento dos associados votantes. Em Tenente Portela, a aceitação chegou a 97,43 por cento. As demais Unidades da Cotrijuí registraram os seguintes percentuais de aceitação para a chapa única: Ijuí, 86,55 por cento; Santo Augusto, 90,82 por cento; Coronel Bicaco, 96,07 por cento; Chiapetta, 94,47 por cento; Ajuricaba, 89,17 por cento; Augusto Pestana, 93,28 por cento; Dois Irmãos, 96,08 por cento e Dom Pedrito 93,75 por cento.

APURAÇÃO DO RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO/FISCAL 1994

UNIDADES	APTOS A VOTAR	VOTARAM		NÃO VOTARAM		VOTOS NÃO VÁLIDOS				VOTOS VÁLIDOS	
		Nr.	% Sobre Aptos	Nr.	% Sobre Aptos	Brancos	% Sobre Votaram	Nulos	% Sobre Votaram	Nr.	% Sobre Votaram
Ijuí	2.912	1.160	39,84	1.752	60,16	84	7,24	72	6,21	1.004	86,55
Santo Augusto	854	425	49,77	429	50,23	25	5,88	14	3,29	386	90,82
Tenente Portela	1.588	583	36,71	1.005	63,29	10	1,72	5	0,86	568	97,43
Jóia	645	162	25,12	483	74,88	1	0,62	1	0,62	160	98,77
Coronel Bicaco	533	280	52,53	253	47,47	9	3,21	2	0,71	269	96,07
Chiapetta	488	217	44,47	271	55,53	9	4,15	3	1,38	205	94,47
Ajuricaba	1.264	480	37,97	784	62,03	23	4,79	29	6,04	428	89,17
Augusto Pestana	1.341	580	43,25	761	56,75	37	6,38	2	0,34	541	93,28
Dois Irmãos	217	102	47,00	115	53,00	4	3,92	0	0,00	98	96,08
Dom Pedrito	511	64	12,52	447	87,48	3	4,69	1	1,56	60	93,75
TOTAL GERAL	10.353	4.053	39,15	6.300	60,85	205	5,06	129	3,18	3.719	91,76

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

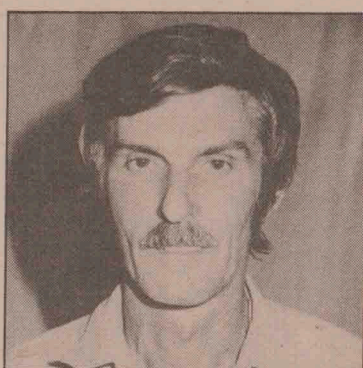
EFETIVOS



Juarez Padilha
JÓIA



Claudivan Rohenkohl
AUGUSTO PESTANA



Valdir Domingos Zardin
IJUI



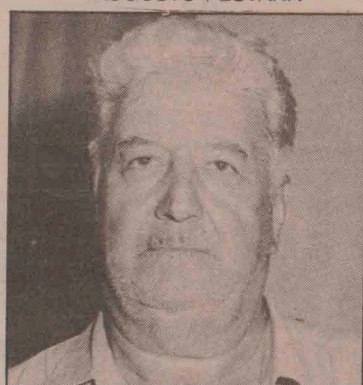
Luís Ottonelli
AJURICABA



Jorge Alberto Sperotto
SANTO AUGUSTO



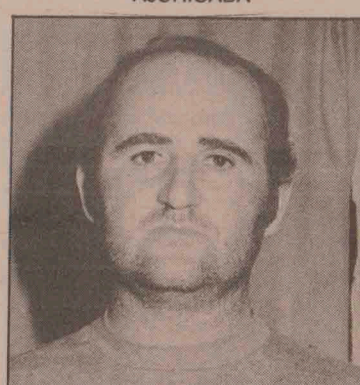
Hélio Antonio Webber
CHIAPETTA



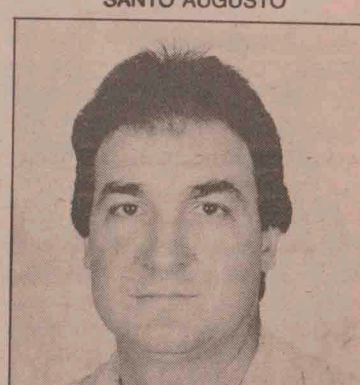
Braulio Martins Rocha
CORONEL BICACO



Ruben Marcos F. Bressan
DOIS IRMÃOS

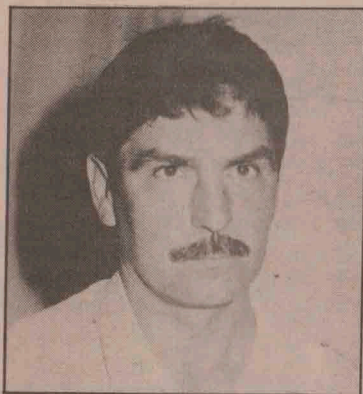


Anselmo Garcia da Rocha
TENENTE PORTELA



José Antonio Petterle
DOM PEDRITO

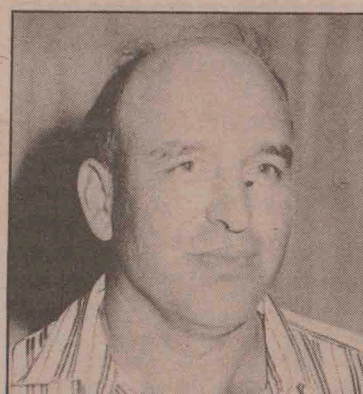
SUPLENTES



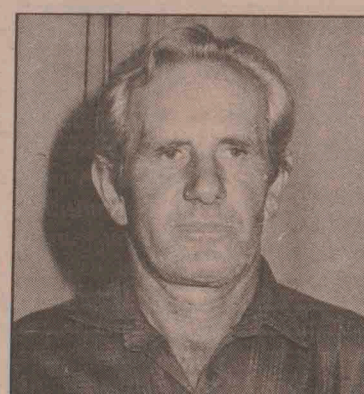
Jorge Conceição
JÓIA



Romélio Marcks
AUGUSTO PESTANA



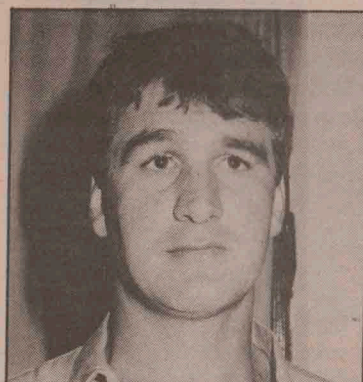
Nilto Irineo Gottens
IJUI



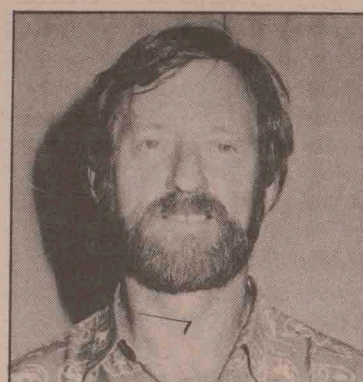
Dair Fischer
AJURICABA



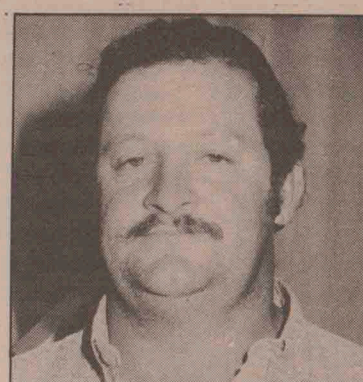
Jaques Della Flora
SANTO AUGUSTO



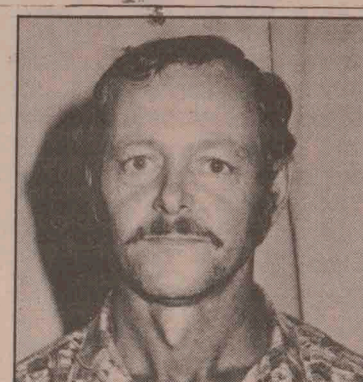
Nirson Fritzen
CHIAPETTA



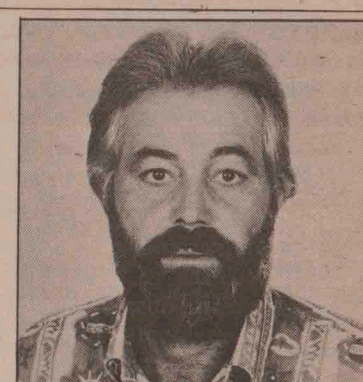
Luiz Fernando Löw
CORONEL BICACO



Ezio Barzotto
DOIS IRMÃOS



Enor Carniel
TENENTE PORTELA

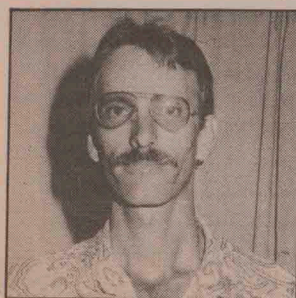


Ricardinho Luiz Pileco
DOM PEDRITO

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS

SUPLENTES



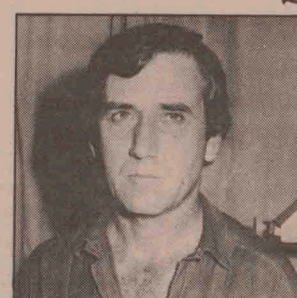
Osvino Bartsch
SANTO AUGUSTO



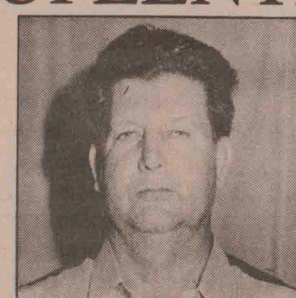
Rudy Arno Bonmann
IJUI



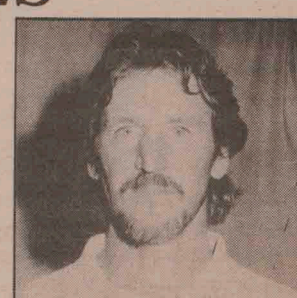
Carlos D. Poletto
JÓIA



José Jorge R. de Oliveira
CHIAPETTA



João Santos da Luz
TENENTE PORTELA



Paulo Dalmaso
DOM PEDRITO

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO - EXERCÍCIO 1993

O produtor como sujeito

As demonstrações de Resultados do Exercício de 1993, objeto de apreciação nesta assembléia, não podem ser apresentadas e analisadas isoladamente, e não restritos ao ano em si mas, principalmente ao triênio 1991/1993, gestão do Conselho de Administração que hoje conclui seu mandato. Elas fazem parte de um contexto que, dentro e fora da nossa instituição, influencia tanto nos resultados quanto nas formas de obtê-los. Assim é que, ao prestarmos contas, move-nos mais a certeza de termos contribuído para alcançar os fins, do que o simples relato do que fizemos para atingi-los.

PRODUTOR - SUJEITO DO PROCESSO

Iniciamos a gestão conscientes da necessidade de redefinição das políticas globais e estratégicas, deparando-nos com a necessidade de acelerar mudanças no processo de produção primária, substituindo o objetivo básico **produto**, e por consequência o **produtor** como objeto, por uma visão de diversificação profissionalizada, tendo ao centro o **produtor** como **sujeito do processo**, buscando sua liquidez econômico/social. Desencadear este processo exigia priorizar ações: acessar os meios de produção (informação, tecnologia e insumos) ao produtor associado, racionalizar os meios de produção internos e externos, buscando o máximo da capacidade e pessoas, de instituições, de equipamentos e da estrutura operacional. Temos claro que é a partir daí, que a sociedade como um todo, usufruirá dos melhores resultados econômico-sociais oriundos deste processo.

O PROGRAMA DA DÉCADA E AS RELAÇÕES DE PARCERIA

Por esta visão de pluralidade de segmentos envolvidos e/ou interessados na produção agropecuária, produtores, instituições públicas e privadas, fornecedores e clientes, estabeleceram-se profundas relações de parceria. O "Programa para a Próxima Década" envolveu estes segmentos e assim não os surpreendeu que dos 19 municípios, convidados a intervir de forma mais direta no apoio à atividade agropecuária, brotasse um investimento para 1993 da ordem de US\$ 9 milhões via orçamentos municipais. Administrar comunitariamente esses recursos envolveu os escritórios da Emater, Câmaras Municipais de Vereadores, os municípios e as suas Secretarias de Agricultura e a Cotrijuí, que encontraram no Conselho de Desenvolvimento Regional do Noroeste do Estado, forte apoio para envolver também a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado. O chamamento aos recém empossados prefeitos e vereadores desencadeou o surgimento de Conselhos de Desenvolvimento Agropecuário, voltados a propor ações e políticas para a agropecuária, e de Fundos Rotativos de Financiamento à Pequena Propriedade, em alguns municípios. Outros estão adequando sua legislação para criação de idênticos mecanismos.

Este programa em sua II Edição - Revisada e Ampliada em 1993, nos põe frente à constatação de que também produtores e prefeituras optaram em racionalizar o meio de produção, o solo e a água. O Projeto de Microbacias e Conservação de Solos consolidou práticas de terraceamento de base larga (14029 ha) e adequação de estradas (289 ha) em 1.136 propriedades que totalizam 30.200 ha de microbacia. Também a de plantio direto que já atinge 55.300 ha, sem considerar o crescimento das áreas de inverno que assim minimizam os problemas conservacionistas em função da cobertura que dão ao solo. Alia-se a isto o trabalho nas questões ambientais, em especial o reflorestamento, que ganhou apoio de órgãos específicos como a Arfon (Associação de Reposição Florestal Obrigatória Municipal) e a Aipan (Associação Ijuense de Proteção ao Ambiente Natural), no qual a participação da Aipan é direta, beneficiando a si ou a seu quadro social com repasse de mudas de espécies nativas/eucaliptos.

Associam-se a este trabalho os Clubes Amigos da Terra, na maioria dos municípios, perfeitamente entrosados com a Cooperativa. Ao lado da conservação, a resposta na correção de solos também é significativa, segundo o quadro.

Área disponível p/ agricult. mecaniz.	340.755 ha	100,0%
Correção total	106.722 ha	31,3%
Correção parcial	139.560 ha	40,9%
Solos não corrigidos	94.473 ha	27,8%

Contribuíram nesse sentido as alternativas oferecidas pela Cooperativa para acesso aos insumos, no que contou com apoio de fornecedores, a montagem de negócios específicos, de órgãos de crédito, o custo mais baixo em termos reais, na agilização do funcionamento do terminal ferroviário para descarga de calcário em Ijuí e na instalação de depósitos em todas as Unidades Receptoras. Como ferramenta de diagnóstico instituiu-se o Bônus para Análise de Solos, distribuído na aquisição de adubo, compensável nas análises feitas no Laboratório de Solos da Unijuí. Para validar na prática os efeitos na produtividade em solo adequadamente corrigido foram implantadas em 1993, 31 lavouras demonstrativas de milho, em 1,0 ha, em propriedades de associados que utilizavam baixa tecnologia.

Verificamos um crescimento nas vendas de fertilizantes em 100 por cento no triênio 91/93, e o fornecimento de calcário saltou das 33 mil toneladas para 172 mil.

Estabeleceram-se parcerias com fornecedores, possibilitando via consignação e sem o ônus dos custos de estocagem condições de acesso do produtor a máquinas, equipamentos e outros insumos pela equivalência produto, prática já consolidada com a CCGL pelo repasse de recursos (22,6 bilhões) aos Fundos de Fomento à Pecuária Leiteira, que assim viabiliza os grupos de ensiladeiras e enfardadeiras, hoje em número de 102, num total de 750 produtores. Tal política recebeu reforço pelos convênios firmados para a pesquisa em agroquímicos em nosso Centro de Treinamento.

AVANÇOS DO QUADRO SOCIAL - CONSOLIDAÇÃO DA ESTRUTURA DO PODER

O crescimento do quadro associativo deu-se de forma quantitativa, considerando que no período, as admissões superaram as demissões/exclusões, e qualitativamente pelo processo permanente de acesso à informação e tecnologia, através de ações como o Plano de Assistência Técnica, convênio com a Emater e outras. O produtor absorveu as tendências atuais de produtividade e eficiência através de ações coletivas, fortalecendo assim as Comissões de Produção, os Grupos de Máquinas e os

Condomínios Rurais. Na busca do conhecimento estratégico vinculamo-nos a entidades como Associação Brasileira de Agribusiness (ABAG), Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos do Mercado Agropecuário (CEEMA).

Os propósitos de mudança assumidos por este conselho, foram corroborados pela renovação de mais de 70 por cento do quadro de Representantes, em 1992, assumindo estes o papel de vetores do processo de transformação. Coube-lhes, também, encaminhar a reforma estatutária, ratificada em Assembléia do quadro associativo, complementado pelo Regimento Interno, ajustando aspectos inerentes a estrutura política e administrativa da instituição às reais necessidades dos produtores, em especial na composição dos Conselhos, capitalização e outros.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

As estruturas de armazenagem da produção primária tiveram atenção especial, adaptando-se para uma estocagem mais segura e que mantenha as condições do produto em níveis de qualidade exigidas pelo cliente ou pelas indústrias próprias. Investiu-se perto de US\$ 1.500.000 (um milhão e quinhentos mil dólares), principalmente em aeração e termometria. O gráfico a seguir demonstra os volumes recebidos no triênio.

A Citricultura totaliza 640 ha na região, com áreas de rendimento de 12 toneladas/ha no terceiro ano, e tem recebido apoio governamental via Feaper.

Nos aspectos inerentes à comercialização desses produtos a Cooperativa sempre acompanhou as tendências mercadológicas, sem desmerecer o poder de decisão do cooperado. Desta forma inovou e hoje são três as modalidades de recebimento no produto milho, a saber, depósito, consumo próprio e cooperado, e as duas primeiras para a soja. De igual forma a produção diversificada e a integração lavoura-pecuária, foram fortalecidos através dos programas de troca.

PRODUÇÃO PECUÁRIA

A atividade de produção animal representa opção ao produtor da região. Embora não demonstrem crescimento substancial, as atividades pecuárias, consolidam o processo de integração lavoura-pecuária.

A atividade leiteira teve, em termos de qualificação, impulsos expressivos através da melhoria genética do rebanho via inseminação artificial, em parceria estabelecida com diversas Prefeituras Municipais, CCGL e a Associação dos Inseminadores. Retorno direto ao produtor chega com a implantação do Programa de Produtividade e Qualidade. Politicamente os produtores ocuparam espaço, reno-

vando a Comissão Regional dos Produtores de Leite e passando a integrar o Comitê dos Produtores de Leite do Sistema CCGL.

A Suinocultura encontra no associativismo rural, com a formação de Associações de Prestação de Serviços e Assistência Técnica, um impulso para seu crescimento. Estes condomínios são financiados pelo governo do Estado (Feaper) e assistidos diretamente pela Cotrijuí e Escritórios da Emater/RS.

O crescimento da piscicultura está diretamente relacionado ao aumento de produtores e por consequência o espelho de água, hoje respectivamente 1305 associados e 790 hectares, que contam com a distribuição de alevinos das Estações do CTC e de Monte Alvão, Ajuricaba.

AGROINDÚSTRIAS

Convictos da necessidade de agregar maior valor aos produtos primários, concentrou-se investimentos na melhoria de unidades já existentes e na conclusão da indústria de milho/aveia, em Ijuí.

Embora persistindo as dificuldades de produção e comercialização do trigo, a Cooperativa continuou absorvendo parte da produção no processo industrial na modalidade de trigo-moagem.

Registra-se aqui a reativação da fábrica de óleo e melhoramentos na de rações e concentrados, ambas de Ijuí e na parceria com a Cooperativa Rural Alegretense Ltda. - CRAL, na absorção da demanda de bovinos.

Na unidade de São Luis Gonzaga prosseguimos as negociações para assumir a totalidade das pendências da massa falida do frigorífico de suínos na consolidação de parceria com a Coopercentral, de Chapecó-SC.

FINANÇAS

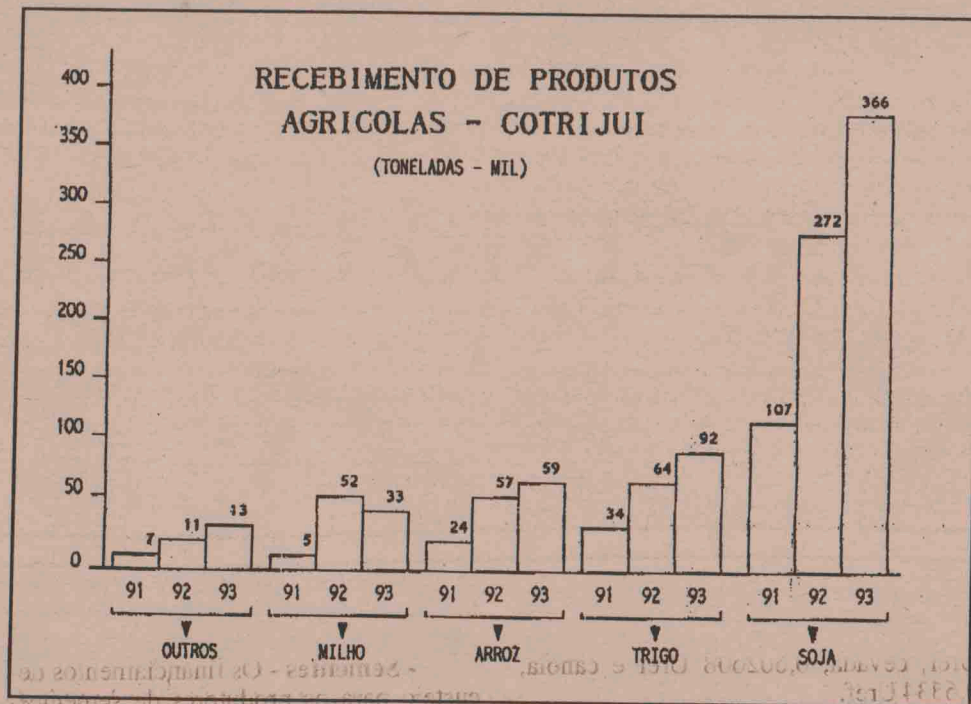
Buscar a auto-suficiência em todas as atividades foi e continua sendo a política global, visando encaminhamentos dos aspectos de capitalização da cooperativa através de seus resultados e não somente pela retenção sobre as operações feitas pelo associado. Esta última retorna ao Estatuto Social na recente reforma havida. Adotou-se como mecanismo de controle dos resultados setoriais os Centros de Resultados, complementados pela definição de Unidades de Negócios, em fase de implantação. As necessidades de recursos, para capital de giro ou de investimentos, exigiram adoção de medidas de impacto, como desativação de áreas para bloquear o fluxo, desmobilizações para entrada de recursos a custo zero e busca de operações de crédito a taxas e prazos mais compatíveis com nossas atividades.

QUADRO DE PESSOAL

A política de adequar a estrutura administrativo-operacional de modo a atuar somente nas atividades inerentes ao processo de produção agropecuária desencadeou um processo de revisão do quadro funcional. A redução de 536 colaboradores no período não significa simplesmente privar aqueles da sua fonte de ganho, e sim que uns foram absorvidos pelas atividades terceirizadas, outros pelas novas frentes criadas. Os níveis hierárquicos foram reduzidos de modo que o processo de informação/decisão flua mais rápido e para cada um deles a palavra de ordem é buscar sua profissionalização. Qualificar as pessoas que na Cooperativa trabalham foi e é a grande meta, preparando-as para melhores desempenhos.

O planejamento de atividades de cada área e da Cooperativa como um todo toma forma através da elaboração do Plano Decenal.

O conjunto de ações relatadas espelha os rumos que foram trilados, num amplo processo participativo, de associados e funcionários, encaminhando assim a Cotrijuí, com decisivo estímulo e contribuição dos poderes públicos municipais das organizações sociais rurais e urbanas, sua parcela no redimensionamento da atividade agropecuária.



TRIGO

Um novo plano

Novas regras para a triticultura nacional fixam em 17 por cento o imposto de importação

A Fecotrig, que fez parte como órgão técnico, da Câmara Setorial do Trigo, considera em princípio bastante positiva a política anunciada pelo Governo Federal para a triticultura do país, principalmente no que tange à classificação do cereal em quatro classes distintas de qualidade e a sobretaxa a ser cobrada sobre o preço do produto importado, pois o mesmo é subsidiado no país de origem.

As declarações são do agrônomo Paulo Roberto Silva, assessor técnico da entidade. Condiciona, no entanto, que além do cumprimento dessas medidas há que se tomar providências para que não faltem recursos para a comercialização do produto. É preciso que o Governo tenha bem presente disponibilidades financeiras para EGF, na época certa. Só assim os produtores terão condições de cumprir seus compromissos financeiros sem a sobrecarga

de juros extraordinários, seja com o sistema financeiro seja com o setor privado.

CONFIANÇA EM GUAZZELLI - Paulo Roberto considera um passo decisivo para a retomada da triticultura a nova classificação do trigo em quatro classes de qualidade: comum, intermediária, superior e melhorador. Cada uma das classes terá três tipos de qualidade, o que induz preocupação futura do produtor em melhorar a lavoura, qualitativamente.

O técnico considera este o grande momento da triticultura para uma retomada de desenvolvimento. Acha que a médio prazo vai ser possível pelo menos igualar a produção nacional com a safra de 1986/87, quando superamos os seis milhões de toneladas. É preciso que o agricultor volte a pensar em crescimento e melhoramento da lavoura e melhoramento da produtividade,



Trigo

A prioridade é a qualidade do produto

até por um princípio de confiança no ministro Synval Guazzelli, que além de conhecer a realidade precária do produtor rural, tem dado amostra de um firme propósito de amenizar os problemas da agropecuária, cuja solução, em muitos casos, são mais de caráter político do que propriamente econômicos. É preciso pois que se atente para as prioridades. E a triticultura é uma delas, disse.

NECESSIDADE DA SOBRETAXA - Para Paulo Roberto, impor sobretaxa ao trigo de importação chega a ser medida de efeito moral, pois o produto exportado

para o nosso país recebe forte subsídio na origem, o que já desqualifica o argumento da "livre competição de mercado", que tentam às vezes cobrar do triticultor brasileiro.

Outro fator considerado relevante incluso na nova política para a triticultura, é a plurianualidade do plano, de quatro anos. Isso vai facilitar o produtor a que se programe com a necessária antecedência, evitando improvisos de última hora, que em muitos casos têm acarretado graves problemas a nossos já descapitalizados produtores.

VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (VBC) E CALENDÁRIOS DE LIBERAÇÕES Trigo/Triticale - Safra 1994

Produto e área de abrangência	Produtividade de Referência (kg/ha)	Valor básico de custeio (VBC)		Calendário de liberações							
		CR\$/ha (em 01/03/94)	(UREF/ha)	1ª Parcela		2ª Parcela		3ª Parcela		%	A partir de
				%	A partir de	UREF/ha	%	A partir de	UREF/ha		A partir de
Trigo de sequeiro Estados: PR, SP, MG, GO, MT, BA e DF	Acima de 2.000	150.550,23	1.001,132	55	Mar	550,623	35	Mai	350,396	10	Jul
Estados: RS e SC Trigo irrigado	Acima de 2.000	150.550,23	1.001,132	55	Abr	550,623	35	Jul	350,396	10	Set
Todo território nacional	Acima de 3.500	265.259,925	1.763,925	55	Mar	970,159	35	Mai	617,374	10	Jul
Triticale Estados: PR, SP, MS, MG, GO, MT, BA e DF	Acima de 2.000	135.495,24	901,019	55	Mar	495,560	35	Mai	315,357	10	Jul
Estados: RS e SC	Acima de 2.000	135.495,24	901,019	55	Abr	495,560	35	Jun	315,357	10	Set
Semente de trigo e triticale (1)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Todo território nacional	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sequeiro	Acima de 2.000	164.099,77	1.091,234	50	Mar	545,617	40	Mai	436,494	10	Jul
Irrigado	Acima de 3.500	289.132,32	1.922,678	50	Abr	961,339	40	Jul	769,071	10	Set

Elaboração: Conab/Diipa/Depag/Divag

(1) Produtividades de sementes abaixo de 2.000 kg/ha (trigo e triticale de sequeiro) e de 3.500 kg/ha (trigo irrigado), adotar o mesmo procedimento do grão, acrescido de 6%, ou seja:

a) TRIGO:

Variedades Comum e Intermediária:

0,421825 UREF X Produtividade X 1,06% Área (hectares) ou Variedades Superior e Melhoradora:

0,451955 UREF X Produtividade X 1,06 x Área (hectares)

b) TRITICALE:

0,379685 UREF X Produtividade X 1,06 X Área (hectares)

PREÇOS MÍNIMOS DE TRIGO PARA A SAFRA DE 1994 Tabela de ágios e deságios

Tipo	PH (mínimo)	Classe			
		Valor	Comum	Intermediário	Superior melhorador
1	74	UREF/kg	0,632738	0,632738	0,727624
-	-	CR\$/t	95.150,00	95.150,00	109.420,00
2	75	UREF/kg	0,602608	0,602608	0,692978
-	-	CR\$/t	90.620,00	90.620,00	104.210,00
3	72	UREF/kg	0,542347	0,542347	0,542347
-	-	CR\$/t	81.560,00	81.560,00	81.560,00

Notas: 1) Para o financiamento ou a aquisição de lotes com classe não definida (por mistura de variedades, conforme Portaria de classificação do produto), serão válidos os preços mínimos do trigo comum.

2) Valores de Referência, em 1º/03/94:

a) UREF: CR\$ 1.150,38

b) Taxa de Câmbio CR\$ 647,30/US\$

Principais medidas

Principais medidas anunciadas pelo governo e que ainda precisam ser referendadas pelo Conselho Monetário Nacional:

- **Classificação** - O governo estabeleceu normas de classificação definindo quatro classes de qualidade para o trigo - comum, intermediário, superior e melhorador. Para cada classe existirão três tipos de trigo. O trigo 1 terá peso hectolitro 78; o tipo 2, terá o PH de 75; e o tipo 3, peso hectolitro de 72.

- **Preço mínimo** - O preço mínimo básico de trigo para a safra 94, foi fixado em CR\$ 90.620 a tonelada, a preço de 19 de março - equivalente a 140 dólares -, para o produto classificado como intermediário, tipo 2. O produto classificado como superior ou melhorador, receberá um acréscimo de 15 por cento sobre o valor do preço mínimo básico. O trigo classificado

como comum terá, neste ano, em caráter excepcional, o mesmo preço mínimo do trigo intermediário - 140 dólares. Durante três anos, o preço mínimo desse tipo de produto será reduzido gradualmente visando desestimular a sua produção. Os preços mínimos serão corrigidos quinzenalmente, conforme variação da Taxa Referencial e convertidos em Unidade de Referência Rural - Uref. O preço mínimo básico vale 0,602608 Uref por quilo. Por não estarem amparados pelas normas da Política de Garantia dos Preços Mínimos, para compra pelo governo, trigos com PH de 70 e 71, o triticale, a cevada cervejeira e a canola serão contemplados com valor de financiamento na modalidade, sem opção de venda. Os valores são os seguintes: trigo, 0,439490 Uref; triticale, 0,542347 Uref; cevada, 0,602608 Uref e canola, 0,6534 Uref.

- **VBC** - Aqueles produtores que alcançarem produtividade no trigo e no triticale superior a 2.000 quilos por hectare - sequeiro - em pelo menos uma das três últimas safras, receberão Valor Básico de Custeio - VBC - de 100 por cento. Aqueles que não se enquadrarem nestas condições, mas que plantam trigo classificado como superior ou melhorador, terão um VBC de 75 por cento. Os que plantam trigo comum e intermediário, terão direito a 70 por cento do VBC integral. Para os produtores que passarem a usar cultivares classificadas como superior ou melhorador, o limite de financiamento de custeio poderá chegar a 100 por cento e de 95 por cento para os que utilizarem as demais cultivares.

- **Sementes** - Os financiamentos de custeio para os produtores de sementes

CLASSIFICAÇÃO DE CULTIVARES DE TRIGO (Rio Grande do Sul e Santa Catarina - 1994) GRUPO COMERCIAL

Comum (Glúten fraco) RS	Intermediário (Glúten médio) RS	Superior (Glúten forte) RS/SC
CEP 19 - Jataí	Embrapa 24	CEP 24 - Industrial
Trigo BR 34	RS 8 - Westphalen	Embrapa 12
Trigo BR 37	Trigo BR 32	
Trigo BR 43		
RS/SC	RS/SC	
CEP 21 - Campos	CEP 11	
Minuano 82	CEP 14 - Tapes	
RS 1 - Fênix	Embrapa 15	
Trigo BR 23	Peladinho	
	Trigo BR 15	
	Trigo BR 35	
	Trigo BR 38	

Fonte: Ministério da Agricultura

seguirão as normas e valores fixados para o grão, com acréscimo de seis por cento sobre esses valores. A idéia do governo é estimular a produção de sementes melhoradas.

- **Sobretaxa** - Visando proteger o trigo nacional contra a entrada de produto estrangeiro subsidiado em seus países de origem, o governo adotará sobretaxa de US\$ 10 por tonelada, na média, conforme o valor do produto importado.

A difícil aplicação da lei

A Lei 8.630, de 25.08.1993, que dá nova regulamentação ao sistema portuário nacional, encontra entraves à sua aplicação. Diretor do Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", o conselheiro titular de Instalações Portuárias Privadas, economista Bolívar de Souza Lima, conta porquê

O Brasil tem mais de oito mil quilômetros lineares de costa marítima, e mais de 60 por cento da população centrada nessa faixa. Ali também se encontra grosso de sua produção industrial e cerca de 80 por cento da atividade do país. São fatores suficientemente fortes para demonstrar que nunca, sob nenhum argumento, deveríamos ter voltado as costas para o mar.

Infelizmente, foi o que aconteceu. Sob o argumento de que a nação precisava "conquistar" o interior, fomos abandonando a navegação nos três níveis em que ele se processa - marítima, lagunar e hidroviária - com opção pelo transporte rodoviário, que se impõe como prioritário, quase que exclusivo.

FRUTO DO GEIA - Grupo Executivo da Indústria Automobilística - que se seguiu à construção de Brasília, o país alocou valores fantásticos, quer fruto da economia interna, quer dinheiro financiado do exterior, para transformar uma estrutura de transportes de massa, peso e volumes, que se identificava com a economia do país.

Enquanto as estradas foram sendo construídas, muitas delas de baixa qualidade, até pela urgência de ser atendida a dinâmica de transportes do país, nosso mar territorial, lagos e rios, foram se despovoando de todo tipo de embarcação de cabotagem. Hoje, praticamente escravos do rodoviarismo, temos o transporte mais caro e menos eficiente do mundo.

HORA DE MUDAR - A Lei nº 8.630, de 25 de agosto de 1993, fruto de reivindicações que vêm sendo defendidas há tempos por exportadores e importadores nacionais, também por segmentos do setor portuário da área privada, quer começar a mudar essa situação. Quem afirma é o economista Bolívar de Souza Lima, diretor do Terminal Marítimo Luiz Fogliatto S.A., também conselheiro representante dos titulares de Instalações Portuárias Privadas - Bloco II do Rio Grande do Sul.

O líder portuário tem idéia crítica muito forte a respeito da política que se perpetuou nos transportes de cabotagem. Diz que o corporativismo dominante nos sindicatos da área foi em grande parte responsável pelos maus serviços prestados e a conseqüente decadência que resultou no sucateamento do sistema portuário nacional.

NOVA REGULAMENTAÇÃO - Segundo Bolívar Lima, a regulamentação portuária estabelecida pela Lei 8.630, cria três categorias de portos. Rudimentares, terminais privativos e portos organizados. Ele enfatiza a Lei na parte que faculta aos terminais privativos de contratarem mão-de-obra permanente, por ser fator de efeito profissionalizante, passível de melhor gestão, até mesmo pelo relacionamento mútuo entre o servidor e seu empregador permanente.

A nova regulamentação, se posta em prática, na opinião do técnico, resultará, a curto prazo, em maior eficiência nos trabalhos portuários, redução de custos e maior segurança inclusive para mão-de-obra ocupada, uma vez que poderá ser mais eficiente pelo treinamento permanente que irá receber.



Rio Grande
Prédio destinado à Administração do Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto"

REGULAMENTAÇÃO NÃO É PACÍFICA - Bolívar está consciente que vai haver dificuldades para a regulamentação da Lei. Diz que passados já 10 meses de funcionamento do Conselho criado pela 8.630, pressente que há perda de entusiasmo e até frustração de seus integrantes. Na realidade, não sente o entusiasmo nem nas autoridades portuárias para acatar a Lei.

Para ser mais preciso, enfatiza, o Conselho da Autoridade Portuária decide pouco, e o que decide nem sempre é respeitado. O Departamento Estadual de Por-

tos, Rios, e Canais - DEPRC - que representa a figura do concessionário - no caso, o Governo do Estado, ainda que tenha prestigiado a formação do C.A.P. indicando seu representante, vem desconsiderando as decisões e resoluções do Colegiado, criando situações de constrangimento, o que tem contribuído para a desmotivação dos membros do Conselho, e conseqüentemente reduzindo a própria autoridade do mesmo.

BLOQUEIO DO ESTADO - Criou-se uma situação contraditória, diz

Bolívar. O DEPRC participa do C.A.P. mas não acata suas decisões, alegando que a Lei não se aplica enquanto não for adaptado ao Contrato de Concessão. Na realidade, não acata o que não lhe interessa, pois no caso da nova tarifa, soube utilizar-se do C.A.P.

Esses são alguns fatos examinados nos primeiros meses de existência do C.A.P., todos insolúveis, devido ao bloqueio estabelecido pelo Estado, concessionário do porto. Considero lamentável essa situação, pois o porto do Rio Grande poderá perder a implantação desse projeto de modernidade, tão reclamado, pela demora de soluções previstas na Lei nº 8.630, por quem tanto se esperou e reivindicou, lamenta o conselheiro titular de Instalações Portuárias Privadas Bloco II, do Rio Grande do Sul.



Bolívar Lima

DOM PEDRITO

Perdas no arroz

Soja, sorgo e milho têm boa produtividade. O arroz deve acusar quebra na ordem de 10 a 15 por cento

Apesar dos muitos sustos provocados nos orizicultores desde a época do plantio até praticamente o momento de corte do arroz da safra 1993/94, a produção gaúcha do cereal deverá equivaler a média tradicional no Estado, em torno de 105 a 110 sacos por hectare. A instabilidade do clima foi a maior responsável pelo temor causado nos produtores, felizmente sem maiores conseqüências.

O clima iniciou chuvoso em plena primavera, época do plantio, que sofreu grande atraso em várias regiões do Estado e permaneceu instável durante diversas fases de estágio da planta. Mesmo na fase de final de ciclo, quando a planta necessitava de tempo firme e quente, houve várias precipitações e quedas de temperatura, motivando novas preocupações aos agricultores.

Segundo o Departamento Técnico do Instituto Rio-Grandense do Arroz, ape-

sar da baixa luminosidade e da presença de fungos em algumas lavouras, a produtividade não deve apresentar quedas no conjunto da produção estadual, senão apenas em lavouras e regiões, isoladamente.

PERDAS EM DOM PEDRITO - No município de Dom Pedrito os técnicos acusam a ocorrência de perdas da ordem de 10 a 15 por cento. As causas são as mesmas que ocorreram nas demais regiões produtoras de arroz do Estado, com o agravante dos dias frios na fase de granação da planta, além dos fungos que se disseminaram em diversas lavouras de baixios, onde a luminosidade foi mais escassa do que nos pontos mais elevados das lavouras. A soma desses fatores, segundo o engenheiro-agrônomo Maurício Leandro Bohn, do setor técnico da Cotrijuí, vai motivar a citada redução de produtividade no município. Mas adverte que o quadro pode sofrer transformações, pois o levantamento foi realizado nos primeiros dias de março, quando na maioria das lavouras, devido ao atraso no plantio, muitas estavam ainda em fecundação floral.

SOJA, SORGO E MILHO - No caso das demais culturas do município, segundo o mesmo técnico, o quadro já era bem mais promissor. No caso da soja, devido a ocorrência de chuvas nas épocas

certas, a cultura apresentava elevado padrão vegetativo, conseqüentemente, com grande potencial para o estágio produtivo, com promessa de boa colheita, nos sete mil hectares de área cultivada em Dom Pedrito, com promessa de produção de 1.800 quilos por hectare.

O sorgo e o milho também apresentavam muito boas posturas vegetais. Conforme o agrônomo, com previsão de render 3.000 quilos por hectare, e o milho, 2.500 quilos o hectare.

A boa resposta das lavouras, em produtividade, teria sido motivada pelo bom suprimento de insumos e fertilizantes, alertou o técnico, que revelou estatística de vendas da Unidade em Dom Pedrito. Só a Cotrijuí vendeu mais de 3.600 toneladas de fertilizantes e 75 mil sacas de sementes selecionadas de arroz e soja, e herbicidas suficientes para cobrir 15 mil hectares de lavouras. Segundo o agrônomo Maurício, essas quantidades de insumos foi suficiente para cobrir quase metade da área cultivada de todo o município de Dom Pedrito.

O Ano-Agrícola 93/94 em Dom Pedrito acusa uma área de 45 mil hectares de culturas de verão. 33 mil de arroz, 7 mil de soja, 3 mil de sorgo e 2.500 hectares de milho.

APSAT UNIÃO CENTENÁRIA

A festa da organização

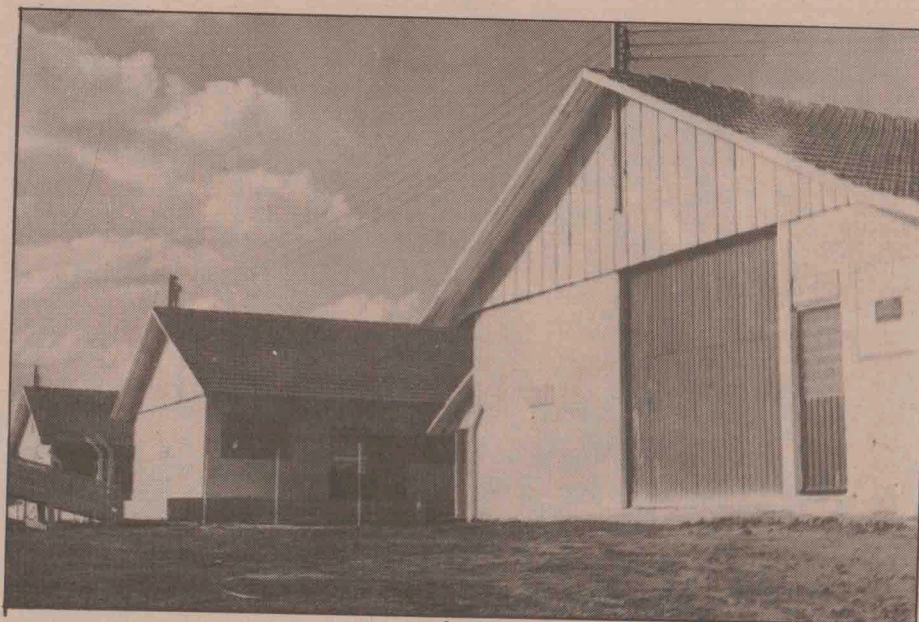
A primeira Apsat de Ijuí realiza festa de inauguração mostrando a capacidade de organização do produtor

A mesma organização que pautou a fundação da Apsat União Centenária em 1991, foi apresentada na festa de inauguração ocorrida no dia cinco de março em Alto da União. Poucos mas consistentes discursos foram ouvidos por mais de duas centenas de convidados que participaram da festa iniciada com o encerramento da placa comemorativa na sede do condomínio, feito pela coordenadora oficial estadual do Feaper, Beate Petry e a produtora Lorena Korb, esposa do secretário da Apsat, Elmario Korb. Em seguida houve visita às instalações e um almoço de confraternização no Clube Alto da União.

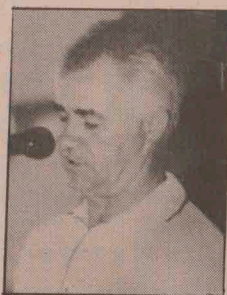
O evento foi prestigiado pelo secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado Floriano Barbosa Isolan, o prefeito Wanderley Burmann, o vice-prefeito, Gerson Ferreira, o vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande, o gerente da unidade de Ijuí, Alcio Schneider, o representante da Emater para o cooperativismo, Selvino Seiffert, deputados, vereadores, representantes de entidades sindicais, bancárias, de condomínios técnicos, produtores e funcionários da cooperativa.

HONRANDO A CAMISETA - "A agricultura está na beira do caos, fazendo com que o produtor, muitas vezes, trabalhe para honrar a camiseta", afirmou o presidente da Apsat Hugo Deckmann. Vestindo o slogan: "Isto é a gente que faz", assim como os demais integrantes do condomínio, Deckmann demonstrou o esforço do associativismo para sustentar uma atividade que na realidade individual do pequeno produtor se torna inviável. Seguro da aposta feita pelo grupo, fez um apelo aos governos estadual e federal para que deem "mais atenção a um setor que pode combater a miséria da sociedade brasileira".

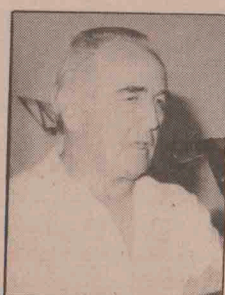
O vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande, reconheceu o grande incremento dado a suinocultura através dos dez condomínios já instalados na região da Cooperativa. "São 38 mil suínos por ano", apontou o vice-presidente, salientando o volume de recursos que devem vincular no meio rural e contribuir



Apsat
Capacidade para 220 matrizes deve ser aumentada



Hugo Deckmann
Presidente da
Apsat



Euclides Casagrande
Vice-presidente da
Cotrijuí

para a fixação do homem na terra.

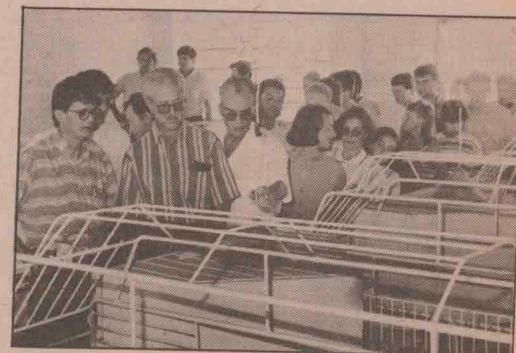
O representante da Emater, Selvino Seiffert, destacou o avanço tecnológico promovido pelos condomínios fazendo com que a suinocultura atue com médias comparáveis às do primeiro mundo. O seu pronunciamento foi complementado pela coordenadora do Feaper, Beate Petry, que avaliou a União Centenária como um esforço característico de Ijuí, "que vem dando exemplo na experiência de diversificação e da melhoria de qualidade de vida dos agricultores".

Representando Ijuí, o vice-prefeito Gerson Ferreira registrou o papel importante dos condomínios rurais "para fugir

da monocultura". Disse também que o condomínio de Alto da União comprova uma peculiaridade do município em procurar soluções para os problemas da produção primária através do associativismo".

ALTERNATIVAS - Encerrando os pronunciamentos, o secretário Floriano Barbosa Isolan agradeceu a dedicação e o apoio para os projetos de condomínio rurais dados pela Emater, Banrisul, Feaper, Prefeitura e a direção e funcionários da Cotrijuí. O secretário fez um referência forte à manifestação de Hugo Deckmann lembrando que a capacidade da Apsat já é uma prova de que, apesar das dificuldades latentes na agropecuária, seja pela produção ou comercialização, existem alternativas e com bons resultados como comprovam os 50 condomínios espalhados na região Noroeste.

"O Rio Grande do Sul precisa de trabalho", enfatiza Isolan, considerando o exemplo da Cotrijuí para buscar alternativas que melhorem o padrão de vida no campo e na cidade. "Se não tivermos agricultura, não temos indústria, nem comércio", frisou, garantindo que com um trabalho desta natureza o produtor, principalmente o cooperativado, não deve temer o



O supervisor de suinocultura da Cotrijuí, Gerson Madrugá, mostra as instalações da maternidade ao secretário Floriano Isolan e ao prefeito Wanderley Burmann

Mercosul. Anunciou ainda que é determinação da Secretaria estudar profundamente o Programa da Década inserindo-se na estratégia de desenvolvimento regional.

OPERAÇÃO CELEIRO - "A parceria entre produtores, empresários, governo e assistência técnica é a grande saída", indicou o secretário ao apresentar mais uma alternativa de fomento pelo Programa Operação Celeiro, a ser lançado brevemente pelo governo estadual. O Programa de condomínios tem alcançado muito sucesso, mas a demanda por recursos é bem maior do que o Estado possui", justificou.

A Operação Celeiro tem por objetivo possibilitar a aquisição de máquinas e implemento a todo tipo de produtor.

O fomento conta com o apoio do Sindicato das Indústrias de Máquinas e deve ser operacionalizado pelo Banrisul efetivando os contratos equalizados pelo preço mínimo do milho. "Esperamos repassar de dois a três mil novos equipamentos", disse o secretário citando a participação decisiva do Banco do Brasil e do BNDES num investimento calculado em 100 milhões de dólares.

O Bolo da União



O bolo
A maquete das instalações

Mostrando o empenho de todos os familiares dos sócios da Apsat União Centenária, as mulheres do grupo brindaram a inauguração do primeiro condomínio de Ijuí de forma especial. Confeccionado por elas, ofereceram um caprichado bolo de um metro de comprimento por 80 centímetros de largura, que reproduziu integralmente a maquete das instalações da Associação. Como os sócios, elas serviram o bolo também vestindo a camiseta do condomínio que leva o slogan "Isto é a gente que faz", junto com o logotipo da Cotrijuí.

Cinco mil leitões por ano

Cinco mil leitões por ano é a produção prevista pela Apsat União Centenária em função das suas 2.220 matrizes que começaram a ser instaladas em novembro do ano passado. Oriundas da granja da Cotriel em Cruz Alta, as matrizes contam com um manejo alimentar e sanitário adequado, devendo produzir cerca de 22 leitões/porca/ano, os quais são repassados a cada um dos seus 23 sócios ao atingirem uma média de 24 quilos, afirma o médico-veterinário da Cotrijuí, Paulo Basso, ao destacar a qualidade proporcionada pelo condomínio através de uma tecnologia de manejo eficiente realizado em uma construção que segue o modelo padrão da Emater.

Instalada em área de três hectares, a Apsat deve ampliar a sua capacidade para

400 matrizes, conforme planejam seus sócios. Mas enquanto esse é um plano de médio prazo, os produtores se organizam de forma a dar maior sustentação econômica à atividade. Metade deles está integrada ao Programa de Expansão Suinícola de maneira a complementar na terminação feita na propriedade, o padrão tecnológico fornecido pela Apsat. Também deve ser concluído nos próximos meses, a construção da bio-esterqueira que armazenará os cerca de 2,6 bilhões de litros de dejetos gerados pelo rebanho. Revestida de concreto, a bio-esterqueira tem uma série de vantagens sobre os modelos comuns, explica Paulo Basso. Ela impede a proliferação de moscas, não produz mau cheiro, e o que é melhor, mantém a qualidade dos dejetos que poderão ser aplicados direta-

mente sobre a lavoura.

Construída a um custo de 26 mil e 505 sacos de milho, dos quais, 16 mil sacos deverão ser ressarcidos em quatro anos ao Feaper, oito mil e 243 cobertos, por investimentos próprios e o restante pela contrapartida da prefeitura municipal, a Apsat também deu uma outra grande prova de organização ao administrar a sua construção com grande economia. Segundo Paulo Basso, 22 mil e 128 horas de trabalho foram realizados com mão-de-obra dos associados, enquanto apenas duas mil 650 por mão-de-obra contratada. "A maioria dos condomínios emperra na construção porque faz justamente o contrário", salienta o veterinário, dizendo que a determinação da União Centenária "reflete no custo do trabalho e na qualidade da instalação".

ERVA-MATE

Fomento para os novos ervaais

Seminário em Coronel Bicaco apresenta a situação da produção de erva-mate no Rio Grande do Sul e discute programa de fomento da Cotrijuí para os ervaais comerciais.

Maior produtividade e qualidade. Esses dois fatores, que juntamente com a redução de custos de produção formam o fundamental para sustentação de qualquer atividade agropecuária foram assunto de um seminário realizado no dia 27 de janeiro na Afucotri de Coronel Bicaco, o qual serviu para a apresentação da proposta de fomento e implantação de ervaais comerciais na área de atuação da Cotrijuí. O encontro contou também com uma palestra sobre a situação conjuntural e práticas modernas de implantação e manejo de ervaais, proferida pelo engenheiro agrônomo da Universidade Regional Integrada, Sérgio Moselle. O agrônomo falou para um público atento de mais de 150 produtores e técnicos interessados em dar maior rentabilidade econômica à cultura da erva-mate.

FOMENTO PARA NOVOS ERVAIS - A Cotrijuí pretende adequar suas instalações industriais visando uma ampliação na capacidade de recebimento, industrialização e acima de tudo na qualidade do produto final, informou o gerente da Unidade da Cotrijuí em Coronel Bicaco, Romeu Rhode. Salientou, porém, que todo investimento previsto pela Cooperativa está diretamente ligado à resposta que o produtor vier a dar na implantação e condução dos novos ervaais.



Interesse
Produtores e técnicos participaram do encontro

Após a ressalva feita por Romeu Rhode, o supervisor de hortigranjeiros da Cotrijuí, engenheiro agrônomo João Agostinho Boaro explicou as pretensões da área técnica com os novos ervaais. "Os plantios a serem realizados deverão resultar em ervaais produtivos que proporcionem um efetivo aumento de renda ao produtor. Todo o esforço deve ser nesse sentido", enfatizou Boaro, já que não estamos preocupados somente com a quantidade de mudas que serão plantadas, mas sim com quantas plantas vivas e produtivas teremos no futuro erval".

Em função dessa preocupação,

Boaro afirmou que a Cotrijuí está tomando todo o cuidado para a seleção de mudas e de viveiros, devendo o produtor também fazer a sua parte, evitando a compra de mudas apenas pelo fator preço.

A implantação dos novos ervaais está direcionada para a região de Coronel Bicaco devido à vocação natural da região e à proximidade da indústria, justificou Boaro. Ele lembrou ainda, que a exemplo do Programa de Citricultura, os projetos de implantação dos novos ervaais serão financiados pelo Feaper, com dois anos de carência e prazo de seis anos para o pagamento indexado ao preço mínimo do

matéria-prima aumenta e a ocupação racional do solo se expande através de áreas impróprias para cultivos manuais.

Por fim, Boaro avisa que os produtores interessados devem procurar a unidade de Coronel Bicaco para fazer a inscrição. Os produtores que se enquadram no Feaper poderão optar por esta modalidade de financiamento. Informa também que as áreas para plantio serão vistoriadas pelo departamento agrotécnico e que a partir de maio/junho as mudas para os novos ervaais começarão a ser distribuídas.

Qualidade é garantida da muda até o corte

Tanto na região de Coronel Bicaco como em todo o Estado, quase a totalidade de produção de erva-mate é oriunda da extração de ervaais nativos, os quais estão em fase final de vida útil e tem uma produtividade decadente. A afirmação é do engenheiro agrônomo da URI, Sérgio Moselle, com base em levantamento técnico da produção gaúcha de erva-mate realizado por aquela universidade. Segundo Moselle, em consequência dessa situação, o Rio Grande do Sul importa atualmente aproximadamente 50 por cento da erva-mate que consome. "Se nada for feito para melhorar o quadro, em breve o nível de importação será bem maior", alertou.

Chamando atenção do produtor sobre a sua responsabilidade nesse contexto, Moselle abordou, através de diagnóstico, aspectos fundamentais que devem ser administrados para tornar a produção de erva-mate uma atividade profissional como tantas outras e, garantir assim, um bom retorno econômico. Estes aspectos vão desde a escolha de mudas até a poda das plantas.

*** Qualidade da muda** - Segundo o agrônomo, 51 por cento dos produtores têm perdas superiores a 10 por cento no primeiro ano de implantação dos ervaais e 36 por cento perdem mais de 15 por cento das mudas no primeiro ano. Este problema deve-se em parte à falta de cuidado no plantio, mas também à ausência de qualidade da própria muda. Por isso destaca a importância de se observar o sistema radicular da muda, evitando aquelas com raízes enoveladas. A aquisição das mudas, frisou, deve ser feita apenas de viveiros idôneos e que possuam responsável técnico, pois "a sua resposta está relacionada com o potencial genético da planta matriz de onde se extrai as sementes".

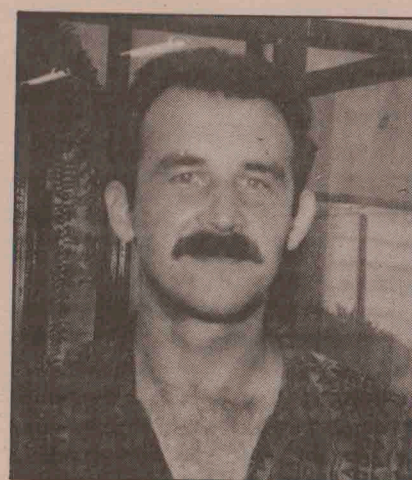
*** Densidade/Espaçamento** - Aqui o agrônomo mostrou que contrariando as recomendações técnicas, 71 por cento dos produtores possuem ervaais com número inferior de mudas. O ideal, disse, é que os plantios contem com mais de duas mil plantas por hectare.

*** Nutrição/Aducação** - Nesse aspecto, o levantamento dado por Sérgio Moselle aponta que 61 por cento dos pro-

dutores não faz adubação de plantio e dos que fazem, poucos atingem a quantidade necessária. Recomendando o uso da adubação química e da orgânica, disse que "deve ser feitas todos os anos, conforme a análise do solo e a situação de cada erval".

*** Podas** - Atualmente, com a extração dos ervaais velhos, o que predomina é o corte total dos ramos e realizado principalmente nos meses de julho e agosto. "O correto é sempre deixar a planta com 20 a 30 por cento de folhas e efetuar a poda durante o ano inteiro", salientou o palestrante. Quanto a ferramenta utilizada na poda, o agrônomo disse que "o facão deve ser abandonado" e recomenda o uso de tesouras adequadas.

*** Manejo do solo** - Conforme o diagnóstico, 55 por cento dos produtores gaúchos fazem consorciação durante toda a vida do erval. "Uma prática prejudicial devido aos danos econômicos que ocorrem nas raízes em razão do uso de



Sérgio Moselle
Diagnóstico e recomendações

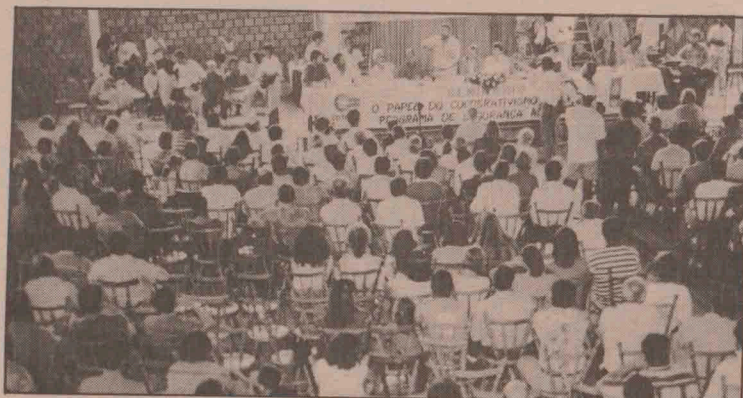
implementos". A consorciação é benéfica quando feita nos primeiros anos, para aproveitamento da área e se utilizando culturas como feijão ou soja. A partir do terceiro ano, entretanto, recomenda o plantio de leguminosas como a ervilhaca que protege o solo e fornecem nitrogênio para as ervaais. "O uso da grade ou outro implemento que revolva o solo e atinja as raízes deve ser evitado", alertou o agrônomo.

*** Rebaixamento de ervaais velhos** - Segundo Sérgio Moselle, os ervaais velhos e já pouco produtivos devem se rebaixados, isto é, cortados rente ao solo para a emissão de nova brotação, mais produtiva e de melhor qualidade.

POLÍTICA

Lula pede apoio das cooperativas em programa de segurança alimentar

Conhecer e discutir as diferenças regionais do País. Com este objetivo a Caravana da Cidadania que rodou inúmeras cidades de todo o Brasil, trouxe a Ijuí o presidente nacional do PT, Luiz Inácio Lula da Silva para debater política agrícola e segurança alimentar. Junto a lideranças cooperativistas, Lula referendou reivindicações do setor, recebeu o Programa da Década da Cotrijuí e conclamou as cooperativas a serem parceiras na elaboração de um programa de governo para a sociedade brasileira



CTG lotou para receber a Caravana da Cidadania

"O Brasil não pode se contentar com uma safra de 70 milhões de toneladas de grãos e sim chegar até 200 milhões de toneladas". A afirmação é do presidente nacional do PT e pré-candidato a presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva durante sua passagem em Ijuí, no dia 21 de fevereiro, dentro da programação da Caravana da Cidadania. Lula chegou a Ijuí para um dos encontros mais produtivos no interior do Estado, onde foi recebido pelo presidente da Fecotriço, Rui Polidoro Pinto, pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva e várias lideranças políticas municipais. Acompanhavam a Caravana, dirigentes petistas, deputados federais e o candidato a governo do Estado, Olívio Dutra.

Com um público que praticamente lotou o CTG Laureano Medeiros, Lula ouviu reivindicações do cooperativismo gaúcho e depois de uma exposição do plano de governo feito por seu assessor José Gráziano, falou da importância de se agregar expectativas diferenciadas a um futuro plano de desenvolvimento econômico, onde "a agricultura é um dos grandes pilares para diminuir o grau de miserabilidade que envolve a sociedade brasileira". Segundo o petista, não adianta querer cuidar do indigente na cidade se não atacarmos o problema na origem. O homem precisa ter condições objetivas de trabalhar no campo", disse, defendendo a necessidade de uma reforma agrária aliada a uma política agrícola.

COOPERATIVAS - Aberto a pro-

Lula junto a Ruben Ilgenfritz da Silva e Rui Polidoro Pinto. Reconhecimento ao trabalho do cooperativismo



postas que venham solucionar o problema da fome e garantam o estabelecimento de uma política produtiva, o presidente nacional do PT destacou o trabalho das cooperativas pregando inclusive a sua disseminação na área rural e urbana. Baseando-se em exemplos italianos, enfatizou que este setor poderia ser estimulado pelo sistema financeiro e, na área rural, principalmente, ter ainda melhores resultados com aplicação direta dos resultados de pesquisa oficial.

"O que falta a este país é vontade política", assinalou Lula lembrando que a campanha nacional da fome foi assumida pelo Betinho - o sociólogo Herbert de Souza -, mas que as propostas de segurança alimentar e de política agrícola foram engavetadas. Na verdade "estamos a mercê de iniciativas particulares", mas a saída pode se dar no momento em que "o governo se decidir em garantir pelo menos três

refeições diárias a cada brasileiro".

Esse é o Brasil moderno que se espera, afirmou o petista, prevendo mudanças para o setor primário no momento em que a política de desenvolvimento se voltar ao potencial do mercado interno. "Se tem alguma coisa que a gente tem que ser auto-suficiente é na produção de alimentos", arrematou, defendendo mudança na política de importações de alimentos, que em nome de um suposto barateamento coloca produtos estrangeiros no auge da safra nacional. Citando o caso do arroz e do trigo, disse ainda que "não adianta fazer acordos governamentais, enquanto o produtor brasileiro carrega uma carga tributária pesada e não conta com uma política compensatória".

Encerrando a sua manifestação, Lula conclamou o setor cooperativista a ser um parceiro na elaboração de uma proposta de governo da sociedade brasileira.

Fecotriço entrega propostas de parceria

De parte da Fecotriço, Luiz Inácio Lula da Silva recebeu o documento *Propostas para uma Parceria Estratégica*, assinado por todas as federações e centrais que compõem o cooperativismo gaúcho. Além do documento ouviu também do presidente da Fecotriço, Rui Polidoro Pinto, os principais pontos que, segundo a entidade, devem merecer atenção especial do próximo presidente da República, como programa de segurança alimentar pelo aumento da produção, revisão do atual sistema de crédito agrícola, reexame da questão tributária, estímulo a agroindústria e a recuperação da triticultura nacional.

Enfatizando que o crédito agrícola precisa ser direcionado a toda propriedade e não a uma cultura, Rui Polidoro

registrou também a redução drástica de recursos para financiamento. De 20 bilhões de dólares que o crédito rural dispunha em 1980, disse que o setor conta hoje com apenas 7,5 bilhões de dólares, "valor menor do que o custo do setor de embalagem para produtos alimentícios".

Com menos recursos de investimento, o produtor brasileiro ainda amarga uma carga tributária de 32 por cento, quando em outros países a taxa não ultrapassa os sete por cento. Esta situação compromete a competitividade do produto e chega a imobilizar a produção nacional, reclamou Polidoro, lembrando que em casos como o do arroz e do trigo "estamos exportando impostos e importando subsídios com o risco de

desestruturar nossa produção".

Para o presidente da Fecotriço, reverter este quadro já é "uma questão de honra" para um país que em 1987 conseguiu produzir 70 por cento das suas necessidades e hoje não ultrapassa os 30 por cento, mesmo que o trigo seja um produto de grande valor agregado, rendendo em arrecadação o correspondente a 10,34 dólares por saca em um ano, enquanto o produtor recebe pela mesma saca 7,34 dólares. Com tanto desestímulo, os gastos em importação se avolumam chegando a dois bilhões de dólares no período de 1990 a 1992, um valor suficiente, como ressaltou Polidoro, para retomar a mesma área plantada anteriormente e garantindo um preço mínimo ao produtor capaz de cobrir os custos de produção.

COTRIJUÍ

Nova postura no meio rural

O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva relatou a Luiz Inácio Lula da Silva um pouco da história da cooperativa desde as suas origens e a sua determinação em trabalhar hoje pela inversão de papéis no meio rural. "O agricultor e as cooperativas devem ser o sujeito do processo e não objetos de políticas governamentais", assinalou.

Hoje, frisou o presidente, "voltamos fundamentalmente para a necessidade de sermos um instrumento de viabilização do processo produtivo". Com este entendimento, "estabelecemos novas diretrizes", acentuou ainda antes de apresentar o Programa para a Década entregue a Lula, o qual estabelece uma nova relação com a terra a fim de se obter melhores produtividades através da articulação comunitária expressa pela parceria entre 19 municípios da sua área de atuação.

PROGRAMA DA DÉCADA - Ilgenfritz destacou ainda que o processo de integração com os municípios firmado pelo Programa da Década tem como grande objetivo cortar, ou pelo menos amenizar, o surto migratório. Disse também que o Programa se caracteriza pela ausência de qualquer postura paternalista e se encarrega de levar os instrumentos de produção, sejam eles materiais, humanos ou tecnológicos, permitindo a organização do produto em sua propriedade.

Citando alguns resultados obtidos nesses primeiros anos de efetivação do Programa, Ilgenfritz finalizou o seu pronunciamento dizendo que a Cotrijuí "está assumindo a sua tarefa, congregada numa divisão de trabalho regional" e salientou a importância de que "cada vez mais sejamos contribuintes do bem-estar social, compreendendo que o país muda de baixo para cima".

zaindq zab aboq

4º ENCONTRO NACIONAL DE PLANTIO DIRETO NA PALHA

Por uma agricultura sustentável

Com um público recorde, o 4º ENPDP mostra que o plantio direto - ocupando hoje 2,5 milhões de hectares em diferentes regiões do país - é o caminho para viabilizar uma agricultura auto-sustentável. O evento reforçou a idéia de produzir mais sem agredir o meio ambiente e revertendo, assim, um processo de erosão que chega a 800 milhões de toneladas de terra fértil por ano no Brasil

Ou a agricultura acaba com a erosão ou a erosão acaba com a agricultura. Esse em resumo, o alerta deixado pelo 4º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha, realizado de 28 de fevereiro a três de março em Cruz Alta. Consagrado como o maior de todos os eventos realizados, o encontro promovido pela Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha e organizado pelo Clube Amigos da Terra de Cruz Alta, com o apoio de inúmeras entidades e instituições, recebeu mais de dez mil pessoas que estiveram participando de palestras no Clube Arranca e demonstrações práticas no campo experimental montado na propriedade de Benno Arns.

Surpreendendo até mesmo os seus organizadores, o 4º ENPDP foi feliz no seu objetivo de difundir o plantio direto, "não uma técnica diferente mas uma questão de sobrevivência", como afirmou na abertura do evento, o "pai" do plantio direto no Brasil, Manoel Pereira. Junto com outros produtores e representantes de entidades de pesquisa como a Embrapa, Fundacep ou o Iapar, Secretaria da Agricultura do Estado, Prefeitura Municipal, Cotricruz e entidades conservacionistas, ele reforçou a idéia central do evento de expandir o plantio direto como forma de viabilizar a auto-sustentação da agricultura.

Falando a um público atento, Manoel Pereira também fez um alerta para o estado anfitrião, dizendo que caso se diminua o

volume de solo perdido em três safras, a produtividade pode aumentar em 50 por cento usando-se os mesmos níveis de adubação atuais. O respaldo dessa receita vem da experiência de um produtor que há 18 anos trabalha com o sistema de plantio direto e há doze anos tem toda a sua propriedade de dois mil hectares coberta pela palha.

O mesmo entusiasmo mostrado pelo paranaense, foi sugerido pelo deputado federal Odacir Klein. "Não basta produzirmos alimentos se estivermos agredindo a terra", disse o parlamentar assinalando a realidade do plantio direto em pequenas propriedades onde a agricultura é feita com preservação do meio ambiente, diminuindo os custos de produção, aumentando a produtividade e também a rentabilidade. O Conselheiro da Fecotriga, salientou entretanto, que a sustentabilidade do plantio direto, depende de medidas oficiais como o estímulo, em forma de pesquisa e recursos, para culturas estratégicas como o trigo, que vem dar a sustentação fundamental em rotação de culturas no inverno.

EXPERIÊNCIA LATINA - Dentro de uma programação intensa, os produtores, técnicos, estudantes presentes ao encontro também ouviram a experiência em plantio direto do chileno Carlos Crovetto Lamarca, que há 35 anos produz sem arar a terra. Uma decisão, segundo ele, proporcionada pelo controle da erosão, aumento da fertilidade do solo em função do húmus formado na



Milhares de produtores visitaram o Centro Experimental

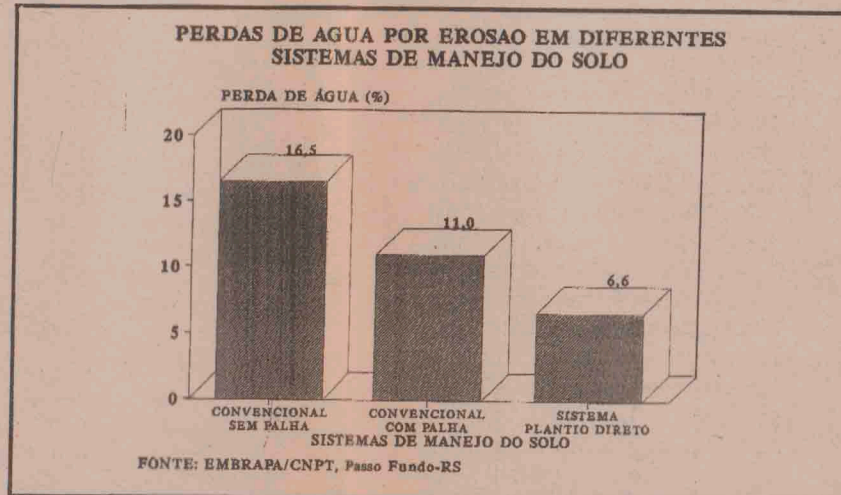
palha, e é claro do aumento da produtividade. Proprietário de 400 hectares em Santiago, Lamarca colhe em média sete mil quilos de trigo por hectare, mas chegou este ano a 10 mil e 700 quilos por hectare. No milho a média do chileno é de 14 mil quilos por hectare, com um recorde de 21 mil quilos por hectare na última safra.

Os resultados obtidos por Lamarca ainda não se expandiram no Chile. De um total de um milhão e 400 mil hectares cultivados no país, apenas 120 mil são ocupados pelo plantio direto, como resultado da falta de estímulo governamental. Embora a falta de apoio, Lamarca acredita que pela exigência do solo e de melhores rendimentos na agricultura, o sistema deverá ter um aumento nos próximos anos.

O pesquisador argentino da FAO e do Banco Mundial, Jorge Molina Buck, não só acredita como torce pela expansão do plantio direto, uma tecnologia de respeito ao

sistema que iniciou há quarenta anos ainda ocupa pouco espaço, - apenas oito por cento da área agricultável - sendo impulsionado apenas nos últimos anos.

Como outros tantos pesquisadores presentes ao evento, Molina tem certeza de que a água e a palha são fundamentais para recuperar o solo em qualquer lugar do planeta e citou como exemplos trabalhos de sucesso realizados em solos semi-áridos da Argentina, Grécia, Espanha e países do Mediterrâneo. Lembrou a função essencial da palha para manter ou ativar a microbiologia do solo e também da sua importância no fornecimento de energia. O pesquisador apontou ainda os efeitos nocivos da erosão pelo assoreamento dos rios, levando a redução da capacidade de geração de energia das usinas hidroelétricas. Nesse sentido, estimou, por exemplo, que a Barragem do Passo Real já esteja comprometida em um quinto do seu potencial.



Pesquisa prevê expansão de 15 por cento no Estado

Pesquisadores da Fundacep mostram as vantagens técnicas e econômicas do sistema e apontam tendências de crescimento no Estado

O caminho da sustentabilidade na agricultura é deixar o imediatismo de lado e partir para o planejamento da propriedade, seja qual for o tamanho da área. Esse é o entendimento do diretor da Fundação Centro de Experimentação e Pesquisa da Fecotriga - Fundacep, Ricardo Matzenbacher, mostrando-se satisfeito com a mobilização provocada pelo 4º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha. Como outros pesquisadores que participaram da organização do evento, Matzenbacher acredita que a área de plantio direto no Estado - 500 mil hectares - deve crescer em pelo menos 15 por cento a partir deste ano.

A tendência colocada pelo pesquisador é fruto da conscientização crescente do produtor em colher mais com menores custos e ainda preservando o ambiente, e também do avanço da pesquisa direcionada a uma tecnologia que mexe com todo o sistema produtivo. Na medida em que se aumentam estes dois polos - ou seja, que se quebre as barreiras culturais e se conte com um maior número de entidades envolvidas, inclusive as faculdades de agronomia com a criação de disciplina específica, o sistema deslança, acredita Matzenbacher, salien-

tando ao mesmo tempo, as respostas que ainda devem ser buscadas no que diz respeito a calagem, fontes de adubação, a melhor rotação, entre outros aspectos.

MAIOR LUCRO - Nesse processo, a Fundacep é uma das entidades de pesquisa com trabalho permanente, coordenado pelo pesquisador José Ruedell. Em poucos anos as pesquisas devem abandonar totalmente o método convencional direcionando os projetos para o plantio direto, prevê o pesquisador. Ele vem difundindo resultados de um trabalho comparativo entre os dois sistemas e onde se registra uma economia de 30 por cento na mão-de-obra e 40 por cento de combustível para o plantio direto em relação ao convencional.

A pesquisa da Fundacep iniciou em 1985 e indica ainda que a vida útil de um equipamento fica em dez anos no convencional e chega em 16 anos no plantio na palha.

O mesmo trabalho comparou o desempenho de produtividade entre soja, milho e trigo. O milho sai na frente, apresentando um rendimento de cinco mil e 600 quilos por hectare em plantio direto contra quatro mil e 500 quilos no convencional, ou seja, no solo coberto com palha, o diferencial foi de 27

Uma técnica que orgulha o produtor

Se as palestras juntaram um público concorrido no Clube Arranca, o campo experimental de 28 hectares na propriedade de Benno Arns encheu os olhos e mexeu com o ânimo dos produtores visitantes. Ali, eles puderam avaliar os avanços obtidos em soja e milho cultivados em plantio direto, através de inúmeros stands montados por 32 empresas e também assistiram a demonstrações com semeadeiras, pulverizadores e colheitadeiras.

A área escolhida para sediar o campo experimental não foi casual, pois o produtor Benno Arns é um dos pioneiros do plantio direto em Cruz Alta, onde o sistema já atinge 70 por cento da área agricultável. Arns tem oito anos de plantio direto e diz, com muito orgulho, que "nem que quisesse poderia voltar ao convencional porque não tenho nenhum implemento para isso na propriedade".

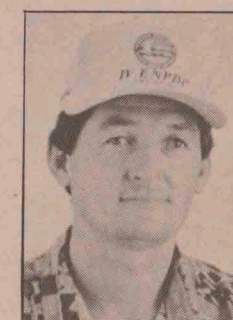
O sistema conservacionista passou a ser praticado na propriedade em 1986, por insistência do filho Ulfried Arns, depois de muito prejuízo com a erosão nas suas terras. Era tanto solo escorrido que o produtor chegou em algum tempo a pensar em abandonar a agricultura. O plantio direto deu outro rumo a propriedade: de 220 hectares próprios e 420 arrendados, que passou em pouco tempo a contabilizar um aumento na fertilidade do solo, maior facilidade no manejo e menores custos para a implantação da lavoura que segue hoje um esquema bem determinado - dois terços de soja e um terço de milho no verão e um terço de trigo no inverno, com o restante da área ocupada pela cobertura de aveia e outras forrageiras para engordar o gado.

Com esse esquema rotacional, Benno Arns tem obtido 57 sacos de soja por hectare mas chega até os 67 sacos em áreas com mais tempo de plantio direto. O milho tem rendido 100 sacos por hectare, en-

quanto o trigo fica em três mil e 660 quilos por hectare.

ESTÍMULO - Conhecendo os benefícios do plantio direto, muitos produtores que passaram pelo campo experimental saíram ainda mais entusiasmados. É o caso de Waldemar Michael, de Rincão dos Pampas, em Coronel Barros, que já conta com 60 por cento da área em plantio direto. "A agricultura tradicional está falida", diz o produtor, que já vem registrando uma economia de 15 por cento na lavoura de plantio e tem a intenção de fechar a área de 530 hectares com o sistema no próximo ano.

Com quatro anos de plantio direto, o produtor Lirio Broetto de Tenente Portela saiu mais decidido do que nunca a expandir a sua área de 90 hectares em plantio direto. Acima de tudo é preciso aumentar a área de milho - pelo menos uns 40 por cento - prevê o produtor, que hoje conta com apenas 10 hectares do cereal, mas é consciente da importância da cultura em rotação com a soja para evitar as doenças de solo e aumentar a sua produtividade. Esperando uma safra boa, apesar da estiagem, Broetto estima uma colheita de 50



Lirio Broetto



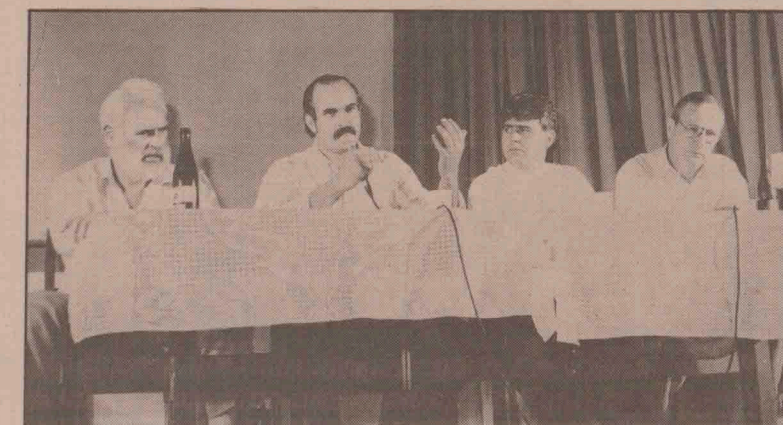
Lirr Copetti

sacos de soja por hectare no plantio direto a 110 sacos de milho. Volumes que podem aumentar ainda mais conforme melhorar o planejamento da propriedade com a inclusão de culturas como a ervilhaca para dar maior sustentação ao milho.

De Ijuí, o produtor Lirr Copetti, apesar de ser um iniciante no plantio direto não tem dúvidas: "se não partirmos para essa alternativa mais conservacionista, ficaremos sem terra". Proprietário de 110 hectares em Vila Floresta, o produtor tem hoje 40 hectares de soja em plantio direto e também está certo de que acima de tudo é rotação de culturas, onde o milho tem um lugar indispensável.

Rotação de culturas é a solução para controlar doenças

Rotação de culturas e adubação verde são algumas das práticas que conferem a viabilização do plantio direto em qualquer tamanho de propriedade



John Landers, Ademar Calegari, Mauro T. da Silva e Erel Melo Reis

Qualidade total na lavoura é igual a erosão zero com plantio direto e redução de doenças com uso da rotação de culturas e tratamento de sementes. Essa receita foi dada pelo pesquisador Erel Melo Reis do CNPT-Embrapa de Passo Fundo ao falar sobre manejo de doenças no plantio direto no último debate do 4º ENPDP.

A indicação do pesquisador foi precedida por um esclarecimento sobre as origens de doenças denominadas podridões radiculares e cancro da haste, que tem causado muita preocupação a técnicos e produtores. Essas doenças são introduzidas nas lavouras pela semente e, posteriormente, mantêm-se presente pela exploração dos restos culturais - resteva ou palha da - sob monocultura.

Com o plantio direto - mantendo os restos culturais sobre o solo e em lenta decomposição - fica facilitada a multiplicação, a disseminação e sobrevivência dos parasitas no período de entressafra. É por isso que, a solução para controlar ou eliminar essas doenças se dá com a rotação de culturas. Uma medida de controle biológico natural baseada na erradicação ou na eliminação do patógeno pela eliminação da fonte nutricional - resto cultural.

De controle biológico falou também o pesquisador da Fundacep, Mauro Tadeu Braga da Silva, que abordou a importância da fauna do solo associada ao sistema de plantio direto.

Embora recentes, algumas pesquisas apontam o papel positivo desses organismos não só em controle biológico de pragas nocivas às plantas, mas pela regulação do processo de decomposição de resíduos, auxiliando no aumento da mineralização de elementos químicos, especialmente fósforo ou facilitando a circulação do ar e da água no solo. Segundo Mauro da Silva, "é vital a conservação e aumento da diversidade da fauna no plantio direto, pois ela poderá ser muito útil para a fertilidade dos solos e como biocontroladores de culturas, podendo resultar numa economia significativa de fertilizantes e produtos fitossanitários no futuro".

PEQUENA PROPRIEDADE - O pesquisador Ademar Calegari, do Iapar, Londrina, no Paraná apresentou as experiências realizadas com os pequenos produtores daquele Estado, principalmente de áreas com solos de baixa aptidão agrícola, mas que possuem um bom conhecimento da prática de adubação verde e rotação de culturas. Para essa realidade o Iapar desenvolveu uma plantadeira de tração animal - a Gralha Azul -, contribuindo para a superação de um dos entraves para o desenvolvimento do plantio direto. Essa experiência tem indicado maiores rendimentos físicos e melhores receitas líquidas em relação custo/benefício, menor emprego de mão-de-obra, comprovando assim a eficiência do sistema em relação ao convencional.

Uma história de mais de meio século

As primeiras referências conhecidas sobre o plantio sem lavração datam de cerca de 60 anos atrás. Tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, as primeiras tentativas encontraram grandes dificuldades, relacionadas principalmente com o controle das ervas daninhas. Foi o surgimento do primeiro herbicida de contato sem ação residual, o Paraquat, em 1961, na Inglaterra, que propiciou a retomada destas experiências, que se desenvolveram ao longo dos anos, chegando ao ponto de prever que no ano 2.000, 45 por cento da área cultivada nos Estados Unidos seria feita pelo método de cultivo sem lavração. As mesmas previsões dão conta que nas sete culturas mais importantes para os norte-americanos - milho, soja, sorgo, trigo, aveia, centeio e cevada -, a área de plantio direto chegará a 65 por cento no ano 2.000 e a 78 por cento no ano 2.010.

O pioneirismo no Brasil coube ao agricultor Herbert Bartz (1971), Renânia, em Rolândia (PR). Depois de conhecer lavouras cultivadas sobre a palha sem lavração tanto na Europa como nos Estados Unidos, importou uma plantadeira Allis Chalmers e iniciou as primeiras lavouras nesse sistema. Na mesma época, o agrônomo Ruy Pigatto implantou várias

unidades demonstrativas em lavouras dos municípios de Toledo, Palotina, Catanduvas e outros.

Em 1972, o plantio direto ganhava destaque como o início das atividades da Cia. Imperial Indústrias Químicas (ICI), que trouxe da Inglaterra o especialista Terry Willes. Em conjunto com o pesquisador Rolf Derpsch, engenheiro agrícola que integrava a Missão Agrícola Alemã, trabalhando junto ao Ipeame - Instituto de Pesquisa Agropecuária Meridional, Willes mobilizou uma equipe de 24 agrônomos da Secretaria da Agricultura do Paraná, que recebeu um treinamento sobre o sistema. Naquele ano, visitou o norte do Paraná o professor Clover Triplett Jr., do Centro de Pesquisa Agrícola de Desenvolvimento de Chio (EUA). Além de Herbert Bartz, na região de Rolândia, já estavam experimentando o sistema, os agricultores João Schlieper, Kiyoji Endo, e logo em seguida um irmão de Bartz, Paulo, e Isaías Malogni, Bráulio Barbosa e Gerard Grobner. Nessa época já estava no Brasil o engenheiro mecânico David Ablett, da ICI, com a finalidade de orientar o desenvolvimento de máquinas para plantio direto.

Os trabalhos do Ipeame, nas esta-

ções de Londrina e Ponta Grossa, estimularam o então secretário da Agricultura do Paraná, Roullein Bataglia, a anunciar em dezembro de 1972 o apoio oficial do Estado ao desenvolvimento do plantio direto. Exatamente nessa época iniciavam-se os primeiros trabalhos no Rio Grande do Sul, com a ICI montando uma equipe para atuar junto às cooperativas e trabalhar em conjunto com a Embrapa.

Em 1973, já havia lavouras de plantio direto em propriedades pioneiras na Fecotriga, Cotrisa, Cotrijuí, e especialistas da Embrapa como Wernes Wünsche, Luis Ricardo Pereira, José Alberto Veloso, Bernard Bouglé, Américo Dallagnol e outros se empenhavam nos primeiros trabalhos para a implantação do plantio sem lavração em terras gaúchas.

A retomada no crescimento se deu a partir de 1982, quando começaram a ser criados os Clubes Amigos da Terra. Depois de uma revisão nas técnicas empregadas, evolução nas recomendações de herbicidas, uso de máquinas adaptadas e "kite", desenvolvimento de rotação de culturas e muita troca de estímulo e experiências por volta de 1986, começou a fase de crescimento gradativo, tanto do número de agricultores adotantes como na área plantada.

Viabilizando o plantio direto

Cotrijuí mostra ao produtor que plantadeira não é entrave para avançar o sistema na região. Além da orientação técnica, a cooperativa, junto com as empresas fabricantes, estuda formas de financiamento para a aquisição dos equipamentos

O plantio direto veio para ficar e por isso temos que buscar todas as formas de fomento possível, seja através da assistência técnica na condução da lavoura como em equipamentos necessários ao desenvolvimento do sistema mais conservacionista, conforme tem comprovado a pesquisa. Este é o entendimento da Cotrijuí que realizou uma verdadeira maratona de encontros entre o dia 23 e 31 de março, para mostrar ao produtor as diversas alternativas de plantadeiras disponíveis no mercado, adaptadas ou não e com preços variados.

Aproximadamente dois mil associados de todas as unidades da Cotrijuí participaram dos dias de campo realizados em Coronel Barros, na propriedade de Valdemar Michel, Tenente Portela, Emilio Walter, Coronel Bicaco, José Irani Miotto, Santo Augusto, fazenda Taperinha de Fernando Craidy, Ajuricaba, Luis Brigo e em Augusto Pestana, Osmar Deutschmann.

DESEMPENHO - Em todas essas propriedades os participantes dos dias de campo avaliaram a funcionalidade, a precisão, o desempenho e o próprio custo de semeadeiras. Algumas máquinas realizam o plantio de soja, milho e trigo e outras, além disso, plantam aveia e demais forrageiras, através de sistemas variados que garantem um bom corte de palha e uma boa deposição de semente e adubo sem revolver muito o solo.

Todo este trabalho foi mostrado pelos modelos da Imasa, de Ijuí, Lavrale e Menegaz, de Passo Fundo SLC, de Horizontina, Fankhauser, de Tuparendi, Semengir, de Giruá, Sfil, de Fortaleza dos Valos, Vence Tudo, de Ibirubá, Tratomaq, de Três Passos, Krause, de Ajuricaba.

Iniciando por Coronel Barros, que já sinalizava a grande participação do associado com a presença de mais de 250 pessoas, a maratona do plantio direto, encerrou com um grande dia de campo em Augusto Pestana. Ali se repetiu o número de público das outras unidades e além das plantadeiras, o produtor também assistiu a uma demonstração de trituradores de palha fabricados pela Jan e Geva, de Não-Me-Toque.

"Esse encontro é o símbolo real do associativismo", afirmou o gerente da unidade de Augusto Pestana, Nelson Thesing, observando "a reunião de um grande nú-

mero do quadro social da cooperativa para avaliar a tecnologia do plantio direto através do trabalho de dez empresas". Disse também que o plantio direto é uma forma de estruturar melhor a propriedade através da análise permanente dos seus recursos.

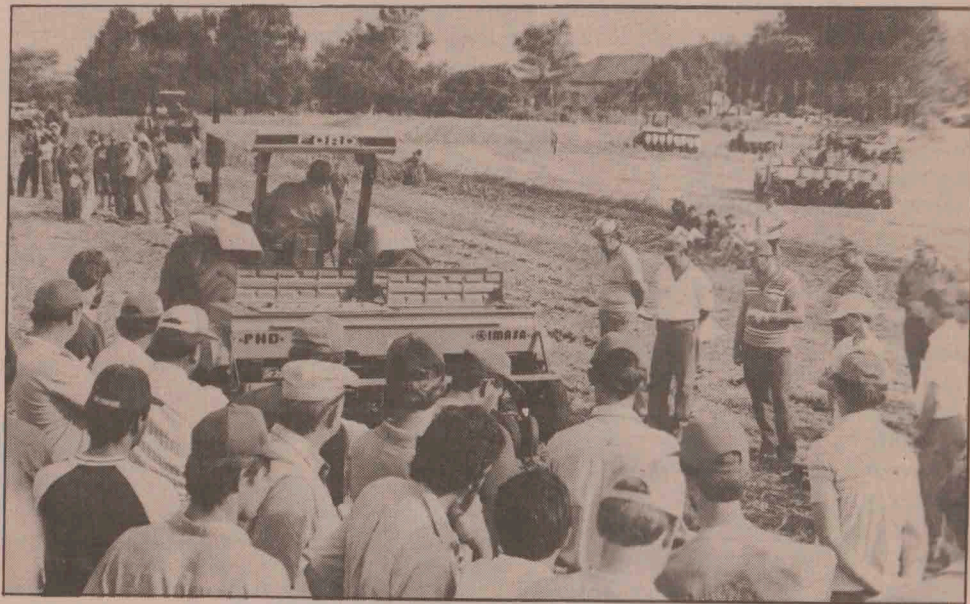
Do ponto de vista educacional, ressaltou ainda o gerente de Augusto Pestana, o plantio direto se compara a uma pós-graduação que utiliza em mesmo grau, a tecnologia buscada durante vários anos pelas empresas de maquinários.

HORA DE EXPANDIR - Para o supervisor da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein esse é um momento muito adequado para expandir o plantio direto.

Ao contrário das primeiras experiências feitas na região há mais de 20 anos, "temos toda a assistência e orientações para expandir o sistema com maior segurança e melhores resultados".

"Hoje nada mais nos impede de fazer o plantio direto", assinalou o pesquisador apontando o dia de campo como prova dessa realidade, onde o produtor tem uma noção clara de que nem mesmo o maquinário de plantio pode ser considerado um entrave para o avanço do sistema. É claro que algumas plantadeiras são mais caras, mas como se viu nestes encontros - e este foi o principal objetivo -, são inúmeras as opções atendendo as condições e as necessidades do pequeno e do grande produtor, de quem possui trator pequeno ou mais potente, de quem opta por modelos mais sofisticados ou para quem precisa de modelos adaptados ou da utilização de kits de plantio direto em semeadeiras de plantio convencional.

Convencida da importância de sedimentar maior tecnologia no campo, a Cotrijuí está em permanente contato com todas as empresas participantes do evento, procurando junto com elas, alternativas de



Encontro em Augusto Pestana
Reunião de mais de 200 pessoas



Desempenho
Produtor confere a funcionalidade do maquinário

apontada pelas unidades da cooperativa.

Uma alternativa estudada seria o repasse de maquinário através de convênio entre a Cotrijuí, fabricante e Banco do Brasil, a exemplo da sistemática realizada com tratores em 1992. A outra alternativa vem pelo Programa Operação Ceileiro, que deve ser lançado em breve pelo governo estadual, com recursos do Finame Rural e do Banrisul. Por este sistema, as máquinas podem chegar à lavoura com 90 por cento de financiamento a ser repassado pelo troca-troca de milho.

financiamento para, pelo menos 400 máquinas somente este ano. Esta é a demanda

financiamento a ser repassado pelo troca-troca de milho.

UNIMED-IJUÍ

Plano Cooperativo de Saúde

Os associados da Sicredi ou Cotrijuí, ainda não beneficiados e que desejarem participar do Plano Cooperativo de Saúde, poderão inscrever-se no referido Plano no período de 01.05.94 a 30.06.94., na Sicredi de seu município.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar, com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 54 municípios da área de ação da Unimed que conta com 360 médicos, 34 hospitais e 44 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

- 1 - Consultas em horário normal de consultório, fora-de-hora, em plantão hospitalar, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área de ação;
- 2 - Exames de laboratório: atendimento por 44 laboratórios;
- 3 - Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anátomo-patológicos, retossigmoidoscopia, esofagogastroduodenoscopia, etc.;
- 4 - Fisioterapia;
- 5 - Exames de raio;
- 6 - Ultrassonografia;
- 7 - Atendimento de urgência diretamente nos pronto-socorros;
- 8 - Hospitalizações em quarto semi-privativos ou privativo mediante acoplamento com SUS (Inamps), englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (parto e cesarianas).

Maiores informações sobre o Plano, como participações nas consultas, complementação de honorários em acomodação hospitalar superior, carências, etc., encontram-se no Folheto Unimed à disposição nas Sicredis.

Saúde é o melhor investimento.

Sua família merece.

Inscreva-se



Avaliação direta dos mecanismos próprios ao sistema

Áreas demonstrativas respaldam a expansão do milho

Maior produtividade, controle de doenças e melhor receita na propriedade: os resultados das áreas demonstrativas de milho, avaliados em dias de campo, são o desafio para a expansão da lavoura nas próximas safras

Apesar dos tropeços no calendário provocados pelo excesso de chuva em fevereiro, o roteiro dos dias de campo nas áreas demonstrativas de milho não ficou comprometido. Embora alguns chegassem a ter as datas alteradas por mais de duas vezes, os encontros tiveram uma boa participação do produtor, contando em muitos casos com a reunião de mais de cem pessoas.

"Os dias de campo são fundamentais para mostrar na prática como trabalhar com a cultura do milho", assinalou o pesquisador Roberto Carbonera, destacando o avanço da pesquisa inclusive em áreas onde os agricultores estão acostumados a utilizar materiais já ultrapassados. Em fevereiro e março, esses e muitos outros produtores da região da Cotrijuí discutiram o milho através de 26 áreas demonstrativas implantadas com o objetivo de comprovar o potencial de rendimento de uma cultura estratégica, seja pelo incremento de culturas, pelo suporte alimentar na produção animal, a sustentação da agroindústria ou até mesmo pelo valor nutritivo na alimentação humana.

PLANEJAMENTO - Montadas com toda a assistência técnica das unidades da cooperativa, as demonstrativas tem avaliado materiais híbridos disponíveis no mercado. Neste ano, participaram dos ensaios os materiais P 3069, P 3099, G 85, G 800, G 1325, AG 211, AG 122, AG 215, XL 560, XL 330, D 556, D 766, D 887, C 901, C 805, C 808, CEP 304, P 3230 e XL 561.

Além dos materiais mais resistentes e produtivos, o que as áreas demonstrativas reforçam é a necessidade de planejamento para expandir a cultura. "A lavoura de milho tem que ser definida no inverno porque a cultura passa responder melhor em áreas com boas condições de fertilidade, biologia e física do solo", salientou Carbonera nos inúmeros dias de campo onde também foram destacados os aspectos técnicos referentes a época de plantio, densidade e semeadura, adubação e co-



Augusto Pestana
Mostrando o potencial do milho



Osmar
Deutschmann

lheita.

O alerta do pesquisador quanto ao planejamento tem muito a ver com as vantagens de adubação verde e onde a escolha das culturas que antecedem o milho é fundamental para fortalecer os níveis de adubação exigidos. Se o produtor planeja uma colheita de seis mil quilos por hectare, ele pode pensar em uma adubação média de cobertura, caso utilize uma leguminosa de inverno. Porém, se os seus planos forem para uma colheita acima daquele patamar, o nível de adubação, obrigatoriamente, terá que aumentar.

Esses cuidados com a adubação pode definir a produção, seja pelo tamanho ou número de espigas, como pelo número e peso de grãos, explicou o pesquisador, apontando como recomendável, um peso de 250 gramas para a espiga. Atingindo, entretanto, boa performance em qualquer um desses pontos, o produtor pode assegurar um rendimento satisfatório mesmo em safras de estiagem, disse, exemplificando

uma lavoura onde o peso da espiga é 100 gramas, mas que apresenta um bom stand, o rendimento tem chance de chegar a cinco mil quilos por hectare.

SUSTENTAÇÃO - "Nós temos variedades e tecnologia para atingir mais de 100 sacos por hectare", afirmou o engenheiro agrônomo Marcos Palharini, da unidade da Cotrijuí em Augusto Pestana, falando para um grupo de aproximadamente 100 produtores que foram até a localidade de Esquina Gaúcha participar do dia de campo na área demonstrativa do produtor Osmar Deutschmann.

É a segunda vez que a propriedade de Deutschmann entra no trabalho de experimentação do milho. Mesmo com semeadura tardia - 11 de outubro - o milho teve bom desenvolvimento, analisou Palharini, apresentando como uma das justificativas o fato de ser cultivado em plantio direto. Ali o milho foi plantado sobre resteva dessecada de azevém e aveia em semeadura natural e já promete uma média de rendimento superior a cinco mil quilos.

A garantia de rendimento dada pelo agrônomo não vem somente da área demonstrativa de Deutschmann. Segundo Palharini, uma outra área instalada em São Miguel na propriedade de Avelino Hermann saiu-se ainda melhor, apresentando rendimento médio acima de seis mil quilos por hectare. Além disso, e o que é



Avelino Hermann

mais importante, muitas lavouras de Augusto Pestana já atingiram os 100 sacos por hectare, demonstrando que a condução da lavoura foi melhor e os investimentos do produtor foram grandes neste ano, embora muitos ainda não utilizem práticas fundamentais como adubação de cobertura a nível de propriedade.

"O produtor tem que se dar conta de que o milho é a sustentação do meio rural", enfatizou o próprio Osmar Deutschmann, que há quatro anos vem expandindo a lavoura de milho com a preocupação de também melhorar o rendimento das outras culturas e de viabilizar o plantio direto iniciado há seis anos. Essa decisão, entretanto, exige planejamento, considerou ainda o produtor que tem um terço da área com milho geralmente em cima da resteva de ervilhaca e aveia preta. Adubação também não falta: 250 quilos de 05-20-20 na base e cobertura de acordo com o histórico do solo, explica Deutschmann, dizendo que quanto mais estruturado o solo maior deve ser o investimento em uréia.

Trabalhando em maior escala com a suinocultura e em segundo lugar com aves e leite, o produtor ainda não conseguiu transformar todo o milho na propriedade. "20 por cento do cereal é utilizado na produção animal, mas o objetivo é transformar todo ele no futuro", disse, salientando uma média em torno de 90 sacos por hectare na lavoura de milho e que chega a 52 nos piores anos de seca. "Com este resultado pago os gastos da lavoura e ainda tiro o dobro em relação a soja", arrematou.

Lavoura deve crescer

"Quem não tiver milho na propriedade, pode sentir falta de alimento na mesa". A afirmação é do médico-veterinário e coordenador da Emater em Ajuricaba, Vinícios Canaã, abrindo o dia de campo ocorrido na área demonstrativa instalada na propriedade de Alexandre Uhde em Barro Preto. O veterinário reforçou a importância estratégica da cultura na pequena propriedade, num encontro que iniciou com as palestras técnicas, teve visita à área experimental e terminou com uma degustação de vários alimentos feitos à base de milho.

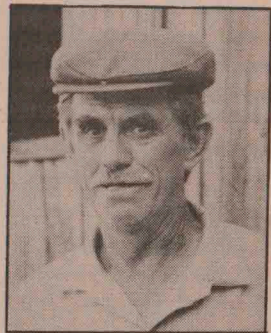
O engenheiro agrônomo Elton Lohmann, da unidade da Cotrijuí em Ajuricaba, falou da condução da área demonstrativa tocando num assunto que hoje está presente em qualquer discussão sobre a cultura. A sua importância para controlar as doenças da soja, como o cancro da haste, principalmente, que vem se alastrando a cada ano e trazendo prejuízos sérios à cultura. Feito o alerta, Elton mostrou o

histórico da área, cultivada dois anos antes com aveia preta e soja e que teve parte dela cultivada em plantio convencional e outra parte em plantio direto. O plantio com todas as variedades foi feito em 16 e 17 de setembro, obedeceu todas as recomendações de densidade e espaçamento e recebeu como adubação de base 300 quilos por hectare de 05-20-20 e 50 quilos por hectare de sulfato de amônia. Como adubação de cobertura teve 150 quilos de uréia por hectare.

MAIOR TECNOLOGIA - Em função da estiagem de janeiro, a área rendeu mais de 80 sacos por hectare, como já calculava seu Alexandre Uhde durante o dia de campo. O produtor também mostrou-se satisfeito com a oportunidade de estender a tecnologia, seja através do conhecimento dos materiais como pelas técnicas de plantio e recomendações de adubação para uma lavoura de milho ainda pequena diante das suas necessidades. Proprietário de 64 hectares, seu Alexandre



Dia de campo com palestra, observação prática e degustação



Alexandre Uhde

tem apenas seis hectares de milho, dos quais um hectare e meio é destinado a silagem. "Falta um pouco mais para fazer a rotação ideal de verão", admitiu o produtor pensando seriamente em aumentar a área da cultura para pelo menos 10 hectares na próxima safra.

O pesquisador Roberto Carbonera foi um pouco mais longe na sua avaliação e avisou que pelo seu potencial na pecuária leiteira e a necessidade de rotação de

culturas - uma questão irreversível - a região ainda tem muito pouco milho nas lavouras. Apontando as médias obtidas pelas áreas demonstrativas nos últimos três anos - acima de 100 sacos por hectare - foi taxativo ao lembrar que o produtor tem todo o respaldo dos dados regionalizados para expandir a sua lavoura e obtendo rendimentos compatíveis ao custo de produção e com receitas superiores a da soja.

VALIDAÇÃO DE TECNOLOGIA

Melhor resposta econômica

Trabalho experimental comparando área com e sem tecnologia mostram ao produtor que a primeira opção é indispensável para obter retorno econômico com o milho

Demonstrar ao produtor que o uso da tecnologia traz um significativo e rápido retorno econômico. Com este objetivo, a Cotrijuí iniciou nesta safra um trabalho de experimentação denominado "validação de tecnologias", usando 32 áreas com um hectare cada uma e localizadas em comunidades onde o produtor ainda permanece ligado a metodologias de cultivo ultrapassadas.

Uma dessas áreas foi instalada na propriedade de Erno Tømm, localizada em As Brancas, Chiapetta, a qual foi avaliada no dia 11 de março em dia de campo promovido pela cooperativa. Ali os produtores assistiram a uma explanação sobre produção e comercialização do milho feita pelo engenheiro agrônomo Marco André Junges, mas principalmente observaram o desempenho da variedade Pioneer 3230 cultivada de acordo com análise de solo, respeitando a época de plantio mais indicada, contando com correta dosagem e aplicação de corretivos e fertilizantes e obedecendo as recomendações de densidade e espaçamento.

O desempenho da área experimental foi comparada com a área tradicional mantida pelo proprietário de 11 hectares. "Valeu a pena ver os tratos diferentes", disse ao final da avaliação o seu Erno Tømm, prevendo um resultado bem diferente para as duas lavouras. Confirmados dias depois com a colheita feita também como manda a recomendação técnica.

Enquanto a área com tecnologia rendeu 120 sacos por hectare, e oportunizando um lucro de 499,15 dólares, a outra, sem tecnologia, ficou em apenas 65 sacos por hectare, apresentando um lucro de 235,63



Área experimental em Chiapetta...



...rendeu 120 sacos por hectare a Erno Tømm

dólares como demonstra a tabela ao lado. "Há quinze anos um resultado desses era considerado impossível", comentou ainda o produtor apontando benefícios indiretos através da reposição de fertilidade do solo e comprovando um melhor aproveitamento da terra. Afinal, com apenas um hectare, ele tirou o equivalente a produção costuma de milho - dois hectares.

COMPROVAÇÃO - Em Barreiro, Vista Gaúcha, o produtor Otmar Goldschmidt também comprovou o retorno obtido pelo milho quando cultivado com a tecnologia necessária. Proprietário

de 16 hectares, o produtor vem plantando oito hectares de milho, sempre consorciado à soja, de onde costuma retirar 250 sacos de soja no total. Uma metodologia que deve ser abandonada, como ele mesmo planeja, depois do experimento com a variedade AG 303, semeado manualmente em solo preparado a arado de boi, mas com bom nível de adubação - 220 quilos de 05-20-20 e mais 50 quilos de sulfato de amônia na base e 170 quilos de uréia em cobertura.

A essa condução, a lavoura de Goschmia respondeu com 116 sacos por

hectare, "e ainda porque faltou chuva", diz o produtor que utiliza todo o cereal na suinocultura e na pecuária leiteira.

Para o gerente de produção agropecuária da Cotrijuí, Francisco T. Falcão Pereira, o sucesso desse primeiro ano vai proporcionar um incremento do trabalho nas próximas safras. "A idéia é atingir um maior número de áreas e possibilitar, dessa forma, uma maior participação do produtor através de visitas ou dias de campo", salienta o agrônomo, anunciando que a "validação" incluirá a safra de inverno, tornando o experimento na produção de grão mais integrado.

RELAÇÃO CUSTO BENEFÍCIO DA ÁREA DE MILHO DO PRODUTOR ERNO Tømm - CHIAPETTA		
	EM US\$	
	LAVOURA DEMONSTRATIVA	LAVOURA COMPARATIVA
CUSTO FIXO		
Preparo do solo e plantio	24,22	24,22
Sementes	59,86	34,00
Capinas	9,61	9,61
Colheita	60,47	60,47
SUBTOTAL	154,16	128,30
CUSTO VARIÁVEL		
Adubo (05-20-20)	300 kg/ha	170 kg/ha
	51,90	29,16
Uréia	100 kg/ha	- 0 -
	20,50	- 0 -
SUBTOTAL	72,40	29,16
CUSTO TOTAL	226,56	157,46
Produção líquida	120 sacas	65 sacas
Receita	725,71	393,09
Lucro	499,15	235,63

Dia de campo em parceria

"Só olhar não basta, o produtor precisa complementar o trabalho da pesquisa levando a tecnologia para a sua propriedade". Essa conclusão é do produtor Antenor Vione, da localidade de Barreiro, em Ijuí, que esteve participando junto com mais de uma centena de produtores e técnicos da região de um dia de campo promovido pelo Centro de Treinamento da Cotrijuí, no dia oito de fevereiro. O encontro teve como objetivo fornecer maiores subsídios aos produtores sobre a rotação de culturas, controle de invasoras e fertilização do solo, a partir do trabalho em parceria desenvolvido no CTC com empresas de agroquímicos - Ciba Agro, Cyanamid, Defesa, ICI/Zeneca, Basf, Manah e Don-Elanco.

Em grupos, os produtores e técnicos assistiram de início uma explanação do gerente de pesquisas do CTC Luis Volney Mattos Viao sobre o rendimento das principais culturas da região - soja, milho e trigo - em diferentes esquemas de rotação de culturas. Na soja, os melhores resultados aparecem quando se intensifica o uso de pastagens no esquema rotacional, mostrou o pesquisador, apontando os resultados obtidos pelo trigo com fungicida.

Volney chamou atenção também para os rendimentos da soja e do milho em



Dia de campo no CTC
Rotação de culturas, controle de invasoras e fertilização do solo

diferentes coberturas, um trabalho que indica a aveia preta ou outra gramínea como a melhor opção para anteceder a soja. Por outro lado, se o produtor tiver no inverno sincho, ervilhaca ou outra leguminosa, o ideal é plantar milho na estação seguinte. As duas indicações valem tanto para o plantio direto como para o convencional, explicou ainda Volney, salientando, entretanto, que esse esquema é muito importante para a expansão do plantio direto com maior segurança pelo aporte de nitrogênio que a leguminosa transfere, ao solo, à cultura do

milho.

CONTROLE DE INVASORAS

Nas outras seis estações os participantes do dia de campo observaram o desempenho de vários híbridos disponíveis no mercado, cultivados em diferentes sistemas de plantio. Discutiram, principalmente, com os representantes de cada uma das empresas a aplicação adequada de fertilizantes e herbicidas, observando as características de cada lavoura e as opções para os diferentes estágios de desenvolvimento da planta.

"A reunião de empresas aqui no CTC

é muito interessante", disse ainda Vione, certo de que com as informações repassadas pelo encontro, o produtor tem a possibilidade de dar uma melhor condição à sua lavoura. Proprietário de 200 hectares, Vione tem 30 hectares de milho na propriedade que, como ele mesmo diz, está "reiniciando o plantio direto", num momento em que não são muitas as soluções para questões importantes do sistema como é o caso do controle de invasoras.

SOMANDO ESFORÇOS - Para o supervisor de Plantas da Lavoura da Cotrijuí, Adão Costa, a parceria formada com as empresas de agroquímicos é a melhor forma de somar esforços. Enquanto ganham um ponto de difusão no CTC, as empresas entram com uma compensação financeira pela cessão da área e o compromisso de elaborar um plano de experimentação, o qual é repassado em dias de campo, "trazendo de forma mais rápida a informação para o produtor".

O agrônomo destacou ainda que o produtor está cada vez mais atento. Ele percebe que a performance da sua lavoura depende de um melhor atendimento sobre os produtos químicos, no que diz respeito ao estágio e horário de aplicação e a própria necessidade de controlar as invasoras para ter, assim, maior eficiência na produção.

A soja em avaliação

Doenças como a podridão parda da haste e o cancro da haste foram identificadas num dia de campo realizado em Rincão Seco, Augusto Pestana, com a participação de mais de 100 produtores

Sighart
Drews



O cultivo continuado de soja sobre soja por mais de 30 anos vem sendo apontado como um dos responsáveis pela disseminação de novas doenças na lavoura. Os prejuízos que doenças como a podridão parda da haste ou o cancro da haste vêm causando e a necessidade do produtor tomar providências para que elas não alastrem ainda mais, foram reforçadas pelo pesquisadores da Fundacep, Nelson Netto, especialista em Fitopatologia e José Luiz Tragnago, coordenador do Programa de Melhoria do Solo, durante dia de campo realizado na localidade de Rincão Seco, interior de Augusto Pestana. Após as duas palestras, os produtores, técnicos, pesquisadores e convidados visitaram a área demonstrativa de soja - a única do município -, instalada na propriedade de Sighart Drews e Milton Ari Fritz, onde puderam avaliar melhor os danos causados pelo cancro da haste e discutir os resultados das diferentes adubações utilizadas na área demonstrativa.

Mais de 100 produtores de Rincão Seco, Bom Princípio, Boca da Picada, Rincão dos Müller, Fundo Grande, Rosário, Rincão dos Klein, Ijuizinho, Cambará, Ponte do Ijuizinho, Paraíso, Esquina Gaúcha e Rincão dos Bazzana, participaram do dia de campo e ouviram os alertas e as sugestões apresentadas pelos pesquisadores da Fundacep. "Os pesquisadores vieram para reforçar o que já vem sendo falado e alertado na região a respeito destas novas doenças", explicou o pesquisador do Centro da Cotrijuí, Roberto Carbonera, referindo-se ao cancro da haste e a podridão parda da haste. Mostrou preocupação com o nematóide do cisto e disse que os produtores precisam tomar providências urgentes para barrar a entrada desta doença nas lavouras de soja do Rio Grande do Sul.

Repetindo a preocupação dos pesquisadores da Fundacep e reforçando um discurso que há vários anos vem sendo feito na região, Carbonera insistiu na questão do sistema de cultivo. "É por aí que devem começar as mudanças", pregou dizendo ainda que, agora que o problema está identificado, resta ao produtor encontrar saídas que amenizem a sua convivência com as doenças já instaladas. "A decisão de plantar soja é do produtor", avisou, em tom de alerta, o engenheiro agrônomo da Cotrijuí, Unidade de Augusto Pestana, Marcos Palharini. Essa decisão leva o produtor a assumir responsabilidade e a se comprometer a mudar esse quadro. "Se não houver essa conscientização, ele estará comprometendo a sua própria sobrevivência".

A ÁREA DEMONSTRATIVA - As 21 variedades, cultivadas em parcelas, testadas com três tipos de adubação - 100, 200 e 300 quilos por hectare da fórmula 0-20-20 - foram semeadas no dia 21 de novembro com sementes inoculadas. Durante o período de desenvolvimento da planta - isso até o dia da realização do encontro, 17 de março - choveu em torno de 770 milímetros na região. Toda a área havia sido corrigida e, no inverno, durante dois anos conse-

cutivos, foi cultivada com aveia e azevém. No verão, há vários anos, vem sendo cultivada com soja, "razão pela qual essa área apresentou tantos problemas de doenças", avaliou Palharini numa referência ao aparcimento ao cancro da haste.

OBJETIVOS - Vários objetivos levaram os técnicos do departamento técnico da Cotrijuí, Unidade de Augusto Pestana, a instalar esta área demonstrativa no município. Um deles era justamente o de mostrar aos produtores que existem variedades mais tolerantes às doenças. Um outro estava relacionado com a questão fertilidade e pretendia mostrar aos produtores que é mais vantajoso produzir soja em solo corrigido e bem adubado. "O próprio produtor, durante o dia de campo, pode avaliar essa questão, verificando que algumas variedades respondem diferentemente a adubação", explicou Palharini colocando como exemplo uma parcela onde a soja foi cultivada com apenas 100 quilos de adubo por hectare. "A diferença ia do porte da planta, a carga e ao tamanho da vagem".

Embora o dia de campo não tivesse como finalidade única avaliar a sanidade da lavoura, Palharini entende que ele serviu de alerta aos produtores em relação a disseminação de doenças. "Todos os produtores presentes mostraram-se interessa-



Dia de campo

A presença de mais de 100 produtores, técnicos, pesquisadores e convidados especiais

dos em discutir e trocar idéias a respeito do cancro da haste ou da podridão parda da haste. Orientados pelos pesquisadores da Fundacep e pelos técnicos da Cotrijuí, os produtores examinaram várias plantas, identificando a doença. Quase toda a área estava infestada, embora, em grau de incidência diferenciado. Essa situação, acredita o agrônomo, possibilitou aos produtores concluir que, a nível de campo, terá que substituir algumas variedades por outras mais tolerantes às doenças.

"É muito compensador ver aqui, neste dia, produtores de todos os cantos do município, aproveitando esta experiência e tirando as suas próprias conclusões", avaliava o seu Sighart Ari Drews. Por acreditar nos efeitos daquele encontro, sugeriu que trabalhos semelhantes sejam repetidos nas próximas safras. "Os pesquisadores nos trouxeram muitas informações e muito do que eles falaram pode ser observado na prática, na lavoura", disse seu Sighart.

O produtor precisa mudar seu sistema de cultivo para poder conviver com as doenças que já infestam as lavouras de soja da região

Doenças, a situação é grave

O pesquisador Nelson Netto foi claro e objetivo na sua conversa com os produtores de Augusto Pestana. Disse que se não houver uma tomada de consciência imediata em relação a necessidade de mudar o sistema de cultivo, dentro de poucos anos a soja será expulsa das lavouras pelas doenças. "A situação é muito grave", alertou, colocando nas mãos dos próprios produtores qualquer solução de evitar o alastramento de tantas doenças. "Fazer uma agricultura racional é uma questão de querer", disse ainda, insistindo no fato de que doenças como o cancro da haste, "hoje disseminado em 100 por cento das lavouras gaúchas", a podridão parda da haste ou até mesmo o nematóide do cisto, estão colocando em risco a sobrevivência da soja na lavoura.

"A planta que nesta safra escapou do cancro da haste, está morrendo pela podridão parda da haste", ajudou o pesquisador José Luiz Tragnago tentando mostrar a gravidade da situação. As doenças, especialmente o cancro da haste e a podridão parda da haste estão causando prejuízos nesta lavoura gaúcha na ordem de 30 por cento.

Na visita à área demonstrativa de soja instalada na propriedade de Sighart Emi Drews e Milton Ari Fritz, os dois pesquisadores mostraram aos produtores como identificar e diferenciar uma doença da outra. O cancro, como já diz o próprio nome, é uma doença que forma cancos na parte externa da haste principal da planta, mais especificamente no ponto de inserção da haste principal com as hastes secundárias. Ele ocorre normalmente a uma altura de 15 a 20 centímetros da superfície do solo. É uma doença que está se disseminando muito rapidamente e causando sérios problemas", assinalou Netto. Transmitido pelo fungo diaporthe foveolarum meridionalis, o cancro da haste permanece nos restos culturais, disseminando-se facilmente pela semente.

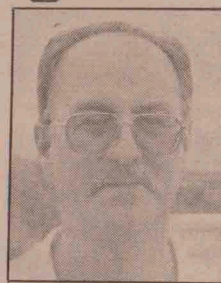
A podridão parda da haste, "outra doença séria", pode ser identificada pela coloração escura que apresenta na parte interna da haste, embora a parte externa continue verde. A exem-

plo do cancro da haste, essa doença também necrosa as folhas deixando-as com aspecto cariós. Só que no caso da podridão parda da haste, esse necrosamento ocorre na época da floração. Essa doença também é transmitida por um fungo, o esclerotium. "Esse fungo forma esclerócios, que são estruturas de resistência e que podem permanecer no solo por um período de até 10 anos. É de difícil controle e não temos variedades resistentes a esta doença", explicou Netto aos produtores.

RACIONAL - Tanto o cancro da haste como a podridão parda da haste são doenças que já estão plenamente instaladas nas lavouras de soja do Rio Grande do Sul. Resta ao produtor, agora, aprender a conviver com elas, adotando uma agricultura racional sustentada por um pacote de práticas tecnológicas. Incluídos no pacote, a rotação de cultura, "especialmente com o milho", adianta José Luiz Tragnago, o tratamento de sementes, a diversificação de culturas, um manejo adequado do solo, uma boa adubação e um bom controle de pragas, entre outros. "Só com um sistema racional de exploração o produtor conseguirá reduzir esses fungos até o nível onde não causem mais danos econômicos", explicou Nelson Netto.

"Evidentemente, acredita Nelson, que essa futura convivência vai depender de uma consciência do produtor em adotar esse conjunto de práticas. Informações técnicas e pessoas capazes de levar estas informações até a propriedade de cada um existem", diz. Acredita que o que está faltando na verdade é uma decisão, "e essa decisão a respeito do caminho a seguir tem que ser do produtor".

Das 28 cultivares de soja recomendadas para cultivo no Rio Grande do Sul, não existe nenhuma imune ao cancro da haste, por exemplo. Essa é a razão pela qual o produtor terá de contornar esse problema através de um elenco de tecnologias. José Luiz Tragnago vai mais adiante e sugere ao produtor a prática de semeadura em diferentes épocas e o uso de cultivares diversificadas. Acredita que agindo desta forma, o produtor estará reduzindo seus riscos na lavoura.



Nelson Netto

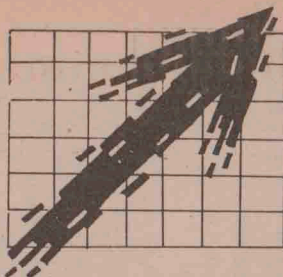


José Luiz Tragnago

ra ocasionadas por doenças. Mas, num puxão de orelha, avisou que a lavoura é como qualquer empresa. Tem que ser tratada como tal e render o máximo. Até acredita que este ano pode ser o marco definitivo para que o Rio Grande do Sul possa produzir, daqui a alguns anos, 3.000 quilos em média por hectare. "Toda esta situação que está ocorrendo nesta safra, vai forçar o produtor a planejar a sua lavoura com antecedência", acredita Tragnago. E garante que a lavoura de soja só será viabilizada através da rotação.

O NEMATÓIDE DO CISTO - Os dois pesquisadores aproveitaram a ocasião para alertar sobre uma outra doença seriíssima, que nesta safra deverá ter infestado em torno de um milhão de hectares de soja no Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás. "Esse problema ainda não chegou às lavouras do Estado, mas vamos ter que adotar medidas preventivas para evitar que ele chegue até nossas lavouras", avisou, pedindo aos produtores que evitem trazer semente de outras regiões onde a doença já está disseminada. A exemplo da podridão parda da haste, o nematóide do cisto também apresenta uma estrutura de resistência, permanecendo na soja por 10 anos. "Também para este problema não existe resistência varietal", disse Tragnago, colocando esse fato como mais uma razão para que os produtores passem a olhar a propriedade como uma empresa agrícola. As consequências do nematóide do cisto são tão sérias como as causadas pelo cancro da haste. "O dano na lavoura pode chegar a 100 por cento", avisou.

Argemiro Luis Brum



SOJA

Expectativa com a safra sul-americana

Frustração na safra de soja dos americanos no ano passado faz com que o mercado mundial da oleaginosa volte sua atenção para a produção da América do Sul. Para o leitor atento, uma observação: sempre que aparecer as letras MT, ler Milhões de Toneladas

Após a confirmação da frustração na safra de soja dos EUA no ano passado - 49,2 milhões de toneladas - MT contra 59,6 MT no ano anterior -, fato que levou a um aumento das cotações do produto a partir de julho especialmente, o mercado mundial desta oleaginosa volta suas atenções para a produção da América do Sul. Novamente é a oferta que dita o comportamento dos preços e não a demanda. No momento em que a colheita brasileira inicia, nada mais justo, portanto, que façamos uma análise sobre a situação deste mercado e suas tendências futuras.

OFERTA: TODAS AS ATENÇÕES VOLTADAS PARA A AMÉRICA DO SUL

Existe uma expectativa de que a safra sul-americana seja recorde. Segundo o USDA, o Brasil poderá colher 24,4 MT neste ano - sobre 11,35 milhões de hectares plantados - contra 22,3 MT no ano passado. Para a Argentina, o organismo norte-americano prevê 12,2 MT. Isto, somado às produções do Paraguai, Bolívia e outros países, deve levar a colheita total desta região para um volume próximo a 38 MT. Estas estimativas têm sido confirmadas por alguns analistas privados brasileiros, porém, boa parte das cooperativas, técnicos e produtores por nós consultados discordam. Para estes, os problemas ocorridos desde o plantio devem impedir que a safra brasileira chegue aos números acima indicados. Assim, poderemos ter surpresas negativas quando dos números finais, embora ninguém discorde de que a safra seja boa. O volume definitivo somente será confirmado no final da colheita, por volta do mês de junho - os primeiros 9 por cento de área colhida - levantamento do dia 11 de março - indicaram rendimentos médios superiores a 2000 quilos/ha, na maioria das regiões de produção.

Em se confirmando este volume, o Brasil deverá exportar 5,2 MT de grãos de soja neste ano contra 4,05 MT no ano passado. Em farelo, as exportações estão sendo previstas em 10,2 MT contra 9,2 MT em 1993. Quanto ao óleo, as exportações devem alcançar 1,05 milhão de toneladas contra 760.000 no ano passado. O principal estado produtor continuaria sendo o Rio Grande do Sul com 6,1 MT, seguido do Paraná com 4,9 MT e o Mato Grosso com 4,6 MT. Assim, o conjunto do Centro-Oeste poderá produzir 9,22 MT, isto é, 38,1 por cento do total nacional contra 8,16 MT (36,4 por cento do total)

no ano passado.

Nos EUA, as previsões para este ano 1993/94 são de um esmagamento de soja de 33,9 MT - 34,8 MT no ano anterior). As exportações do grão chegarão a 16,3 MT contra 21,34 MT no ano anterior. Para a Argentina, no mesmo período, prevê-se um esmagamento de 8,53 MT - 8,68 MT no ano anterior - e as exportações do grão ficariam em 3,0 MT - 2,29 MT no ano anterior.

Neste contexto, a produção sul-americana cresce no momento em que a produção mundial cai 3,8 por cento neste ano 1993/94 - 112,4 MT - e os estoques recuam 17,4 por cento. Isto justifica a preocupação mundial em relação ao sucesso de nossa colheita. Enquanto isto, a nível mais amplo, a produção mundial de oleaginosas cai 2,1 por cento, alcançando 223,1 MT contra 227,8 MT no ano anterior.

Importante se faz salientar que a produção de soja na Índia e na China também deve crescer neste ano. Na Índia, a mesma deverá chegar próxima a 4,5 MT contra 3,1 MT e 2,3 MT nos dois últimos anos respectivamente. Na China, após 11,2 MT na última colheita, a previsão é de um volume em torno de 13 MT em 1994.

Já na Europa, mais precisamente nos países que compõem a ex-CEE - hoje União Européia, cuja sigla é UE - haverá um recuo na colheita de soja. A produção francesa, embora aumente, deverá ser de apenas 132.000 toneladas - neste país, a área plantada com ervilha proteagínosa, produto concorrente da soja nas rações animais, deverá acusar um recuo de 4 por cento -. Na Itália, principal produtor europeu de soja, a produção cairá para 460.000 toneladas contra 1,09 milhão no ano passado e 1,62 milhão em 1990/91 - por sua vez, a colheita de girassol na UE deverá ficar em 3,37 MT contra 4,14 MT dois anos antes. Também na Rússia a produção de oleaginosas deverá recuar, ficando em 3,55 MT neste ano, contra 3,88 MT no ano passado e 4,84 MT em 1989/90 - deste total, a soja participa com 570.000 toneladas em 1993/94. Na ex-URSS a produção de girassol deve cair para 5,3 MT - o menor volume dos últimos cinco anos - enquanto a produção de cereais deve recuar para 183,2 MT contra 190,5 MT no ano passado. Enfim, o Canadá começou 1994 com os estoques de grãos de colza - canola - em forte baixa - 3,4 MT.



Soja
Expectativa com a safra sul-americana

Entretanto, apesar da oferta menor de grãos de soja, a produção de farelos deverá se manter, atingindo 76,41 MT para um consumo previsto em 76,61 MT. Com isto, haverá uma pequena redução nos estoques finais deste subproduto. O comércio mundial de farelo é esperado em 28,7 MT neste ano. Esta performance é a comparar com os outros onze farelos competidores da soja. O comércio mundial dos mesmos, reunidos, alcançará 22,8 MT para uma produção de 70,4 MT e um consumo previsto em 70,8 MT.

Quanto aos óleos vegetais, os estoques dos dez principais óleos se situam em torno de 10% do consumo previsto para este ano 1993/94. Em 1985/86 esta relação se encontrava em 16 por cento, caindo paulatinamente desde então. Na Argentina, por exemplo, a oferta de óleo de girassol se encontra no seu mais baixo nível dos últimos sete anos.

Neste contexto, além da colheita sul-americana, um outro fator, pelo lado da oferta vai pesar sobre o mercado ainda neste mês de março. Trata-se da futura intenção de plantio de soja nos EUA. Segundo o relatório privado Sparks - de meados de março -, a área será de 24,13 milhões de hectares. Esta área é apenas 570.700 hectares superior ao plantado no ano anterior. O primeiro relatório oficial de plantio será divulgado pelo USDA no dia 31/03 e, se o número não for superior a este, as cotações em Chicago deverão continuar sustentadas.

Enfim, vale lembrar que as disponibilidades norte-americanas em soja serão muito baixas a partir de abril enquanto o consumo aumenta pela pressão da demanda por carnes.

CONSUMO: CAI NA EUROPA, CRESCE NA ÁSIA

Pelo lado do consumo, a situação é menos tensa. Junto aos países produtores do grão, o quadro indica, para o Brasil, uma trituração de 17,7 MT contra 16,4 MT no ano passado e 13,0 MT em 1991. Isto gerará uma produção de 14 MT de farelo, das quais 3,75 MT serão consumidas no mercado interno - 26,8 por cento do total produzido. Este consumo é praticamente idêntico ao realizado no ano

passado - 3,70 MT -, porém, não leva em conta um possível aquecimento da demanda interna puxada pelos efeitos do Plano de Estabilização Econômica, agora na sua segunda fase. Mesmo assim, as exportações de farelo devem crescer para poder dar escoamento ao aumento da produção. As mesmas estão previstas em 10,2 MT contra 9,2 MT no ano passado e apenas 7,3 MT em 1991. Quanto ao óleo, cujo mercado mundial, está mais nervoso, a produção nacional está sendo estimada em 3,3 MT contra 3,1 MT no ano passado e 2,5 MT em 1991. Do total a ser produzido neste ano, 2,32 MT deverão ser consumidos no mercado interno - 69,5 por cento - e 1,05 milhão exportados.

Nos EUA, no ano civil 1993, o consumo de farelo de soja atingiu 22,13 MT contra 21,04 MT no ano anterior. A produção ficou em 27,52 MT contra 27,28 MT em 1992. As exportações ficaram em 5,53 MT contra 6,24 MT em 1992. Nos mesmos períodos, o consumo de óleo de soja chegou a 5,97 MT contra 5,60 MT no ano anterior, a produção atingiu 6,25 MT contra 6,46 MT em 1992 e as exportações em 690.000 toneladas contra 760.000 no ano anterior. Nos dois casos, houve um aumento do consumo interno em detrimento das exportações. Já no primeiro trimestre do atual ano comercial 1993/94, houve um crescimento no consumo norte-americano, tanto em farelo - 5,77 MT - quanto em óleo de soja - 1,57 milhão de toneladas. Isto, além de contrastar com a queda na produção, provocou um recuo nas exportações de farelo no período - 1,53 milhão de toneladas contra 1,67 milhão no ano anterior.

Em termos mundiais, o consumo de farelo de soja deverá permanecer em 52 por cento do total consumido em farelos - 147,43 MT previstas para 1993/94 -, contra 51 por cento do total em 1989/90. Assim, nestes últimos cinco anos, embora o consumo geral de farelos tenha crescido 7,8 por cento no mundo, a participação do farelo de soja, no conjunto, praticamente se estabilizou. Isto comprova o avanço dos produtos concorrentes neste mercado.

Preços sob tensão

Entretanto, o avanço de produtos concorrentes ao farelo de soja se dá sobretudo na Europa. De fato, o consumo de farelo de soja na União Européia deverá declinar em 2,0 MT neste ano. Com isto, as importações do produto, que atingiram 21,26 MT em 1992/93 contra 19,85 MT no ano anterior, devem recuar. A previsão é de que as mesmas recuem 6 por cento - 1,28 milhão de toneladas. Na Ásia, ao contrário, o farelo de soja vem ocupando espaços. Junto aos nove principais países da região, o consumo total para este ano está previsto em 14,52 MT contra 13,44 MT no ano passado e 9,32 MT em 1989/90. Pela ordem, os principais consumidores são o Japão - 3,76 MT - a China - 3,53 MT - o Taiwan - 2,22 Mt - e a Coreia do Sul - 1,58 Mt. Destes quatro países, o maior incremento nos últimos cinco anos se deu na China, que acusava um consumo de apenas 860.000 toneladas em 1989/90.

Por sua vez, as importações de farelo de soja por parte da ex-URSS cresceram para 615.000 toneladas entre outubro/93 e janeiro/94 contra 346.000 no mesmo período do ano anterior. Espera-se um aumento nas importações de farelo por parte desta região após o constante recuo verificado nos últimos anos. De fato, as mesmas caíram para 860.000 toneladas em 1992/93 contra 3,1 MT no ano anterior. Deste total, o maior fornecedor foi os EUA com 67,2 por cento - 76,9 por cento no ano anterior. Tal participação, que praticamente excluiu a Argentina deste mercado, se deve aos programas de crédito norte-americano destinados à ex-URSS.

Tudo indica que o impulso da agricultura neste segundo trimestre continuará sendo dado pelo mercado internacional. Entretanto, torna-se importante alertar para a existência de uma defasagem cambial no Brasil, acumulada desde meados de 1992. Esta estaria hoje em torno de 24 por cento. A tendência é de a mesma permanecer e até mesmo crescer no contexto do Plano de Estabilização Econômica. Assim, as exportações estão rendendo menos cruzeiros reais por dólar. Por enquanto, no caso da soja, os preços internacionais mais elevados compensam em parte isto, porém, os mesmos podem não durar e no segundo semestre o mercado interno assumir uma importância maior.

De fato, o mercado hoje está atento ao real volume que será produzido na América do Sul e a intenção de plantio nos EUA. Isto porque a fraca disponibilidade de soja nos EUA, para o período março-setembro, pode muito bem ser compensada em

parte pela América do Sul e pela maior área plantada em maio. Mas, contrabalançando esta posição, vale lembrar que os estoques são baixos e que a demanda global continua crescendo. No que tange a área a ser plantada, por enquanto o "ratio" milho/soja favorece o cereal, fato que explicaria uma intenção de plantio sem grandes aumentos de área - veja comentário acima. Mas, este "ratio" vem caindo, em função do anúncio de uma colheita de milho recorde na África do Sul - mais de 13 MT. Assim, o "ratio" passou para 2,3 em fevereiro contra 2,7 no ano passado - base posição março.

Por outro lado, um mercado que deve continuar a ser acompanhado de perto é o dos óleos vegetais. Os estoques de óleo de soja estão em seus mais baixos níveis desde 1986 - 1,5 MT. Como a oferta de óleo de palma é importante, seus preços caíram levando a um aumento no seu consumo, sobretudo na UE. O recuo ocorrido nas cotações do óleo de soja devem equilibrar um pouco esta relação, mas a situação continua tensa. Paralelamente, os estoques de girassol e colza continuam baixos e têm poucas chances de serem reconstituídos no curto prazo em função da estagnação das áreas a serem plantadas, obedecendo as decisões da Rodada Uruguai.

Neste contexto, o comportamento das cotações internacionais do grão de soja, com base na Bolsa de Chicago, estão recuando paulatinamente. Afinal, a pressão da ótima safra sul-americana, embora ainda não confirmada, acaba depressimindo os preços no curto prazo. Assim, a média dos primeiros catorze dias de março ficou em US\$ 6,72/bushel após ter alcançado US\$ 6,95/bushel em janeiro/94 e US\$ 7,04/bushel em julho/93. Isto se reflete nos preços pagos ao pro-

dutor na região de Ijuí. Tais preços, que haviam registrado US\$ 12,75/saco em dezembro passado, passaram a US\$ 12,63 em janeiro; US\$ 12,46 em fevereiro e US\$ 12,27/saco nos primeiros catorze dias de março segundo a Divisão Agrotécnica da Cotrijuí. No dia 15/03 pela manhã os mesmos já estavam em US\$ 12,03/saco - preço do dia em equivalente dólar comercial. Ainda preços muito bons pois a média registrada em março do ano passado foi de US\$ 10,01/saco.

Nosso sentimento é de que o mercado, apesar de recuar neste momento de colheita, continuará tenso. Tudo dependerá do volume exato que será colhido no Brasil e na Argentina e, sobretudo a partir de agora, da intenção de plantio da futura safra norte-americana - primeiro relatório oficial sobre o assunto previsto para o dia 31/03. Confirmando uma ótima colheita na América do Sul e uma área plantada superior ao que vem sendo anunciado nos EUA, as cotações deverão cair. Em caso contrário, a tendência é de que as mesmas se fortaleçam para níveis novamente próximos dos US\$ 7,00/bushel. Neste sentido, dois pontos merecem atenção:

a) entre abril e junho a América do Sul, e sobretudo o Brasil, será a única região que realmente terá soja para vender. Isto leva a uma certa tensão no mercado pois não se pode descartar a possibilidade de surgimento de alguns gargalos de estrangulamento no escoamento de nossa produção. Especialmente se o mercado interno estiver pagando melhor.

b) como 3 por cento da safra nacional já foi negociada na frente - "soja verde" -, pode ocorrer um maior espaçamento nas vendas por parte dos produtores, fato que sustentaria mais os preços internos.

PREÇOS MÉDIOS INTERNACIONAIS E NACIONAIS DA SOJA EM GRÃO

	CHICAGO (US\$/bushel)	IJUÍ-RS (US\$/saco)
Janeiro/93	7,78	11,27
Fevereiro/93	5,72	10,10
Março/93	5,83	10,01
Abril/93	5,77	9,52
Maio/93	6,03	9,87
Junho/93	6,04	10,18
Julho/93	7,04	12,07
Agosto/93	6,71	12,04
Setembro/93	6,42	11,85
Outubro/93	6,15	11,71
Novembro/93	6,64	12,17
Dezembro/93	6,87	12,75
Janeiro/94	6,95	12,63
Fevereiro/94	6,79	12,46
Março/94 (*)	6,72	12,27

(*) Até 14/03/94 inclusive.

Fontes: Bolsa de Cereais de Chicago e Divisão Agrotécnica da Cotrijuí.

DOM PEDRITO

Feira de Alimentos em Dom Pedrito



Feira de Alimentos em Dom Pedrito
Produção de hortigranjeiros ganha força no município

Uma feira permanente de hortigranjeiros está mudando os hábitos alimentares do povo em Dom Pedrito. As carnes bovina e ovina, que tiveram a preferência quase absoluta do povo, numa tradição alimentar secular, começa a enfrentar a concorrência dos verdes, dos grãos e alimentos fibrosos, indicando que estamos caminhando para a transformação de hábitos que vão garantir vida mais saudável às pessoas.

A produção de hortigranjeiros ganhou força no município após a chegada dos sem terra, e conseqüente assentamentos localizados no Alto Alegre e Campo Seco, interior de Dom Pedrito.

A feira, que iniciou com a oferta de hortigranjeiros, já

ampliou a linha de ofertas, com a inclusão de alimentos e doces elaborados. Pães caseiros, doces em caldas, em compotas e queijos, são vendidos a preços bastante competitivos, inferiores ao comércio tradicional. Utensílios de artesanatos também têm vez na feira de Dom Pedrito, melhorando a renda de muitas famílias e forçando a competição de preços em benefício de todos. Tem apoio da Prefeitura Municipal, Emater e Cotrijuí.

A feira funciona em dias alternados, três vezes por semana, em área lateral à praça central da cidade, proximidades da prefeitura municipal. Na foto, um flagrante da feira, já em horário próximo ao seu encerramento, o que justifica o reduzido movimento.

EM MEDIÇÕES DE UMIDADE VOCÊ PRECISA TOMAR A MEDIDA CERTA. VOCÊ PRECISA DOS MEDIDORES GEHAKA.



Todos os modelos para qualquer aplicação. Nacionais e Importados. A Gehaka é completa quando se precisa de equipamento para medir umidade de grãos e produtos agrícolas. Ela



analisa sua necessidade, recomenda o modelo mais indicado e presta assistência técnica e operacional da mais alta competência.

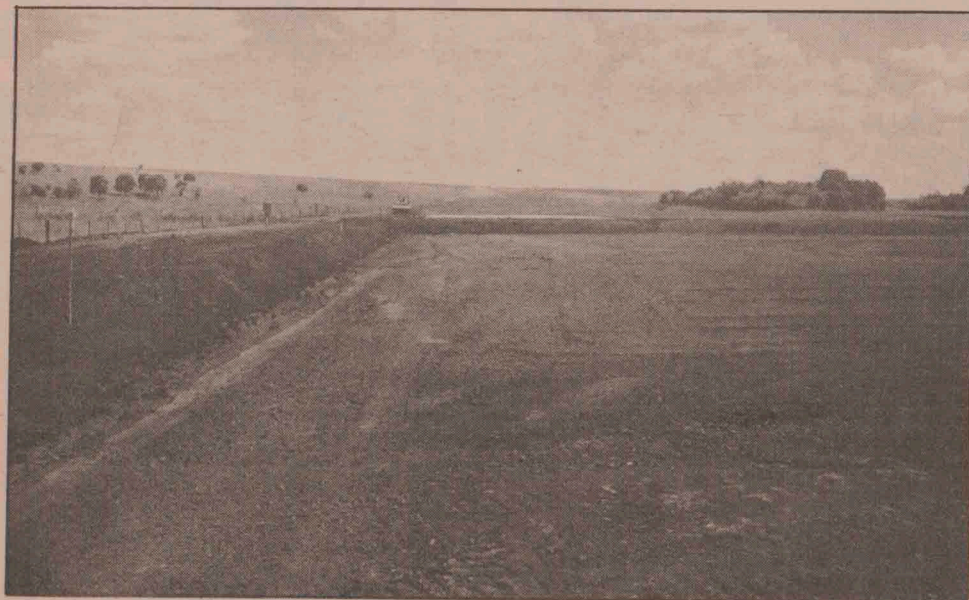
Nos Medidores de Umidade de sua fabricação ou importados, a Gehaka tem um compromisso com o usuário de oferecer um aparelho na medida.



Ind. Com. Eletro-Eletrônica
Gehaka Ltda.
Av. Duquesa de Goiás, 235
São Paulo-SP
Tels.: (011) 844-7488 / 844-5911
Fax: (011) 844-5975

PISCICULTURA

Tipos de tanques piscícolas



Centro Regional de Piscicultura Monte Alvão, Ajuricaba
Tanque escavado em terra em derivação

Walter J. Garcia P.

A piscicultura é uma atividade Zootécnica - Produção Animal -, onde a densidade de estocagem, espelho de água - lâmina de água - e o período de cultivo agem decisivamente na criação.

A produtividade em piscicultura é um fator dependente do sistema de produção adotado pelo produtor. A construção adequada de açudes, tanques ou viveiros, é de fundamental importância para o manejo dos peixes. À medida em que se intensifica o sistema de produção, podem ser obtidos substanciais aumentos na produção zootécnica. Quando o objetivo de cultivo é o peixe, a produtividade pode atingir níveis surpreendentes.

Dependendo da finalidade da exploração, vários são os tipos de granjas dedicadas à criação de peixes. Essas granjas recebem a denominação de Granjas Piscícolas e/ou Piscigranjas. Assim, temos as Piscigranjas de Subsistências, as Comerciais e as de Pesquisa. A Piscigranja de Subsistência geralmente só faz a criação dos alevinos em sistemas extensivos de produção - baixa densidade de estocagem. As Piscigranjas Comerciais desenvolvem a criação dos peixes para consumo em sistemas de produção tecnificada - semi-intensivo, intensivo ou superintensivo. As de ciclo completo podem, também desenvolver a reprodução de peixes, produção de alevinos e venda de reprodutores.

Existem vários tipos de tanques piscícolas que podem ser construídos nas diversas Piscigranjas. Eles podem ser de terra, alvenaria, concreto, cimento amianto, fibra de vidro, lona plástica. Entre os mais sofisticados, estão os circulares, de concreto ou alvenaria de tijolos, onde o abastecimento é feito no sentido radial e a vazão é elevada para aumentar a oxigenação e dar um movimento rápido de rotação à água. Estes tanques são utilizados para a criação de trutas, pois têm uma capacidade de estocagem muitas vezes superior a de um tanque convencional.

O tipo de tanque a ser construído vai depender da topografia do terreno, da quantidade de água disponível e da modalidade de criação. Entretanto, devido às características das espécies adequadas as nossas condições, o piscicultor deve optar pelos tanques e viveiros de construções mais simples e econômicas, que são justamente as de barragens - ou açudes - e os de terra escavados em terreno natural.

Os tanques de barragens - conferir figura 1 - são construídos no fundo de vales para aproveitar a água do riacho que corre por perto. Embora sejam de construção mais econômica, eles apresentam alguns inconvenientes: a vazão ou abastecimento de água não tem um controle perfeito. O manejo dos peixes e o controle da alimentação fica difícil, exigindo ainda a construção de um vertedouro bem estudado para evitar o transbordamento e o rompimento da barragem na época das cheias. Além disso, a água passa de um tanque para outro, carregando consigo gases e outros elementos nocivos, aumentando ainda mais o risco de transmissão de doenças aos peixes.

Os tanques escavados em terra são construídos nas encostas, buscando o melhor aproveitamento do caudal existente ou da água de uma represa construída a montante - figura 2. Também são chamados de "Tanques em Derivação", porque são abastecidos por um canal de derivação que desvia a água do manancial - figura nº 3.

Os tanques em derivação são os mais apropriados para a piscicultura, por apresentarem uma série de vantagens: abastecimento e escoamento controlados com maior eficiência; facilidade no manejo dos peixes, principalmente por ocasião da captura; controle da alimentação e fertilização mais adequada devido ao maior controle da entrada e saída da água e à forma regular da superfície do tanque.

O tipo de tanque a ser construído vai depender mesmo é da topografia do terreno. Para os vales com declive transversal grande, de 5 a 10 por cento e o declive longitudinal pequeno, é aconselhável a construção de tanques de barragem.

Os tanques de terra em derivação só são adequados para os vales com declive transversal de até 5 por cento. Se os dois perfis possuírem declividade baixa, tanto podem ser construídos tanques de barragem - neste caso com uma grande movimentação de terra - ou tanques de derivação, só que com um canal muito longo.

IMPORTANTE - O perfil longitudinal é tomado ao longo do leito do curso de água e o perfil transversal é tomado perpendicularmente ao leito.

- devido ao preço elevado, a terraplanagem sempre deve ser evitada

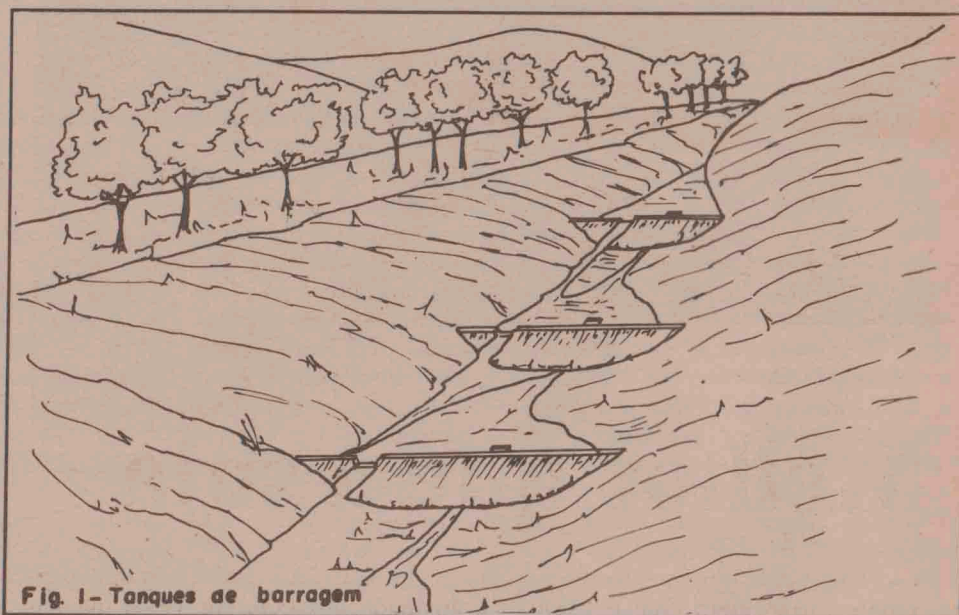


Fig. 1 - Tanques de barragem

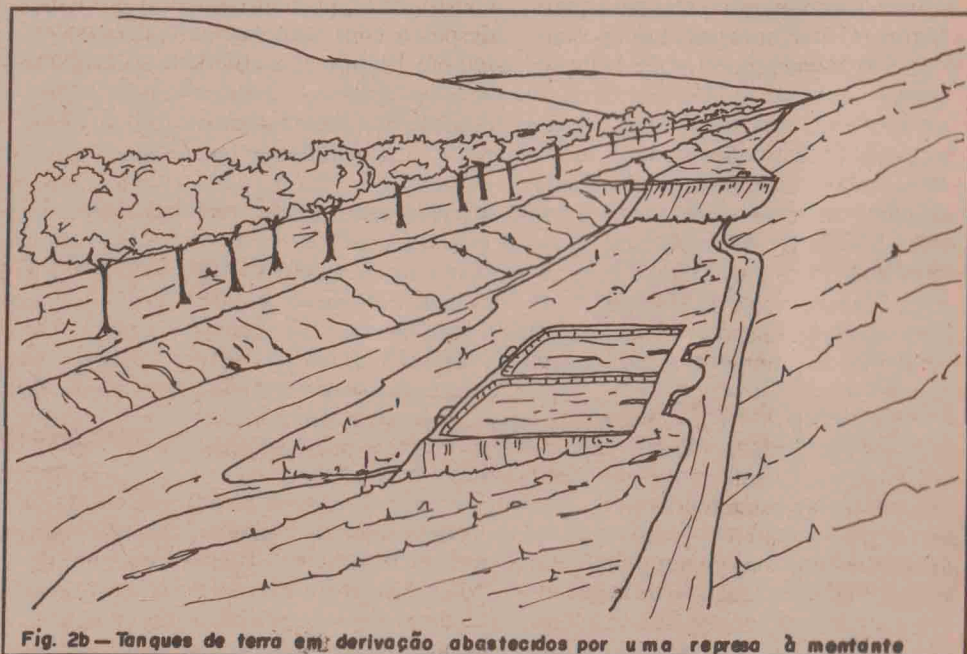


Fig. 2b - Tanques de terra em derivação abastecidos por uma represa à montante

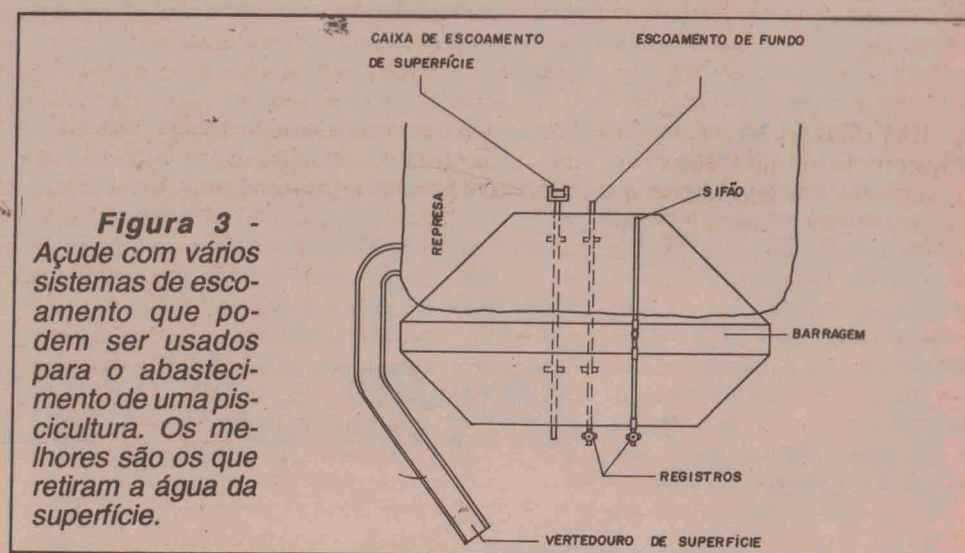


Figura 3 -
Açude com vários sistemas de escoamento que podem ser usados para o abastecimento de uma piscicultura. Os melhores são os que retiram a água da superfície.

em terrenos acidentados.

Atualmente encontram-se em construção tanques piscícolas nos municípios de Ajuricaba e Miraguaí, financiados pelo Fundo Estadual de Apoio aos Pequenos Estabelecimentos Rurais. A idéia é aumentar gradativamente através do fomento da Cotrijui, a área de espelho de água para fins piscícolas em toda a região noroeste do Estado - 180 hectares de lâmina de água/ano, para atingir uma área de 2.400 hectares até o ano 2.004. Atualmente, existe uma área de 812 hectares em plena produção de peixes. Para esse fim serão contemplados com a construção de tanques piscícolas, preferencialmente os produtores que integrarem os programas Cooperado - Peixe e de Microbacias Hidrográficas.

Estes tanques deverão ser bem dimensionados, seguindo a metodologia existente para a piscicultura intensiva.

* Walter Garcia é Zootecnista e Supervisor do Programa de Piscicultura da Cotrijui

Bibliografia Consultada:

- GALLI, L. F. & TORLONI, C. E. C. Criação de Peixes. Ed. Nobel - São Paulo. Terceira Edição, 1987. 120 P.
- SCHMIDT, A.A. P. Piscicultura: A fonte divertida de Proteínas. Ed. ICON. São Paulo, 1988. 88 P.
- CASTAGNOLLI, N. & CYRINO, J. E. P. Piscicultura nos Trópicos. Ed. Manolê Ltda - São Paulo, 1986. 152 P.

PISCICULTURA



Despesca na propriedade dos Porazzi
3.200 quilos de peixe em 10 meses. À direita, Mauri Porazzi

Melhor que a soja

Os 11 hectares de terra onde planta soja, milho e trigo junto com o irmão Claudino não foram suficientes para que o seu Vitório Callai, um agricultor aposentado de São Miguel, interior de Augusto Pestana, se mantivesse ocupado durante todo o ano. Inquieto com a falta de atividades, seu Vitório, 64 anos, bateu os olhos nos dois açudes construídos anos antes na propriedade do vizinho Wilson Tosee. Isso foi há cinco anos. "A criação de peixes é do Vitório", vai logo esclarecendo o seu Wilson, com planos de construir mais um açude na sua propriedade. Como pagamento pelo empréstimo dos açudes, recebe um terço da produção.

Nos dois açudes, o seu Vitório cria carpas - cabeça grande, prateada, capim e húngara - e pacu. Trata os peixes cinco vezes ao dia com esterco de suínos, resíduos de soja e milho e pasto - planta milho, azevém, sorgo e um pouquinho de milho. Parte da alimentação, especialmente os resíduos, ganha dos vizinhos. "Compro pouca coisa", explica, contabilizando com gastos feitos no ano passado, apenas cinco sacos de resíduo de soja e de milho e os alevinos. "O peixe sempre dá um retorno", acredita.

EXPERIÊNCIA - Cinco anos de piscicultura foram suficientes para mostrar ao produtor de São Miguel que criar peixes não basta ter apenas boa vontade. É preciso conhecimento, experiência e muita dedicação. Essa lição ele tirou da primeira pesca, feita há três anos, ocasião que mais contabilizou perdas do que lucro. "A falta de experiência e o pouco conhecimento a respeito do manejo correto dos peixes, levou o lucro daquele ano", explica. Na segunda despesca foi um pouco melhor e, neste ano, de um dos açudes, de 0,7 hectare, tirou uma produção de 1.760 quilos de peixe. À atividade está crescendo", observa satisfeito. A despesca ocorreu quando os peixes atingiram 16 meses de idade. As carpas cabeça grande e prateadas alcançaram, em média, um quilo de peso. As capim e húngaras, responderam melhor ao trato, atingindo um peso de até 3 quilos.

"O peixe tem futuro", costuma declarar aos amigos e vizinhos. Para o seu Vitório, basta uma pequena área, imprópria para a lavoura, um pouco de pasto e resíduos necessários para alimentar os peixes e ter uma receita a mais na propriedade. Não troca o peixe pelo suíno, embora reconheça que o sucesso na atividade dependa de um certo conhecimento, um manejo correto e muita orientação técnica.

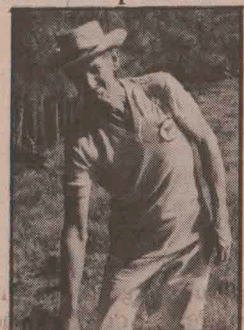
POTENCIAL - Os irmãos Mauri e Mauro e mais o pai, seu Erino Porazzi, da

Linha 11 Norte, Ajuricaba, entraram para a atividade piscícola em 1982, quando construíram o primeiro açude. A primeira despesca, com caráter comercial, só ocorreu em 1986, mas a atividade só ganhou impulso e passou a ser encarada como alternativa economicamente viável e capaz de agregar novas receitas à propriedade a partir de 1988. "A piscicultura é uma atividade com grande potencial na região", reconhece o Mauri, mas coloca o preço como a grande barreira a impedir o crescimento da atividade na região.

"Em 10 meses é possível tirar, de um hectare de água, 6 mil quilos de peixes, desde que sejam tratados com ração. Só que o preço pago ao produtor não compensa tal investimento", desafia o produtor depositando muitas esperanças na industrialização do peixe. Entende ser esta uma forma de ampliar mercado e remunerar melhor o produtor. Embora reclame de preço - "a realidade do peixe na região ainda é a Semana Santa" - Mauri reconhece que, enquanto a atividade for conduzida com resíduos e esterco de suínos, ela ainda proporciona algum retorno.

Numa comparação com a lavoura de soja, "em termos de produção", Mauri diz que o peixe ainda sai na frente, "especialmente nesta safra que, quem tirar 50 sacos por hectare, está fazendo uma bela colheita". Ao insistir na questão do peixe, diz que o produtor só vai investir em tecnologia no dia em que tiver certeza de um preço melhor.

RESULTADO - A expectativa era de tirar em torno de 2.500 quilos de peixe neste ano. Mas, para surpresa dos Porazzi, os peixes, com 10 meses de açude, renderam 3.200 quilos. "É um bom resultado", admite Mauri. As carpas espelhos pesaram em média 1,5 quilo; a cabeça grande e a prateada, 1,8 quilo e a capim 1,5 quilo em média. Na despesca do ano passado, tirou 2.400 quilos em 11 meses, "mas o açude tinha menos peixes". Neste último ano, o trato foi mais regular e, durante os 10 meses, nunca faltou suíno no açude. As despesas giraram em torno de CR\$ 400 mil. Para o trato dos peixes vem plantando aveia, milho e milho. "Para o peixe existem alternativas de alimento e tecnologias, diz Mauri, programando povoar o açude, daqui a dois meses, com cerca de 2.500 carpas. "Vou investir mais na cabeça grande e na húngara que, se bem alimentada, responde melhor".



Vitório Callai

SUINOCULTURA

Coordenação do Supervisor de Suinocultura da Cotrijuí, o médico veterinário Gerson Madruga

As atividades do ano

A programação de cursos, palestras, seminários, dias de campo, unidades demonstrativas, a serem realizados ao longo de 1994 com os produtores de suínos associados da Cotrijuí.

ABRIL

* Dia 13 - Dia de Campo - Suinocultura em Confinamento

Local: Afucotri de Augusto Pestana - às 14:00 horas

* Dia 15 - Inauguração da APSAT Jóia I - Manejo e Instalações para Suínos

Local: APSAT Jóia I, em Jóia - às 10:00 horas

MAIO

* Dias 18 e 19 - Curso Regional de Suinocultura - Ijuí e Coronel Barros - 1º Módulo - Manejo e Nutrição de Suínos

Local: Centro de Treinamento da Cotrijuí - às 8:30 horas

JUNHO

* Dia 8 - Curso Regional em Suinocultura - Manejo, Sanidade e Reprodução

Local: CTG em Derrubadas - às 9:00 horas

* Dias 27 e 28 - Curso Regional de Suinocultura - Chiapetta, Inhacorá, São Valério, São Martinho e Santo Augusto - 1º Módulo - Manejo, Nutrição e Utilização de Dejetos

Local: Sala de reuniões da Cotrijuí, em Santo Augusto - às 9:00 horas

JULHO

* Dia 6 - Curso sobre Terminação de Suínos

Local: Sala de reuniões da Cotrijuí, em Santo Augusto - às 8:30 horas

* Dias 20 e 21 - Giro do Porco - Manejo, Instalação e Gerenciamento na Propriedade Suinícola

Local: Condomínios dos municípios de Ijuí e Coronel Barros e região - às 9:00 horas

AGOSTO

* Dia 10 - 2º Encontro com Suinocultores - Alimentação Alternativa e Terminação de Suínos

Local: Centro de Treinamento da Cotrijuí - às 9:00 horas

* Dia 10 - Curso Regional de Suinocultura - Classificação de Carcaças, Manejo Reprodutivo e Inseminação Artificial

Local: Barra do Guarita - às 9:00 horas

* Dia 19 - Curso - Gerenciamento de Condomínio Rural

Local: Condomínio Rural Nossa Querência, em Miraguaí - às 9:00 horas

* Dias 24 e 25 - Curso de Suinocultura - 2º Módulo - Níveis de sanidade em granjas de suínos, Melhoramento genético em suinocultura, Patologia dos sistemas respiratório, digestivo e reprodutivo de suínos e Administração e gerenciamento da propriedade suinícola

Local: Afucotri de Ajuricaba - às 8:30 horas

* Dia 25 - Dia de Campo em Suinocultura - Plain-air - criação de suínos ao ar livre

Local: Sítio Demiquelli, em Coronel Bicaco - às 8:30 horas

* Dia 31 - Seminário - Profilaxia e Sanidade - Alimentação e Instalações para Suínos

Local: Afucotri de Jóia - às 14:00 horas

SETEMBRO

* Dias 8 e 9 - Curso Regional de Suinocultura - Augusto Pestana e Jóia - 2º Módulo - Níveis de sanidade em granjas de suínos, Melhoramento genético em Suinocultura, Patologias dos sistemas respiratórios, digestivo e reprodutivo de suínos, Administração e gerenciamento da propriedade suinícola e Aula prática unidade produtora e terminadora de leitões

Local: Afucotri de Augusto Pestana - às 8:30 horas

* Dia 28 - Seminário - Viabilidade da Produção Suinícola

Local: Sala de reuniões da Cotrijuí, em Santo Augusto - às 13:30 horas

* Dia 28 - Curso Regional de Suinocultura - Ijuí, Coronel Barros, Catuípe - 2º Módulo - Níveis de sanidade em granjas de suínos, Melhoramento genético em suinocultura, Patologias dos sistemas respiratório, digestivo e reprodutivo de suínos, Administração e gerenciamento da propriedade suinícola e Aula prática unidade produtora e terminadora de leitões

Local: Centro de Treinamento da Cotrijuí - às 8:30 horas

OUTUBRO

* Dia 14 - Tarde de Campo em Suinocultura - Suinocultura ao ar livre, Multisecador de cereais de leito fixo e Manejo de Dejetos

Local: Linha São Miguel, em Vista Gaúcha - às 14:00 horas

* Dia 19 - Dia de Campo em Suinocultura - Avaliação de desempenho da Apsat de suínos e áreas demonstrativas de inverno

Local: Afucotri de Ajuricaba - às 9:00 horas

NOVEMBRO

* Dia 30 - Curso Regional de Suinocultura - Alternativas nutricionais e alimentares para suínos, Organização da pequena propriedade e Criação intensiva de suínos

Local: Salão paroquial, em Miraguaí - às 9:00 horas

DEZEMBRO

* Dias 8 e 9 - Curso Regional de Suinocultura - Chiapetta, Inhacorá, São Valério, São Martinho, Santo Augusto - 2º Módulo - Níveis de sanidade em granjas de suínos, Melhoramento genético em suinocultura, Patologias dos sistemas respiratório, digestivo e reprodutivo de suínos, Administração e gerenciamento da propriedade suinícola e Aula prática unidade produtora e terminadora de leitões

Local: Sala de reuniões da Cotrijuí, em Santo Augusto - às 8:30 horas

LEITE

Campanha de melhoria da qualidade

Jorge João Lunardi

Entre os anos 1981 e 1984, os Escritórios Municipais da Emater da região realizaram valiosos trabalhos em busca da melhoria da qualidade do leite produzido e consumido.

Levantamentos foram feitos a nível de propriedades rurais para verificar a situação do leite. Em alguns municípios da região de abrangência da Emater Regional - eles são um total de 54 - como Santa Rosa, Santo Ângelo, Santo Cristo, Santo Augusto, Ijuí, São Luiz Gonzaga, Três Passos, Chiapetta, entre outros, foram testadas, no período, cerca de 3.000 vacas, as quais apresentaram um índice de 72 por cento de mamite. O leite ácido, também reflexo da falta de cuidados na produção, apresentou índices surpreendentes, embora, atualmente, este quadro tenha mudado significativamente. Apenas na plataforma de recebimento de Santa Rosa, por exemplo, ficou constatado, na ocasião, que de todo o leite entregue, 37 por cento estava ácido, ou seja, impróprio para o consumo humano. O levantamento também revelou a presença de grande quantidade de sujeira no leite - pêlos, cabelos, moscas, bernes, carrapatos, lesmas, entre outros. Também ficou provado que ambientes de ordenha sujos, úmidos, cheios de esterco e urina, afetam a qualidade do leite.

Ao longo de todos estes anos, milhares de análises de leite foram realizadas pelo Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor, de Ijuí. Os resultados mostraram grande incidência de mamite, e o alto grau de contaminação, especialmente por oito micróbios perigosos. Alguns destes vivem unicamente nas feses, esterco e urinas, capazes de provocar mais de 100 tipos de doenças em humanos.

Além destes exames microbiológicos, foram realizados exames de antibiogramas, que demonstraram a grande resistência que os micróbios alojados nos úberes dos animais e no leite, apresentam frente aos medicamentos usados. Isto por si só, caracteriza um grave fato para a saúde pública, já que a resistência dos micróbios frente aos medicamentos, especialmente os antibióticos, interfere também na medicação humana.

O uso abusivo e indiscriminado de

medicamentos, principalmente para tratamento de mamites, leva à contaminação do leite com resíduos de penicilinas, estreptomicinas, sulfas, cloranfenicol, novobiocina, tetraciclina, hormônios, carrapaticidas, bernicidas e vermífugos. Muitos destes medicamentos são perigosos e deixam resíduos no leite e derivados por longo período, interferindo na saúde pública.

Essa situação levou a Emater, juntamente com as prefeituras municipais e cooperativas a desenvolver intenso trabalho de conscientização do produtor em relação a necessidade de produzir leite de qualidade. Na região, mais de 10 mil produtores - especialmente a mulher trabalhadora - foram treinados através de metodologias teóricas e práticas. Já se notou que a qualidade do leite tem melhorado. Os índices de acidez já caíram para menos de um por cento. Isto porque a família do agricultor tem procurado comprar medicamentos sob a orientação técnica. Os animais têm apresentado uma melhor sanidade e os estábulos estão sendo conservados de forma higiênica, com os dejetos sob controle. O leite vem sendo resfriado adequadamente na propriedade. Em resumo, o produtor está mais caprichoso.

Essa preocupação com a qualidade do produto na região - o leite é uma excelente alternativa para a pequena propriedade - está levando a Emater e a Cotrijuí a desenvolver uma nova campanha de melhoria da qualidade do leite. Durante a campanha estarão sendo discutidos assuntos como manejo dos animais, sanidade, controle da mamite e outros fatores que interferem na qualidade, alimentação e conservação do leite. Desta forma, tanto a Emater como a Cotrijuí acreditam que estarão contribuindo para a produção e consumo de um produto de melhor qualidade.

Cada vez mais a família rural precisa se conscientizar da necessidade de higiene na produção do leite, um sustentáculo da pequena propriedade e um alimento de alto valor nutritivo. No entanto, é de fácil deterioração devido ao ambiente da ordenha infectado com o esterco e urina.

Médico veterinário, assistente regional da Emater



Direção da CCGL em Ijuí
Discussão com os produtores de leite da região

CCGL

Dirigentes da CCGL fizeram uma avaliação dos 18 anos da atuação da Central e conversaram com produtores sobre mercado, prazo de pagamento, qualidade e preço do leite

Encontro com os produtores

A primeira de uma série de reuniões agendadas pelo Comitê de Produtores de Leite da Cotrijuí com a CCGL aconteceu no dia 10 de março, na Afucotri de Ijuí. Na presença de produtores de leite de Ijuí, Ajuricaba, Catuípe, Santo Augusto e Augusto Pestana, Frederico Dürr, presidente e Ernesto Krug, diretor técnico da Central falaram sobre qualidade, produtividade, comercialização e a atuação da CCGL no mercado gaúcho.

"A história do leite no Rio Grande do Sul se divide em antes e depois da criação da CCGL", disse Ernesto Krug ao fazer uma análise dos 18 anos de atividades da Central junto ao mercado gaúcho. Plenamente estruturada, a Central possui hoje mais de 52 mil produtores que entregam diariamente mais de 1,5 milhão de litros de leite para as 22 cooperativas filiadas nos 31 postos de recepção e resfriamento de leite. Dos postos, o produto é enviado para suas nove unidades industriais localizadas no Estado. "A CCGL recebe 63,37 por cento de todo o leite produzido no Estado", informou Krug, comparando o crescimento da Central ao do Estado. Em 18 anos de atividades, a CCGL cresceu 29,76 por cento ao ano. O Estado, apenas 5,07 por cento. "Temos hoje mais de 70 itens comercializados em todo o país e fora dele, produzidos por um parque industrial moderno", observou ainda o diretor técnico da Central.

Para Frederico Dürr e Ernesto Krug, todo esse sucesso tem um segredo e chama-se programas de fomento" que atinge tanto as cooperativas associadas como os produtores de leite. Em 18 anos, a CCGL investiu mais de 34 milhões de dólares em programas técnicos e de fomento à atividade. Neste último ano, através de Programas de Financiamentos Especiais, a CCGL colocou mais de 7 milhões de dólares para financiamentos de máquinas para grupos de mecanização, botijões de sêmen, resfriadores de leite, ordenhadeiras, caminhões tanques para coleta de leite a granel. Na aquisição de caminhões tanques, a CCGL investiu 4,2 milhões de dólares. "O Prêmio-Estímulo e o Prêmio-Produtividade tiveram um ganho de 3,4 milhões de dólares", disse ainda Krug na sua avaliação. O programa Criação de Terneiras recebeu 1,5 milhão de dólares e os resfriadores, cerca de 4,0 milhões de dólares.

Segundo os dirigentes da CCGL, todos estes programas foram financiados com recursos próprios da Central. "não recorremos a bancos para tomar dinheiro emprestado", avisou Frederico Dürr, para quem,

financiar programas é uma das formas que a CCGL encontrou de preparar os produtores para que possam, daqui algum tempo, enfrentar a concorrência com o Mercosul.

Evidentemente, deixaram claro os dois dirigentes, que a profissionalização dos produtores terá um peso fundamental na concorrência com produtores argentinos e uruguaios. Insistiram na questão da alimentação, "o ponto fraco da atividade", tanto em quantidade como em qualidade. "90 por cento dos produtores gaúchos ainda têm problemas de alimentação para o rebanho leiteiro", ressaltou Krug, juntando ainda o frete, a remuneração familiar e a depreciação como os pontos cruciais a interferirem nos custos de produção. "Estes pontos representam 70 por cento dos custos de produção", disse ainda, não entendendo como o produtor vai querer competir com os argentinos e uruguaios com estes altos custos.

OS PEDIDOS DA COMISSÃO

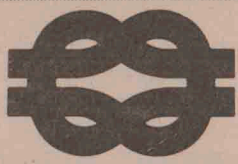
Em nome do Comitê, o produtor Elmar Korb, que também é coordenador da Comissão Regional de Produtores de Leite da Cotrijuí, apresentou uma série de reivindicações. Na pauta, o pedido de antecipação do pagamento do leite para o dia 5 de cada mês, "ou no máximo até o dia 10 ou último dia útil anterior a esta data", reforçou Elmar. Reivindicaram a conversão do preço do leite para URV, "para que não haja perdas para o produtor"; o pagamento, a cada cooperativa filiada, de um valor diferenciado, como prêmio pela qualidade do leite e a interferência da CCGL junto ao BNDES para que reduza de 12 para seis por cento o juro que está sendo cobrado nos projetos de financiamentos. Os produtores ainda sugeriram que a CCGL forme um fundo de fomento à atividade, pois acreditam que, através deste fundo, ela poderia repassar recursos às cooperativas filiadas, e estas aos seus associados, através de programas de fomento.

Os dirigentes da CCGL ouviram os produtores e conversaram sobre preços, mercado e prazos de pagamentos. "A maioria das nossas vendas são feitas a prazo", explicou Frederico Dürr, tentando justificar o prazo de pagamento. Da produção diária de leite recebida pela CCGL, apenas 42 por cento são transformados em leite fluído. Deste volume, 56 por cento tem venda à vista e 44 por cento, venda a prazo. O leite que vai para a indústria - 58 por cento - é transformado em queijos, manteiga, requeijão, leite em pó, entre outros, e tem venda a prazo. "O leite em pó só tem saída a partir de maio", explicou Dürr, prometendo estudar as demais sugestões apresentadas.

Lojas Cotrijuí

Sr. associado!

As Lojas Cotrijuí continuam ao seu lado, proporcionando-lhe os "melhores preços", o melhor atendimento e a melhor qualidade em peças, pneus, óleos e graxas, produtos veterinários e ferragens em geral, além dos produtos Cooper, Tchê e toda linha com a marca Cotrijuí.



Lojas Cotrijuí

Uma combinação de bom atendimento, produtos de qualidade e preços acessíveis.

TREVO SUBTERRÂNEO

Alternativa importante para as condições climáticas da região

César Henrique E. C. Poli

O trevo subterrâneo é uma leguminosa anual de inverno que apresenta características importantes para as condições climáticas do Rio Grande do Sul. Algumas cultivares são bastante precoces, cobrindo, em parte, o vazio forrageiro do outono. Além disso, o seu estabelecimento e manejo são relativamente fáceis, adaptando-se muito bem no melhoramento do campo nativo.

Quanto ao desenvolvimento morfológico, essa leguminosa caracteriza-se por apresentar hábito prostrado, desenvolvendo-se junto ao solo. Suas hastes não enraizam nos nós. Em geral, apresenta pelos nas folhas e seus folíolos são em forma de coração. O nome "trevo subterrâneo" vem do fato de suas inflorescências inclinarem-se para o solo, enterrando as sementes.

CONDIÇÃO DO SOLO - O trevo subterrâneo apresenta cultivares relativamente tolerante à acidez. Entretanto, para um bom desenvolvimento, é importante que o pH do solo esteja em torno de 5,5 - 7,0. Apesar de ser um trevo "rústico", requer correção do solo com fósforo e potássio. Também recomenda-se inocular a semente com inoculante específico para trevo subterrâneo.

Como possui sementes de tamanho grande, apresenta capacidade de estabelecer-se em más condições de preparo. Adapta-se ao estabelecimento através do preparo mínimo. É muito utilizado no melhoramento do campo nativo e em restingas de lavouras. Nesse caso, o trevo é semeado a lanço após a passagem de uma grade. A densidade de semeadura é variável conforme a cultivar. De um modo geral são necessários de 12 a 15 quilos por hectare quando plantados isoladamente e de 8 a 10 quilos quando consorciada com gramíneas.

O trevo subterrâneo apresenta um estabelecimento rápido em comparação a outros trevos, podendo ser utilizado até com 80 - 90 dias após o plantio. Seu cultivo pode ser extensivo, pois não apresenta muito problema quanto ao timpanismo. Entretanto, recomenda-se que seu cultivo seja feito com gramíneas para melhor aproveitamento da área.

MANEJO - Depois de bem estabelecido - com mais ou menos 20 centímetros de altura - seu manejo torna-se fácil, pois suporta bem ao pisoteio. Deve-se ter o cuidado de diferir - não permitir o pastejo da área no florescimento. O trevo subterrâneo apresenta um período de florescimento muito curto. Nessa época, os animais não devem utilizar a área a fim de proporcionar uma boa produção de sementes e uma ressemeadura natural adequada para o ano seguinte.

Em trabalhos realizados em passo Fundo, Fontanelli et al (1980) testaram consorciações de aveia e azevém com leguminosas de estação fria. Esses autores recomendam, então, que a utilização do trevo subterrâneo seja no cedo - fim do outono e início do inverno, onde prevê-se a liberação da área para cultivo na primavera.

CONSORCIAÇÃO - O trevo subterrâneo adapta-se muito bem à consorciação com cereais de inverno, como aveia e centeio. No planejamento forrageiro da propriedade, o trevo subterrâneo é uma boa opção para períodos de final de outono e início de inverno.

CULTIVARES - Existem diversas cultivares de trevo subterrâneo com diferenças marcantes entre elas. Algumas cultivares como cv. Clare apresentam poucas sementes duras. Essa pouca dureza do tegumento é problemática para as condições climáticas do Rio Grande do Sul. Nas nossas condições, o clima seco do verão, pode promover a morte de plântulas recém germinadas após chuvas ocasionais. Razão pela qual, aconselha-se o produtor a utilizar cultivares com alto e médio teor de sementes duras. Dentro dessas cultivares, pode-se destacar as cultivares Kanidle, Nuba, Junge e Dalkeith.

Cultivar	Dias para o florescimento	Quantidade de chuva mínima exigida (mm)	Escore de sementes duras *
Nugarin	76	350	10
Northan	78	350	8
Daliak	96	400	6
Dalkeith	96	400	9
Seaton PK	109	400	5
Rosedale	111	400	10
Trikkala	113	425	3
June	126	450	5
Clare	126	450	3
Woogenellup	128	450	3

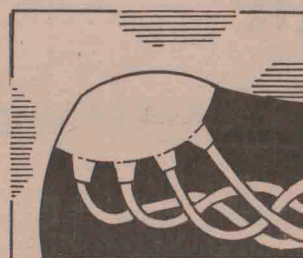
GRUPOS - Os trevos subterrâneos podem ser divididos em três grupos cada, com suas distintas características:

* **Brachycalcinums** - Esse grupo prefere solos corrigidos em pH em torno de 7-8. Até 1989, a única cultivar disponível era a Clare. Em 1990 foi lançada a outra cultivar, a Rosedale.

* **Yanicinums** - Esse grupo adapta-se a solos um pouco mais ácidos e tem a habilidade de tolerar solos úmidos. Mas adapta-se muito bem em solos bem drenados. As cultivares comerciais apresentam, sementes claras. Entre as cultivares mais conhecidas está a cv. Trikkala e Yarloop. São cultivares que apresentam baixo teor de sementes duras.

* **Subterraneums** - São cultivares que adaptam-se a solos relativamente ácidos e bem drenados. Nesse grupo encontra-se a maioria das cultivares: Dalkeith, June, Woogenellup, Mount Barker, Dwalganup, Tallorok, Bacchus, Marsh, entre outros.

César Poli, eng. agr. do Centro Treinamento da Cotrijuí



COLUNA DO LEITE

Coordenação: Engenheiro agrônomo Jair da Silva Mello, supervisor de Pecuária Leiteira

A produção de leite em 1993

A produção de leite no Brasil, ano 1993, cresceu 2,03 por cento, chegando a 15,1 bilhões de litros. No exercício anterior - 1992 - a produção havia atingido cerca de 14,8 bilhões de litros de leite. No Rio Grande do Sul, a produção de leite do ano passado superou a de 1992 em 1,20 por cento. Já a produção de leite oriunda das 22 cooperativas e laticínios Satélites que formam o sistema CCGL, apresentaram, no mesmo período, um crescimento de 1,66 por cento. Na área de atuação da Cotrijuí, a situação foi inversa. A redução na ordem de 6,3 por cento no número de produtores envolvidos na atividade levou, conseqüentemente, a uma redução na produção de pouco mais de 4,0 por cento. Esse percentual de redução foi menor porque ocorreu um crescimento na escala de produção na ordem de 7 por cento. Essa situação mostra que aqueles produtores que estão conseguindo a produtividade e a escala de produção - o que os levou a reduzir custos na atividade - estão permanecendo e se fixando no leite. Esse assunto - produtividade com menor custo - tem sido amplamente discutido com os produtores em reuniões e dias de campo ou até mesmo pelos programas de rádio e o Cotrijornal. A conscientização dos produtores da necessidade de gerenciar a sua atividade com profissionalismo, utilizando as informações técnicas e os meios de produção disponíveis para fazer frente a uma nova realidade de mercado tem sido, nestes últimos anos, o grande desafio e motivo de muita preocupação da Cotrijuí.

Projetos de investimentos na pecuária de leite

Todos os projetos de investimentos na atividade leite dos associados da Cotrijuí deverão ser entregues ao Bannisul até o dia 31 de março. Até meados do mês haviam sido encaminhados 370 projetos, totalizando um montante de 1,6 milhões de dólares. Os principais investimentos serão feitos nas áreas de instalações de ordenha - salas, centros de manejo e equipamentos, como ensiladeiras. Alguns projetos encaminhados estão oferecendo ao produtor a possibilidade de adquirir matrizes. A expectativa é de que esse financiamento atinja 10 por cento dos produtores de leite da região de ação da Cotrijuí - em torno de 410. O investimento orçado para este projeto é de 2,0 milhões de dólares.

Mesmo que os recursos não sejam suficientes para todos os interessados, este investimento deverá representar um bom incremento na escala de produção destas propriedades. Aqueles produtores não beneficiados com o projeto continuarão contando com todos os mecanismos de fomento a atividade e financiamento à produção em andamento na cooperativa. Um exemplo é o Fundo de Fomento à Pecuária de Leite que em 1993 financiou aos produtores o equivalente a 350 mil dólares.

III Mostra da Terneira

Está definido para o período de 15 a 17 de julho a realização da III Mostra da Terneira e da Novilha Leiteira dos Associados da Cotrijuí. O evento ocorrerá no Parque Assis Brasil e servirá, mais uma vez, para que o potencial genético do rebanho dos produtores de leite da Cotrijuí seja colocado à mostra. Também vai oportunizar a troca de experiências entre produtores e técnicos.

As inscrições encontram-se abertas até o dia 10 de junho em todas as Unidades da Cotrijuí, onde os produtores poderão obter maiores informações. Poderão ser inscritos animais para julgamento e exposição ou apenas para exposição.

Condições para o produtor inscrever seus animais na Mostra:

- * ser associado e produtor de leite da Cotrijuí;
- * os animais devem estar enquadrados nas categorias exigidas;
- * atestado negativo de brucelose e tuberculose e ainda o comprovante de vacina contra a febre aftosa;
- * registro para os animais inscritos para julgamento.

Prêmio Qualidade do Leite

O prêmio Qualidade do Leite beneficiou, em fevereiro, 992 produtores - 21,6 por cento do total, com uma produção de 1.460.792 litros - 41,8 por cento do total. A bonificação paga foi de 8,4 por cento a mais sobre o preço médio do mês. Desde que foi criado o Prêmio, em outubro do ano passado, a bonificação média foi de 8,7 por cento.

Troca de forrageiras de inverno

Estão abertas, até junho próximo, as trocas de forrageiras, de inverno e fertilizantes por leite. Poderão ser financiadas sementes de aveias preta, branca, centeio, azevém, ervilhaca e trevo Yuchi, inoculante para as leguminosas, adubo da fórmula 5-20-20 e uréia. Os produtores pagarão este financiamento com leite produzido nos meses de junho, julho e agosto. Os interessados neste tipo de financiamento deverão procurar a sua Unidade, no início do mês de abril para realizar a troca.

Formação de cotas

O período de formação de cotas já está em pleno andamento, estendendo-se até 31 de julho. Para aquele produtor menos avisado, este é o período mais importante da atividade leiteira, uma vez que uma maior produção nesta fase, além de remunerar melhor o produtor, irá ajudar na formação de cota para o próximo verão.



LUÍS JULIANI
Economista Rural
Divisão Agrotécnica

QUANTO VALE O SEU PRODUTO

PROD.	BASE DE COMPARAÇÃO	MÉDIA DOS ÚLTIMOS 12 ANOS	JAN	FEV
Quantas sacas são necessárias para adquirir:				
FEIJÃO	01 t. de calcário	0,5	0,9	0,6
	01 t. de superfosfato simples	4,9	5,8	3,7
	01 t. de adubo (1)	12,3	8,7	5,4
	01 t. de uréia (1)	14,7	10,1	6,5
MILHO	01 automotriz	7.463,8	9.055	8.881
	01 trator médio	3.898,5	5.794	4.545
	01 t. de uréia	44,6	29,1	34,0
	01 t. de superfosfato triplo	27,1	28,9	33,1
	01 t. de calcário	2,9	2,6	3,0
	01 saca de soja	1,7	1,8	2,0
	01 t. de adubo	31,9	24,9	27,0
	100 litros de diesel	4,1	5,5	5,6
	20 kg de semente (1)	6,7	-	-
	01 litro de herbicida (2)	0,9	0,8	1,0
SOJA	01 automotriz	4.422,0	4.503	4.258
	01 trator médio	2.377,0	2.881	2.177
	01 ton. de calcário	1,4	1,4	1,4
	01 ton. superfosfato triplo (1)	21,1	15,9	16,1
	50 kg de semente	1,2	-	-
	100 litros de diesel	2,5	2,7	2,7
	01 ton. de adubo	19,0	12,9	12,8
	01 litro de herbicida (2)	2,7	2,4	2,4
TRIGO	01 automotriz	5.373,1	8.179	7.650
	01 trator médio	3.053,7	5.233	3.913
	01 ton. de uréia	22,4	30,4	29,3
	01 ton. de calcário	1,8	2,7	2,6
	100 litros de diesel	2,7	4,9	4,8
	01 ton. de adubo	21,2	26,0	24,5
	01 litro de fungicida (2)	6,1	7,1	6,8
	50 kg de semente (2)	1,8	-	-
Quanto se adquire com 1 kg. de suíno:				
LEITE	01 saca de milho	30,1	36,9	33,8
	01 saca de soja	50,6	67,2	69,2
	01 kg de bovino	3,1	3,9	3,4
	01 ton. de uréia	1.346,6	1.063	1.174
	01 ton. de superfosfato triplo (1)	1.620,7	1.058	1.117
	100 litros de diesel	123,0	196	194
	01 ordenhadeira (1)	8.541,5	8.500	8.500
	01 resfriador (1)	4.369,0	4.550	4.550
	01 kg de farelo de soja	1,1	1,2	1,3
SUÍNO	kg. de milho	6,8	6,2	7,3
	kg de soja	4,6	3,4	3,4
	litros de leite	3,8	3,8	4,2
	kg. de bovino	1,0	1,0	1,0
	kg. de concentrado	2,7	2,2	2,8
	kg de ração crescimento	3,7	3,5	4,6
	kg. de ração terminação	4,0	3,8	4,9
	kg de farelo de soja (1)	2,9	3,1	3,3

Fonte: DIVISÃO AGROTÉCNICA/ECONOMIA RURAL
(1) MÉDIA DE UM ANO
(2) MÉDIA DE DOIS ANOS

Se a necessidade é por investimento em uma automotriz, o período continua propício. Hoje está muito mais fácil adquirir o maquinário do que há um ano, como mostra o poder de troca da soja neste período. Em março de 1993, o produtor necessitava de 6.195 sacos de soja para adquirir a automotriz, enquanto em fevereiro de 1994 precisou de 4.258 sacos do produto. Isto significa uma redução de nada menos do que 1.937 sacos de soja, o que corresponde a uma economia de 24.135 dólares, de acordo com a cotação média do produto em fevereiro deste ano.*

Em relação a outros itens, como o óleo diesel, por exemplo, o poder de troca da soja permaneceu no mesmo patamar de janeiro. Isto porque, embora a valorização da soja em dólar, o preço do insumo comparado a anos anteriores, teve valorização maior do que a primeira, fazendo com que o produtor desembolse 2,7 sacos de soja para adquirir 100 litros de óleo diesel.

Apenas dois produtos agropecuários conseguiram driblar a inflação medida pelo IGP-M que foi de 40,78 por cento em fevereiro. O suíno em primeiro lugar com 52,50 por cento e o bovino com 46,67 por cento. Na média dos dois primeiros meses de 1994, em relação ao mesmo índice, o milho apresenta a menor valorização, seguido pelo suíno e depois pelo leite. A maior valorização coube ao bovino com 109,52 por cento no período.

VARIAÇÃO DOS PREÇOS COMPARADOS COM INDICADORES ECONÔMICOS

PRODUTO	VARIAÇÃO NO MÊS %		
	Janeiro	Fevereiro	Acumul.
SOJA	43,23	38,19	97,96
MILHO	16,67	33,21	55,42
TRIGO	44,32	39,68	101,58
SUÍNO	19,75	52,50	82,61
BOVINO	42,86	46,67	109,52
LEITE	39,29	38,46	92,86
IGP-M (FGV)	39,07	40,78	95,78
INPC (IBGE)	40,30		
DÓLAR	42,48	39,46	98,70
POUPANÇA	41,79	42,89	102,60

Divisão Agrotécnica

PREÇOS MÍNIMOS SAFRA 1993/1994 - EM CR\$

PRODUTO	Janeiro	Fevereiro
Arroz		
Irrigado	3.747,00	5.314,00
Sequeiro	3.307,28	4.690,00
Milho	2.364,00	3.352,00
Soja	3.042,00	4.314,00
Feijão	8.406,60	11.921,40
Trigo	3.205,80	4.546,20
Triticale	2.884,80	4.090,40

Fonte: CONAB/COTRIJUI

Elaboração: DIVISÃO AGROTÉCNICA/ECONOMIA RURAL

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

ANO	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1 - SOJA US\$/SACA												
MÉDIA 14 ANOS	10,75	10,40	10,52	10,59	10,82	10,71	10,64	11,11	11,31	11,39	11,46	11,26
1992	10,11	9,50	9,24	8,72	9,12	10,10	9,79	10,19	11,58	11,31	10,90	11,58
1993	11,27	11,10	10,01	9,52	9,87	10,18	12,07	12,04	11,85	11,71	12,17	12,75
1994	12,63	12,46										
Preço e dólar médio do mês												
2 - MILHO US\$/SACA												
MÉDIA 14 ANOS	6,59	6,18	6,06	6,21	6,29	6,56	6,24	6,26	6,53	6,70	7,00	6,79
1992	5,62	4,72	4,23	-	5,43	5,43	5,84	5,95	6,43	6,17	6,70	6,28
1993	6,64	5,94	5,54	5,55	6,03	6,23	6,38	6,58	6,92	6,92	7,48	7,78
1994	6,94	6,06										
Preço dólar médio do mês												
3 - TRIGO US\$/SACA												
MÉDIA 14 ANOS	10,48	9,77	-	11,78	11,78	11,55	11,70	10,52	11,32	11,09	10,96	10,83
1992	-	-	7,97	7,88	8,04	8,07	9,55	8,14	8,10	8,13	8,11	8,68
1993	7,98	8,07	8,12	7,67	7,88	7,72	7,49	7,68	7,29	6,80	7,11	7,18
1994	6,64	6,90										
Preço e dólar médio do mês												
4 - SUÍNOS US\$/KG												
MÉDIA 14 ANOS	0,70	0,73	0,76	0,71	0,73	0,79	0,73	0,71	0,69	0,70	0,67	0,73
1992	0,54	0,58	0,53	0,52	0,51	0,56	0,55	0,57	0,60	0,59	0,59	0,82
1993	0,81	0,76	0,73	0,68	0,62	0,68	0,75	0,69	0,67	0,68	0,73	0,83
1994	0,72	0,68										
Preço e dólar médio do mês												
5 - BOVINOS US\$/KG												
MÉDIA 14 ANOS	0,66	0,62	0,61	0,60	0,61	0,64	0,70	0,76	0,77	0,76	0,73	0,74
1992	0,57	0,51	0,46	0,47	0,60	0,56	0,79	-	0,79	0,66	0,61	0,74
1993	0,66	0,69	0,63	0,70	0,71	0,65	0,85	0,88	0,85	0,79	0,68	0,72
1994	0,73	0,62										
Preço e dólar médio do mês												
6 - LEITE US\$/LITRO (1)												
MÉDIA 14 ANOS	0,21	0,21	0,21	0,23	0,23	0,22	0,21	0,21	0,20	0,21	0,20	0,19
1992	0,18	0,18	0,19	0,18	0,21	0,20	0,18	0,17	0,16	0,18	0,18	0,18
1993	0,18	0,18	0,21	0,22	0,23	0,23	0,23	0,22	0,22	0,22	0,21	0,19
1994	0,19	0,18										
Preço e dólar médio do mês - (1) Não está incluído o leite extra cota												
Fonte: DIVISÃO AGROTÉCNICA/COMERCIALIZAÇÃO - Elaboração: ECONOMIA RURAL												

A cotação da soja neste segundo mês do ano, continua com uma boa performance. Comparado a fevereiro de 1993, o preço do produto em fevereiro de 1994 foi de 12 por cento superior e perdeu pouco para o preço de janeiro deste ano. Comparado a média dos últimos 14 anos, o preço da soja em fevereiro de 1994, ganhou ainda mais, sendo 20 por cento superior. O milho, em função do início da safra, teve uma pequena redução de preço agora em fevereiro - 13 por cento -, em relação ao mês de janeiro. Mesmo assim, a sua cotação está bem acima do preço praticado em anos anteriores: 28 por cento acima do preço praticado em fevereiro de 1992, por exemplo.

ÍNDICES ECONÔMICOS 1994

ÍNDICES	Janeiro	Fevereiro	Março
INPC-IBGE	40,30		
IGP-M FGV	39,07	40,78	
IGP - FGV	42,20		
UFIR Cr\$	187,77	261,32	365,06
UREF Cr\$	89,67	127,16	
POUPANÇA*	41,79	42,89	
DÓLAR Cr\$			
ÚLTIMO/MÊS	450,08	627,70	
MÉDIA MENSAL	381,66	544,33	
Fonte: SUMA ECONÔMICA e COTRIJUI			
DÓLAR COMERCIAL - *Último dia do mês			
UREF - Unidade de Referência Agroindustrial			

Um Plano em construção

Argemiro Luís Brum

"É um plano em construção, não um pacote econômico", resume o analista de mercados da CEMMA/Unijui, Argemiro Luís Brum ao comentar o novo plano econômico do governo implantado em fevereiro e que tem como desafio estabilizar a economia e zerar a inflação. Elaborado em três fases, o novo plano econômico teve como ponto de partida o ajuste fiscal e orçamentário. Entrou numa segunda etapa através da fixação da Unidade Real de Valor e encerra com a transformação da URV em moeda, o Real.

Por ser um plano em construção, "o que diferencia de um pacote, onde as medidas vêm todas prontas", existem muitos pontos ainda em abertos, "como as dúvidas a respeito dos contratos e tarifas públicas", que o governo ainda não sabe como administrá-las. O sucesso do plano, na opinião de Argemiro Luís Brum vai depender em muito do apoio da sociedade. "Como analista, acredito que esse plano pode render frutos melhores", observa, considerando os demais, aplicados até agora, por serem pacotes fechados, como fora da realidade. "Mas tudo vai depender do apoio da sociedade", avisa.

A situação dos preços dos produtos agrícolas é um pouco delicada, segundo o analista, "já que fica difícil fazer uma média". Se realmente fosse pela média dos últimos quatro meses, alguns sairiam ganhando "e o preço ficaria em alta", e outros perdendo. A possibilidade maior de achar uma saída para este problema é deixar nas mãos do mercado. "É ele quem vai definir os preços, que ficarão na dependência da maior ou menor oferta", diz ainda apostando na definição de uma política agrícola adequada ao plano e que contemple preços mínimos, seguro agrícola e crédito rural eficiente.

O que é a URV

A Unidade Real de Valor é o novo indexador criado pelo Plano Econômico. Não é uma moeda, mas um índice oficial de inflação que é calculado diariamente em cruzeiros reais pelo banco Central, tendo por base três índices: o IGP-M, da Fundação Getúlio Vargas; o IPC, da Fipe e o IPCA-E, do IBGE, que mede a Ufir. Seu valor deverá acompanhar as oscilações do dólar. O governo usará a URV para estipular os salários e outros pagamentos. Os preços para a indústria e comércio estão liberados - que não têm conversão obrigatória -, mas o governo está prometendo controlar os aumentos abusivos.

O governo tem um prazo de 360 dias para fixar a transformação da URV em moeda, quando passará a chamar-se Real. O seu símbolo será R\$. Existem especulações de que esta transformação ocorra em 90 dias. Até a URV ser transformada em Real, as atuais cédulas e moedas de cruzeiro real continuarão em circulação, quando então deverão ser substituídas. Os cheques, por enquanto, continuam sendo preenchidos em cruzeiros reais, inclusive os pré-datados.

E o salários, como é que ficam? Empregados de empresas privadas e servidores do Legislativo, Judiciário e Ministério do Público, terão seus salários reajustados pela média dos últimos quatro meses, seguindo a variação do dólar do último dia de cada mês. O salário mínimo, fixado em 1º de março, é de 64,79 URV. Todos os contratos de trabalhos assinados a partir de 1º de março serão expressos em URV e convertidos em cruzeiros reais pela URV do dia do pagamento. Os alugueis, mensalidades escolar e cadernetas de poupança ficam como estão. Mas todos os contratos assinados depois do dia 15 de março terão que adotar a URV e sua validade será de, no mínimo, um ano. O governo também prometeu que não mexe nos preços mínimos dos produtos agrícolas, e nem as dívidas sofrerão conversão pelo novo indexador. As taxas de juros continuarão sendo praticadas como vem sendo e os impostos continuarão indexados à Unidade Fiscal de Referência - a Ufir.

ESTA PÁGINA CONTÉM ALTERNATIVAS PARA AUMENTAR O PLANTIO DIRETO



São instrumentos que permitem avançar no Programa de Conservação do solo (Microbacias) onde o Plantio Direto é fundamental. O plantio na palha veio para ficar. As indústrias, a cooperativa e os

que participaram dos encontros de informação sabem disso. Entre nessa parceria. Converse com seus vizinhos, consulte a sua Unidade.

Z Comunicação

TRATOMAQ
A CASA DO PLANTIO DIRETO NA PALHA
Av. Ijuí, 306 - 98.600-000 TRÊS PASSOS - RS Fone/Fax: (055) 522-2270

SLC SCHNEIDER & DEBONI LTDA.
Av. David José Martins, 1110
IUI - RS - CEP: 98.700-000
Fone: (055) 332-1133

LAVRALE
Implementos de Qualidade
Rua Oberdan Cavinatto, 290
Fone/Fax: (054) 222-2211
Telex: (543) 717 LALE BR - Caixa Postal 739
95055-450 - Caxias do Sul - RS - Brasil

FIL FORTALEZA
Rua Jerônimo Stefanelo, 410
FORTALEZA DOS VALOS - RS
Fone: (055) 328-1188
Fax: (055) 328-1280

SEMENGIR
Rua Minas Gerais, s/nº
(Próximo ao trevo)
Caixa Postal 25 - GIRUÁ - RS
CEP: 98.870-000
Fone: (055) 361-1456/ 361-1727

K KRAUSE & CIA LTDA.
Rua Pedro Paiva Machado, 38
AJURICABA - RS - CEP: 98.750-000
Fone: (055) 387-1122

IMASA
Av. 21 de Abril, 775 - Cx. Postal 316
IUI - RS - CEP: 98.700-000
Fone: (055) 332-1233

VENCE TUDO
Rua Pacifico Dias da Fonseca, s/nº
CEP: 98.200-000 - Alfredo Brenner
IBIRUBA - RS
Fone: (054) 324-1169/1067/1167

Menegaz S.A.
Indústria e Comércio
End. Tel.: Menegaz - Fone/Fax: (054) 313-1100
Telex: (54) 5367 - Dist. Industrial João Menegaz
C.P.: 341 - CEP: 99050-130 - Passo Fundo - RS - Brasil

FANKHAUSER
Av. Mauá, 1092
TUPARENDI - RS
CEP: 98.940-000
Telex: 551273 MFKH BR
Fone: (055) 543-1108
543-1126

JAN
NÃO ME TOQUE-RS-BRASIL
Rua Salgado Filho, 101
Fone: (054) 332-1744

COTRIJUI
A FORÇA DA UNIÃO

Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL - ELABORADO NA ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS
FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE/UNIJUÍ

Elaboração:
Rosane Nunes Becker
Montagem:
Z Comunicação

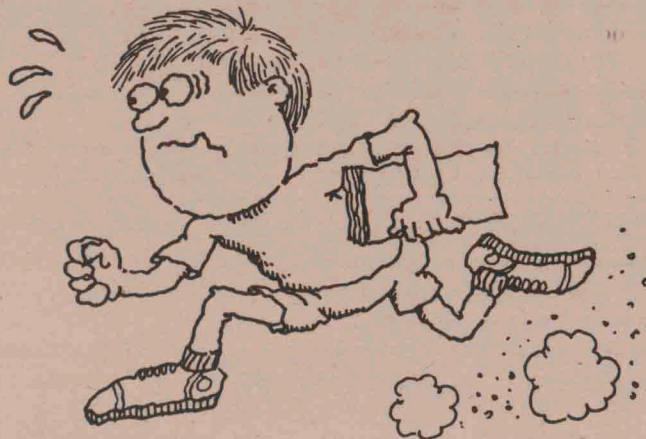
O Caminho da Escola



Caminho da escola,
tão cheio de vida,
tem morros, tem rios,
tem matas floridas,
tem o verde das plantas
tem o sol muito forte
e também tem a brisa
do Sul e do Norte.



No caminho da escola,
de tudo acontece:
subir na barranca,
pular a valeta,
cair na sarjeta,
esfolar o lombo,
rasgar com o tombo,
a velha jaqueta.



Caminho da escola,
que é tão percorrido,
seu chão é batido
por pés encardidos
de meninos sabidos,
que brincam e estudam,
que sabem tabuada
de cor e salteada
na ponta da língua.

Caminho da escola,
que esconde segredos
de artes malucas
dos Joãos e dos Pedros,
de todas as crianças
que fazem do caminho da
escola
uma grande FESTANÇA.

Profª Elisabete V. Gabbi

O poder da água

Água nos lava por dentro (diluindo as toxinas do nosso sangue) e por fora (é o material de limpeza que mais usamos por ser um solvente universal). Por isso, o fitoterapeuta e farmacêutico Sylvio Panizza recomenda que a água que usamos para beber seja limpa e isenta de micróbios. "A água deve ser tratada e, de preferência, passada por filtros de vela de cerâmica - tanto o de torneira como o de recipientes de barro" - lembra o professor, que ainda sugere os filtros caseiros de areia e carvão ativado para o tratamento da água de beber (ver o esquema).

Sylvio recomenda também três hábitos saudáveis com relação à água que ingerimos, e adverte sobre aqueles que devem ser evitados.

Bons Hábitos

1 - Beber bastante água diariamente, longe das refeições e sempre aos pequenos goles (mínimo de 2 litros ou 8 copos americanos, sem contar a água que existe no leite, nos sucos e nas frutas). É importante que a água da casa seja tratada e filtrada. Se não for tratada, deve-se fervê-la e guardá-la em recipientes fechados (como as moringas dos filtros), limpando-os por dentro uma vez por semana.

2 - Beber água à temperatura ambiente ou água de moringa. Nunca se deve acostumar a usar água gelada. "A água da geladeira é um martírio para as amígdalas e para os dentes, cuja superfície se trinca com o contraste de temperatura, abrindo caminho para as cáries" - explica Sylvio.

3 - Usar outras fontes saudáveis de água. Tomar, também à temperatura ambiente ou só um pouco gelados, leite, iogurte, suco de frutas e chás (de preferência sem açúcar ou adoçados com mel), pois esses líquidos fazem bem e são constituídos por água de boa qualidade. Outra fonte saudável de água, proteínas e sais minerais são as sopas feitas com ingredientes naturais. "Para uma pessoa obesa ou de mais idade, uma sopa com saladas e torradas pode substituir o jantar" - lembra o professor.

Com este lançamento, a Série *Sinal Aberto* traz de volta um dos mais justos sucessos da literatura brasileira recente: *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Traduzido para mais de dez idiomas, este "diário de uma favelada" é a expressão sincera e precisa do dia-a-dia numa favela da cidade grande.

Nele, em linguagem coloquial e simples de pessoa humilde - em que até os erros contribuem com a expressividade -, Carolina Maria de Jesus apresenta a luta pela própria sobrevivência e a de seus três filhos. Um texto forte que logo despertou a admiração de intelectuais e escritores, entre os quais, Sérgio Milliet, Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira.

Passados mais de trinta anos de sua publicação original, *Quarto de despejo* não perdeu a atualidade. Ainda impressiona e emociona o leitor, levando-o ao questionamento e à reflexão, a saga desta mulher simples que - escrevendo - ousou se colocar na contramão da miséria.

Maus Hábitos

1 - Uso da água não tratada. Oitenta por cento das doenças transmissíveis nos chegam através da água que bebemos. Eis alguns exemplos mais corriqueiros entre muitas doenças: a maioria das diarreias, a cólera, a hepatite, certas dores de garganta e alguns tipos de verminose.

2 - Beber água ou qualquer outro líquido nas refeições principais.

A água dilui o suco gástrico e chega a engordar a pessoa, pois modifica seu processo de digestão. O leite também causa problemas, porque, tomado às refeições, diminui a absorção do ferro que existe nos alimentos.

3 - Beber refrigerantes, em lugar de água, para matar a sede. Os refrigerantes contêm muito açúcar e sais minerais, além de substâncias químicas (como adoçantes, acidulantes, conservantes, aromatizantes e corantes). No primeiro caso, estragam os dentes e podem causar diabetes. Nos outros, podem alterar o delicado equilíbrio dos sais minerais no organismo, principalmente devido ao excesso de potássio. Pelas mesmas razões, evitar os refrescos em pó e as sopas de pacote, exceto as de vegetais desidratados sem aditivos químicos, que são consideradas uma boa indicação pelos nutricionistas.

4 - Beber água que contém muito cloro ou com gosto estranho (indício da presença de alguma substância). Deve-se fervê-la e deixá-la evaporando num recipiente (como os filtros tradicionais).

Outro problema está no fato de as mesmas técnicas de industrializar a água e livrá-la de micróbios, tornando-a "potável", também a enchem de microdoses de venenos, como o cloro e os sais liberados pelos encanamentos.

Aos olhos de alguns médicos homeopatas, esses venenos presentes na água, apesar de constarem em pequeníssimas doses (são controlados por padrões internacionais), acabam dinamizados pela própria agitação na água no percurso dos encanamentos. Em tese, esse processo homeopático (a agitação constante das diluições) poderia ampliar os efeitos dos venenos.

A Editora Ática, com a Série *Sinal Aberto*, traz o lançamento de um livro que você não pode perder.

Quarto de despejo: a polêmica na sala de aula



Carolina: na contramão da miséria

Carolina de Jesus nasceu em Minas Gerais, por volta de 1915. Foi empregada doméstica em São Paulo, onde, mais tarde, passou a catar papel e outros tipos de lixo reaproveitáveis, para sobreviver. Em reportagem sobre a favela do Canindé, o repórter Audálio Dantas conheceu Carolina e descobriu que a favelada escrevia um diário.

Surpreso com a força do texto, o jornalista apresentou-o a um editor. Uma vez publicado, em 1960, o livro trouxe fama e algum dinheiro para Carolina. O suficiente para deixar a favela, mas não o bastante para escapar à pobreza. Quase esquecida pelo público e pela imprensa, a escritora morreu recolhida num pequeno sítio, em 1977. É a obra dessa mulher extraordinária que a Série *Sinal Aberto* apresenta ao leitor jovem.

Filtro Medicinal

Os filtros domésticos ajudam a retirar da água as impurezas e o excesso de cloro, retraindo os micróbios, sais e outros elementos prejudiciais, reenergizando-a. Como por exemplo, Sylvio Panizza cita os filtros caseiros de areia, pedras e carvão, que podem ser feitos com garrações de água mineral. O carvão absorve os sais e gases da água, purificando-a. "O melhor carvão é o ativado, isto é, o recém-feito e o bem seco" - avisa Sylvio, que recomenda processos higiênicos para picar esse carvão em três estágios diferentes: carvão fino (do tamanho de grãos de arroz), carvão grosso (do tamanho de uma azeitona) e pedaços de carvão (do tamanho de um ovo).

Uma sugestão é envolver o carvão em pano limpo e usar um martelo para picá-lo, separando os três tamanhos. O pó muito fino do carvão turva a água e não é indicado para este tipo de filtragem. Esses critérios devem ser observados na escolha das areias e das pedras de rio.

As areias (que podem ser de vários tipos) têm função medicinal, pois alteram o PH da água (índice químico de acidez). Geralmente, tornam a água mais alcalina, podendo, porém, torná-la mais ácida também. Além disso, liberam na água pequeníssimas quantidades de sais minerais como o magnésio das areias magnesianas vendidas em lojas de produtos para aquários) podendo torná-lo verdadeiramente medicinal.

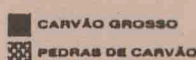
Sylvio recomenda que a areia e as pedras sejam esterilizadas, fervendo-as durante uma hora com bastante água e colocando-as no filtro só depois de frias. Ele sugere que esse filtro seja limpo por dentro e refeito com mistura nova a cada seis meses. É muito importante que o carvão não esteja contaminado, sendo preferível fazê-lo no quintal.



Montagem do Filtro:

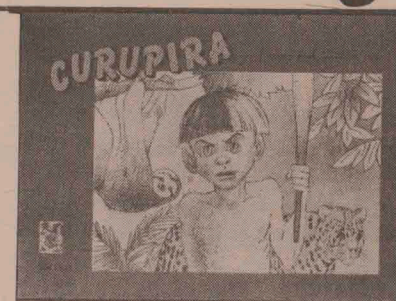
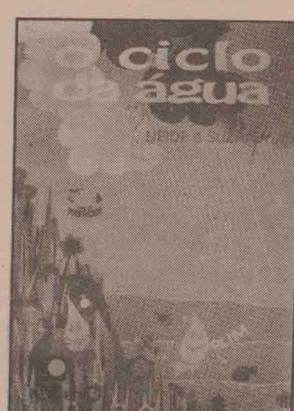
1 - Cortar na parte de cima um garrafão de plástico de água mineral com capacidade para 20 litros. Colocar uma torneira embaixo. Enchê-lo com seis camadas simples ou 12 duplas, de 8 a 10 centímetros de espessura cada um, de acordo com o desenho. 2 - Depois que o garrafão estiver cheio, tampá-lo com um chapéu de alumínio ou zinco por onde deve passar a mangueira que sai do filtro da torneira. Quando for usar esse filtro pela primeira vez, é só fechar primeiro a torneira do filtro de baixo até enchê-lo de água. A partir daí, regular as torneiras dos dois filtros para ter o de baixo sempre cheio.

Fonte: Família Cristã.



Na volta às aulas conheça mais de perto o que os livros trazem para você. Olhe só as sugestões que a Editora FTD lançou:

para professores e alunos da 1ª a 4ª séries

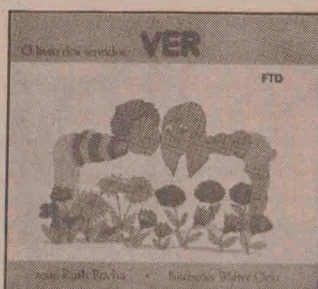


1ª a 4ª série

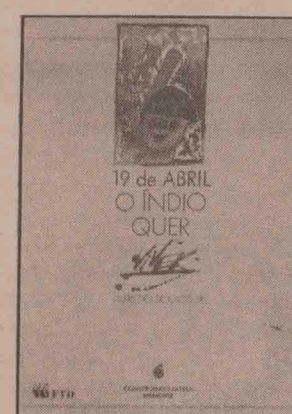
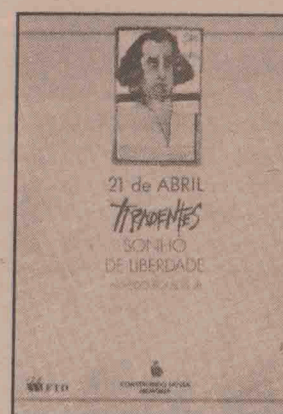


Pré-escola

Objetivo: Trabalhar as diferentes percepções de cada um dos sentidos, através da comparação de situações e materiais diversos apresentados nos desenhos, com textos em verso.



Construindo Nossa Memória resgata os fatos, revelando à criança o profundo sentido político e cultural que há por trás das datas cívicas e comemorativas. Parte do conhecimento e da experiência que temos hoje, propondo que essas datas sejam momentos para reflexão e reavaliação da nossa história.



Problemas na Agricultura

Desde muito tempo, os agricultores vêm enfrentando uma série de problemas na prática da agricultura. Problemas como a erosão, empobrecimento do solo, plantações perdidas, trabalho botado fora, muitos gastos para comprar combustível e solucionar o problema da fertilidade do solo.

Todos esses problemas aconteceram porque quando os imigrantes aqui chegaram não havia lugar para suas casas e suas lavouras. Então começou o desmatamento em alguns lugares. Alguns desmatavam para sua sobrevivência e outros, mais tarde, para enriquecerem e também por maldade e ignorância. As florestas que existiam nunca mais serão refeitas, nunca mais haverá tantas espécies de animais diferentes. Pois conforme se derrubavam as matas, seus habitantes iam fugindo.

Para evitar todos esses problemas, muitas coisas podem ser feitas como, por exemplo, criar projetos de conservação do solo e da natureza, ter mais amor pelas florestas que aqui ainda existem. Em nosso município, Jóiá, está se fazendo o projeto de microbacias, mas muitos colonos, não prejudicados em suas lavouras não concordam. Esse projeto combate e conserva o solo.

Se não se combater a erosão, o empobrecimento do solo, não se conservar o pouco de mato e não se plantar mais; se continuar o desmatamento como vem acontecendo, com o passar do tempo o solo estará supergasto e aí o agricultor não vai mais ter lucro com a lavoura, nem que ele tente, gaste, se encha de dívidas, pois isso não vai resolver nada se o solo já estiver todo destruído.

Rubens da Silva e Obiranez Tremea.
6ª série
E. E. de 1º G. Cacique Sepé
S. Pedro do Pontão

O leite de soja

Numa terça-feira a técnica Cláudia veio na nossa escola e passou uma receita como obter o leite de soja. Daí na véspera a Dirlene colocou a soja de molho. No outro dia fomos tirar a pele do soja, e ele estava inchado. Depois a professora Josete trouxe o liquidificador, botamos uma xícara de soja sem a pele e cinco xícaras de água e a professora ligou o liquidificador; esperamos 15 minutos e tiramos o leite de soja. Colocamos numa panela e levamos ao fogão para ferver. Após fervido, foi coado num pano fino para tirarmos o resíduo, fizemos docinhos de soja e o leite utilizamos para fazer arroz com leite.

Chegou a hora da merenda, cada aluno se serviu e saboreou. Que gostoso! - disseram os colegas e professores.

Elinton Tadeu Magni
3ª série
Escola Municipal Cônego Januário Barbosa
Polo I - Jóiá
Profª Josete Sangalli de Almeida.

A colheita

Quando chega a época da colheita todo mundo se preocupa em colher. Antigamente as pessoas levavam meses para colher o produto. Agora é mais rápido, o maquinário chega na lavoura e começa a colher. Num instante tudo termina, o trator atrás com o carretão já carrega o produto e leva para a Cooperativa.

Neste ano as pessoas quase não colheram nada porque teve uma seca grande que prejudicou os agricultores.

Dionéia Isabel Baisch - 9 anos
3ª série
Escola Municipal de 1º g. Inc. Bento Gonçalves
Profª Soele E. Weiss

O menino

Era uma vez um menino chamado Alex. Alex é um menino muito bom, ele tem doze anos e vai na quinta série. A professora dele é a Maristela. Alex gosta de sua professora.

Ele tem um cachorrinho chamado Zezé. Zezé sempre vai junto com Alex para a escola, mas Zezé não pode entrar na sala de aula.

Um dia, Alex e Zezé foram para casa e a mãe dele fez uma boa sopa e Alex e seu cachorrinho comeram.

Outro dia, Alex e Zezé foram tirar uma foto, que ficou uma graça. Zezé tirou a foto em cima do tapete e Alex em cima de uma árvore.

E outro dia, Alex e Zezé foram pegar as fotos e Alex pagou muito caro; ele pagou pelas fotos um mil cruzeiros reais.

Alex pegou as fotos e foi embora. A mãe dele adorou as fotos muito bonitas.

Lovane Ines Weiner
2ª série - 8 anos

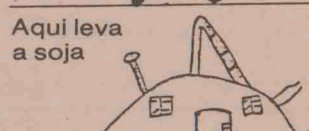
Aqui meu pai está colhendo e puxando para a Cotrijui.



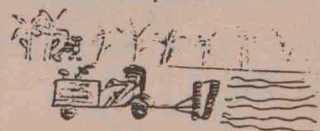
Está calcareando o solo.



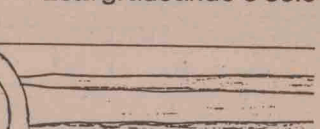
Aqui leva a soja



Estão carpindo o milho



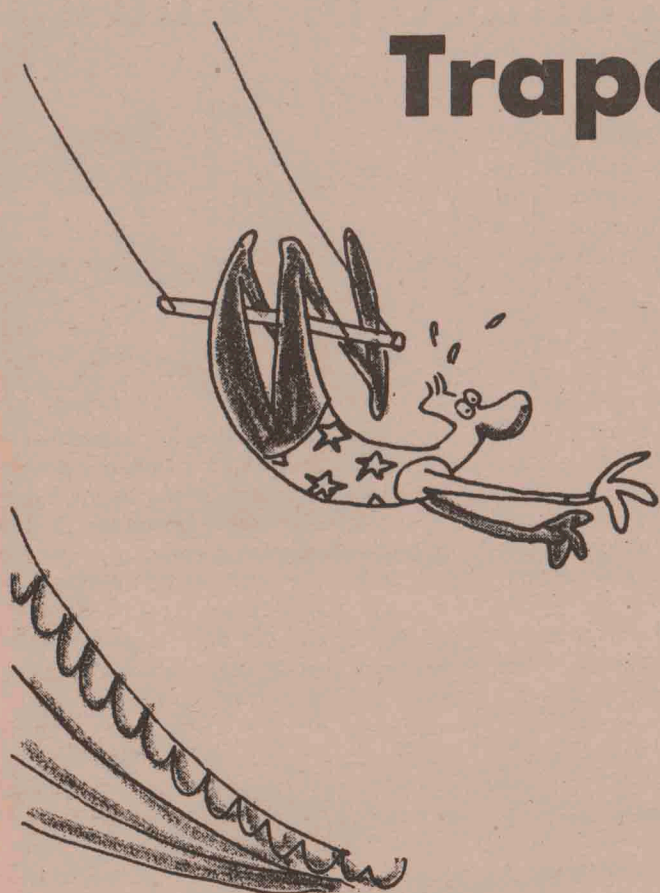
Está gradeando o solo



Valdomiro D. Dos Anjos
E. M. 1º G. Inc. Reinoldo Vecker
Rincão dos Pampas.

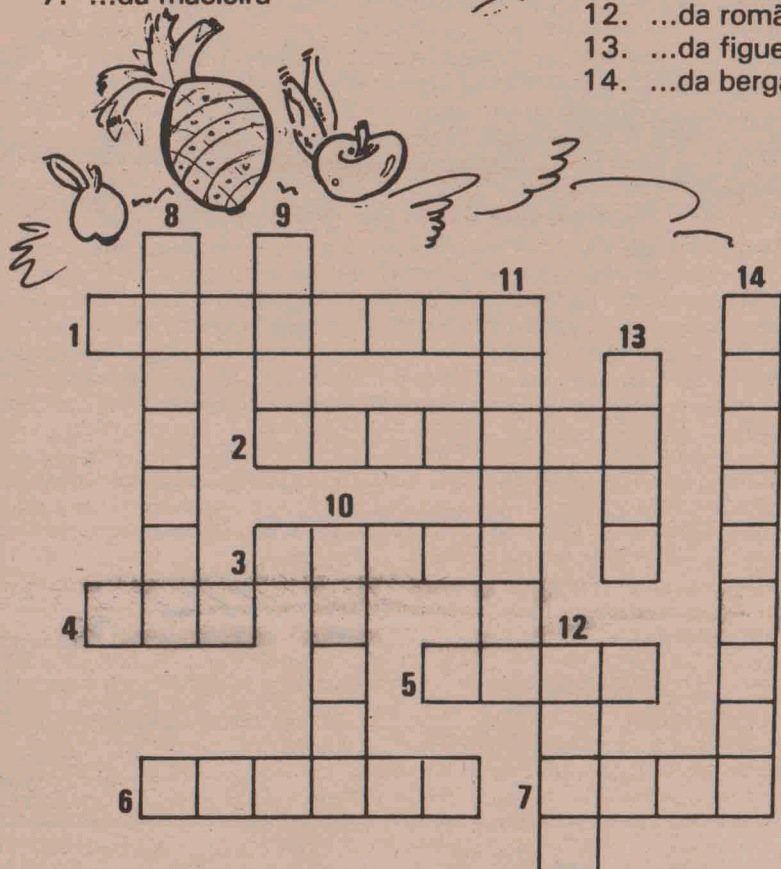
BRINCADEIRAS

Trapezista surpresa



Qual o fruto...

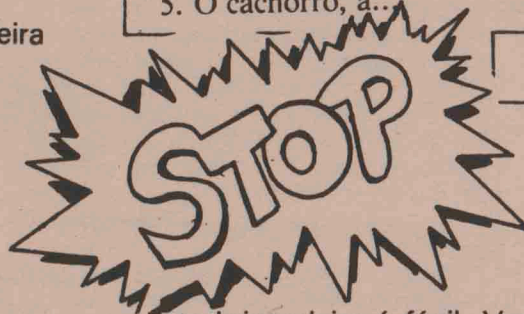
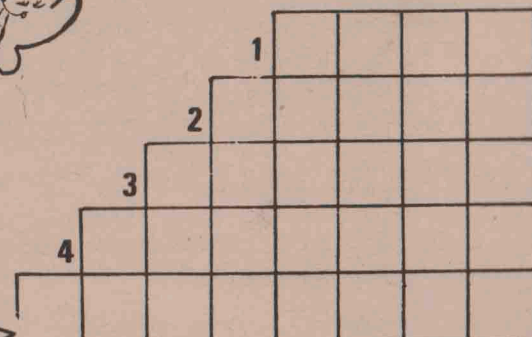
1. ...da melancia
2. ...do abacaxi
3. ...da mangueira
4. ...da noqueira
5. ...da pereira
6. ...da bananeira
7. ...da macieira
8. ...do pessegueiro
9. ...da jaqueira
10. ...da amoreira
11. ...do abacateiro
12. ...da romãzeira
13. ...da figueira
14. ...da bergamoteira



QUADRO DE PALAVRAS FEMININAS

Colaboração de:
Michela R. Espindola

1. O leão, a...
2. O ator, a...
3. O homem, a...
4. Os bonecos, as...
5. O cachorro, a...

Colaboração de:
Liciane da Silva Costa
E.E. Apeles Porto Alegre

Esta brincadeira é fácil. Você tem um minuto para completar os quadrinhos. Quem acabar primeiro, ganha a brincadeira.

CIDADES	FANTASIA	CARROS	PAÍSES	STOP
Pelotas	Palhaço	Monza	Paraguai	40

TOTAL

Observação: Em cada jogada, você tem que colocar uma palavra de cada. Depois, some seus pontos. Cada palavra vale 10 pontos.